

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

SOPHIA STELLA STAROSTA BUENO DE CAMARGO

**DIVAS, BELÍSSIMAS E VIVAS: MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO ENTRE
TRAVESTIS DO SUL DO BRASIL**

Porto Alegre

2019

SOPHIA STELLA STAROSTA BUENO DE CAMARGO

**DIVAS, BELÍSSIMAS E VIVAS: MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO ENTRE
TRAVESTIS DO SUL DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Sandrine Machado

Porto Alegre

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

(Fornecida pela biblioteca da UFRGS)

SOPHIA STELLA STAROSTA BUENO DE CAMARGO

**DIVAS, BELÍSSIMAS E AINDA AQUI: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DAS
PRIMEIRAS GERAÇÕES DE TRAVESTIS DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert

Prof^a. Dr^a. Analice de Lima Palombini

Prof^a. Dr^a. Amara Moira Rodvalho Fernandes Moreira

Prof. Dr. Henrique Nardi

Prof^a. Dr^a. Paula Sandrine Machado (Orientadora)

Porto Alegre
2019

À Maria Therezinha Tadday Starosta Z"L, minha avó e uma verdadeira diva do glamour, além de minha pessoa favorita no mundo inteiro, que viu o começo mas não o fim desta dissertação, por ter me ensinado a amar as pessoas mais velhas e a ouvir histórias.

À Rachel Thereza Dal Molin Z"L, minha tia avó e com quem divido voluntariamente o meu futuro título de mestre, uma mulher a frente de seu tempo que apenas não chegou nesta etapa acadêmica pelos caminhos às vezes tortos da vida, por ter me feito acreditar que eu era inteligente e me ensinado a amar livros.

A João W. Nery Z"L, um grande homem e grande pioneiro, pela maravilhosa conversa (e cigarro) partilhados durante a dissertação e o estímulo para concluí-la.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Marcelly Malta, Maitê, Claudia Pimenta e Ângela Maria, por terem me permitido captar um pouco de seu brilho e, acima de tudo, por terem me dado sua amizade, confiança e alguns momentos. Cada uma é mais do que uma entrevistada, é uma amiga e fonte de admiração. Que sorte eu tenho pelo cruzamento dos nossos caminhos.

Agradeço também à minha família: meu pai e companheiro de todas as horas, Augusto Bueno de Camargo, minha mãe, que me ensinou a jamais desistir, Tânia Starosta, à minha irmã e uma grande mulher (além de minha melhor amiga), Jaqueline Starosta Lembert, e ao meu irmão, que muito me ensinou a discutir as ideias, Vinicius Starosta Bueno de Camargo. Aos meus sobrinhos, que foram doçura em tempos de guerra, Ricardo e Isabela (em ordem de nascimento). Amo vocês e os levo em mim para todos os lugares.

Agradeço à minha orientadora, Paula Sandrine Machado, que foi a pessoa que acreditou em mim e me disse para entrar na academia, Por tudo que tu fez por mim e pela dissertação sempre.

Agradeço também à Prof^a. Cornelia Eckert e à Prof^a. Analice Palombini que fizeram parte da banca de qualificação do mestrado, e por tanto contribuíram imensamente para este trabalho com suas observações e recomendações.

Agradeço também aos meus amigos queridos (alguns de mais de 15 anos de amizade): Bianca Brochier, Ana Carolina Feijó, Alexandra Pernau, Vinícius de Sá, Antônio Potter, Alice Castiel, Filipe Matzembacher, Márcio Reolon, Priscila Froés, Fê Queiroz e Paula Agustoni.

A toda a equipe do PPG de Psicologia Social e Institucional, ao pessoal do CRDH e toda a galera linda do Nupsex. Faço menção especial ao Prof. Henrique Nardi e ao Prof. Luis Artur Costa e aos colegas: Cristiane Baratto, Ramiro Catelan, Mariana Junges, João Gabriel Maracci, Liziane Guedes, Flávia Magalhães, Fernanda Macedo, Vanessa Azambuja e Fabiano Barnart, e outros que a minha memória pisciana não me permitiu lembrar.

Agradeço à CAPES, pelo apoio através da bolsa concedida, sem a qual não seria possível me dedicar ao mestrado.

I also want to thank Gabrielle Bouchard, my second mother and my inspiration to be a battle unicorn despite anything and everything. I love you mom.

E finalmente agradeço ao meu amor, Maurício Agustoni, meu companheiro de todas as horas. Ele me inspirou com sua inteligência, força e doçura, e, acima de tudo, o seu amor. Também aguentou os meus piores momentos. Obrigada pelo amor, carinho, humor, cuidado, beijos, broncas, piadas de tio, comidinhas, vinhos, caretas e massagens. Te amo.

Por fim, obrigado a quem me lê a àqueles que vivem em mim.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

(Maurice Halbwachs, 2006, pg. 26)

RESUMO

Este trabalho investiga questões ligadas ao envelhecimento e memória entre travestis do Rio Grande do Sul. As sujeitas da pesquisa são travestis gaúchas, com idades entre 65 e 80 anos, em sua maioria brancas, de trajetórias variadas. Foram realizadas entrevistas em profundidade bem como observação participante em ambientes propostos pelas participantes no curso do trabalho de campo. O material que emergiu a partir do lugar de encontro geracional entre a pesquisadora e as entrevistadas é analisado sob uma ótica interseccional, na qual os conceitos de memória e narrativa de si dialogam com as noções de marcadores sociais de diferença e performatividade de gênero. A metodologia utilizada na pesquisa também se funde à criação artística literária, tanto no estilo adotado na escrita em geral, como, especialmente, na elaboração de quatro ensaios com base nas histórias de vida de cada uma das entrevistadas. Com esse aporte teórico-metodológico, buscou-se compreender como as travestis veem a si mesmas e/na passagem do tempo, ao narrarem suas trajetórias, e de que maneira seu discurso carrega tanto aspectos específicos das articulações de suas identidades individuais como questões geracionais ligadas à memória coletiva do grupo. A expressão “belíssima” revelou-se parte fundamental, pois, em sua polissemia, encontrou-se questões importantes sobre a maneira como as travestis constroem a si mesmas, marcam diferenças geracionais e preservam a memória de sua comunidade.

Palavras chave: Travestilidades, Memória, Envelhecimento, Geração, Performatividade de gênero.

ABSTRACT

This dissertation analyses the notions connected to aging and memory amongst travestis in Rio Grande do Sul. The subjects of this research are travestis gaúchas (natives from Rio Grande do Sul, Brazil), ages ranging between 65 and 80 years old, majoritarily white, with different trajectories. Research methods used were individual in-depth interviews as well as participant observation in environments selected by each person in the course of the fieldwork experience. The information that emerged between the encounter of two different generations between the researcher and the subjects are analyzed by the intersectionality perspective, in which the concepts of memory and self-narrative interact with the concepts of markers of social difference and gender performativity. The methodology used in the research also fuses itself to creative writing, on the general writing style of the general work, but also specially in the make of four written pieces based on the life story of each one of the four subjects. With this theoretical-methodological frame, we aim to understand how the travestis see themselves and/in the passing of time, when they narrate their personal trajectories, and in which way their narratives carries as much of their individual identities intersections as well as specific generational aspects connected with the collective memory of the group. The expression “belíssima” (that could be loosely translated as the equivalent of “drop dead gorgeous” in English speaking countries) reveal itself to be a fundamental part because in its polysemy could be found important concepts about the way that travestis construct themselves, mark different generations and preserve the memory of their community.

Keywords: Travestilidades, Transgender, Memory, Aging, Generation, Gender Performativity.

LISTA DE ABREVIATURAS

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans - Sigla que denomina politicamente as minorias em relação a gênero e sexualidade em uma sociedade heteronormativa cis.

Trans - Travestis, transsexuais, transgêneros. Pessoas cujo gênero é diferente daquele atribuído na hora do nascimento. Oposto de cisgênero.

Cis - Abreviatura do termo “cisgênero”. Denomina as pessoas que se sentem como se fossem do gênero do nascimento. Oposto de Trans.

Heteronorma - A norma, ou conceito e conjunto de práticas, que estabelece a heterossexualidade como o padrão, aquilo que de fato legítimo, verdadeira e natural. E por contraponto marginalizando qualquer variação de sexualidade que não seja heterossexual.

Cisnorma - A norma, ou conceito e conjunto de práticas, que estabelece a cisgeneridade como o padrão, aquilo que de fato legítimo, verdadeira e natural. E por contraponto marginalizando qualquer variação de gênero que não seja cisgênera.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 “PREPARANDO O CLOSE”: MAPEAMENTO DE PRODUÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO E TRAVESTILIDADE NO BRASIL E APRESENTAÇÃO DOS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	23
1.1 LOCALIZANDO A MARGEM DA MARGEM: UMA REVISÃO SOBRE ENVELHECIMENTOS, TRAVESTILIDADES, INTERSECCIONALIDADES E MEMÓRIAS	23
1.1.1 Estudos sobre envelhecimento, geração e população LGBT ...	25
1.1.2 Os estudos sobre travestis no campo das pesquisas sobre corpo e saúde	29
1.2 OPERADORES CONCEITUAIS DA PESQUISA	32
1.2.1 A memória e o tempo	32
1.2.2 Interseccionalidades, articulações e a produção de si	35
1.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	37
1.4 QUEM TEM MEDO DE POLISSEMIA? A CATEGORIA TRAVESTI E A “SOPA DE LETRINHAS”	43
2 “E AGORA É QUE SÃO ELAS!”: APRESENTANDO AS DIVAS EM QUATROS ENSAIOS LITERÁRIOS.....	54
2.1 “LUZ, CÂMERA E AÇÃO!”	57
2.2 MATINÊ I - PRIMEIRO ENSAIO - MARCELLY.....	57
2.3 MATINÊ II - SEGUNDO ENSAIO - CLÁUDIA	65
2.4 MATINÊ III - TERCEIRO ENSAIO - MAITÉ	75
2.5 MATINÊ IV - ENSAIO QUATRO - ÂNGELA MARIA	83
3 “ESPELHO, ESPELHO MEU...EXISTE ALGUÉM MAIS BELÍSSIMA DO QUE EU?”: CORPO, TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS	91
3.1 “SÓ ISSO E DEU”: AS BELÍSSIMAS E A NATUREZA	94
3.2 “BICHA SEMPRE TEM ARTE”: A PERFORMANCE DE UMA BELÍSSIMA OU QUANDO AS BELÍSSIMAS ENCONTRAM JUDITH BUTLER	99
3.3 “UMA MULHER MAIS PERFEITA QUE UMA MULHER NORMAL”: O FEMININO ALÉM DO FEMININO NAS BELÍSSIMAS	104

3.4 BELÍSSIMA É SUCESSO: EUROPÉIAS, BENS, DIREITOS E ASCENSÃO SOCIAL.....	112
3.5 A ÉPOCA DAS BELÍSSIMAS: “NÃO SE FAZEM MAIS BELÍSSIMAS COMO ANTIGAMENTE”. BELÍSSIMAS COMO FORMA DE MARCAR A PASSAGEM DO TEMPO.....	115

4 PIONEIRAS, ATÉ NA HORA DE ENVELHECER: ENVELHECIMENTOS E TRAVESTILIDADES..... 119

4.1 “SÓ EU QUE FIQUEI PRA CONTAR A HISTÓRIA”: ENVELHECER É SOBREVIVER.....	120
4.1.1 Marcos temporais da geração: HIV/AIDS e ditadura	124
4.1.2 Que corpos podem envelhecer? Negritude e travestilidade ...	126
4.2 VELHICE, ÉPOCA DE DESCANSO? REFERÊNCIAS DE VELHICE PARA AS TRAVESTIS	129
4.2.1 Uma doce senhora: o ser senhora e a velhice “normal”	133
4.3 “NO MEU TEMPO”: ENVELHECIMENTO E GERACIONALIDADE.....	136
4.3.1 ”Direitos iguais, e dores iguais: a solidão na velhice entre travestis”	140

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EXISTE UMA PRIMEIRA DE NÓS?..... 145

REFERÊNCIAS..... 150

INTRODUÇÃO

« Je suis toutes les femmes
 Je vis vos joies et vos mélodrames
 Je suis sentimentale et parfois femme fatale aussi
 Que l'on me condamne si mon cœur s'enflamme
 Devant les projecteurs
 Qui me visent en plein cœur chaque nuit
 Je suis toutes les femmes
 Je chante je danse c'est tout un programme
 Je suis reine du disco et l'amie de Pierrot aussi
 Que l'on me pardonne lorsque je me donne
 Et je vis mes chansons à travers les saisons de ma vie
 Je suis toutes les femmes
 J'aime les paillettes, les strass, les télégrammes
 Les soirées de première puis la une et la der aussi
 Et ma vie de star finit dans le noir
 Quand les lumières s'éteignent
 Et le silence règne dans la nuit
 («Je suis toutes les femmes», Dalida)¹

Em mais um pequeno sebo mal iluminado - porque eles sempre são mal iluminados - pelas ruas do centro de Porto Alegre, e previamente preparada para enfrentar minha alergia a pó tendo tomado uma pílula de antialérgico, eu me sento, mais uma vez, no chão, sem cerimônia, e folheio rapidamente a pilha de revistas antigas. A maioria das revistas que aí encontro são edições das “Manchetes” das décadas de 70 e 80. Essas são as melhores. Se disserem Carnaval na capa, pego sem nem abrir. Nessas sempre tem. As outras precisam ser folheadas antes de serem compradas, mas valem quando, vez ou outra, normalmente edições dos anos 80, tem alguma notícia que me serve. Como são consideradas, ao contrário das “Playboys” antigas, lixo, são baratas. Isso para quem se dignar a ir nos sebos pessoalmente, e procurar nas pilhas largadas sem cerimônia ou cuidado. Se

¹ “Eu sou todas as mulheres

Eu vivo suas alegrias e seus dramas
 Eu sou sentimental e às vezes mulher fatal também
 Que eles me condenem quando meu coração se inflama
 Diante dos projetores
 Que me vejam com o coração aberto toda as noites
 Eu sou todas as mulheres
 Eu canto, eu danço, é todo um espetáculo
 Eu sou a rainha da Disco e a amada do Pierrot também
 Que eles me perdoem quando eu me dou
 E eu vivo minhas canções atravessando
 as estações da minha vida
 Eu sou todas as mulheres
 Eu amo as lantejoulas, strass, telegramas
 As noites de estréia e também a última apresentação
 E minha vida de estrela acaba no escuro
 Quando as luzes se apagam
 E o silêncio reina na noite”

(“Eu sou todas as mulheres”, Dalida) - Tradução livre do francês pela autora

for num site estilo Mercado Livre são caríssimas. Por isso, sempre que estou no centro e tenho algum tempo, tento comprar alguma. Alguns adquirem esses exemplares querendo achar evidências de vida em outros planetas. Eu, tentando preservar as evidências de vida trans nesse planeta. E não me venham com essa ladainha de que antigamente não existia nada disso. Eu tenho prova em papel, a cores e com ano de edição.

Foi assim que, muitos anos atrás, eu observava os corpos impressionantes, e a beleza digna de divas do cinema da época de ouro de Hollywood, de algumas travestis e transexuais que apareciam em enormes fotos coloridas, as vezes em uma página inteira ou pôster, nas revistas Manchete dos anos 70 e 80. Seus rostos e seus nomes exóticos (“Perla”, “Gungala”, “Tuca Rubirosa”, “Gal Matarazzo”, “Brigitte de Búzios”.) me fascinavam, tanto pela já referida beleza e feminilidade e glamour, mas também pelo motivo já mencionado: prova de vida trans, e registro de como tal vida era, anterior à redemocratização do país e “ao avanço da ciência” e “declínio da moral”. O véu da invisibilidade da narrativa de “No meu tempo não existia isso” foi levantado, e só não foi rasgado porque poderia servir pra fazer um ótimo vestido.

Uma vez conversei a respeito disso com uma das pessoas que mais admiro, meu pai, e ele me contou que se lembra de ter visto as travestis que se prostituíam na antiga caixa d’água, no bairro Moinhos De Vento, quando ele era jovem. Acrescentou que se lembrava de alguma notícia, quando era ainda adolescente, sobre La Coccinelle, primeira figura pública transexual da Europa. Começo a descobrir muitos rostos, nomes e pessoas, muito anteriores ao que aparecia em minhas Manchetes. Devoro biografias de transexuais pioneiras como Marie-Pierre Pruvot (“Bambi”), April Ashley, Romy Haag. Leio sobre o cabaret “Le Carrousel” de Paris, sobre o “Finnocchio’s” e o “Club 82” nos Estados Unidos.

Quando morei em Montreal, em 2013, conheci por acaso, em um evento, Marie-Marcelle Goudbout, uma simpática senhora e avó, bem como uma das primeiras pessoas a realizar uma cirurgia de redesignação sexual na província de Quebec, e a primeira ativista trans da região. Nessa época ainda, ganhei de presente de um amigo o livro “C’était du Spetacle”, da autora canadense Viviane Namasté, que conta as histórias sobre as primeiras gerações de trans do Québec, como Marie-Marcelle e Kim Wood. Mantenho contato com Marie-Marcelle até voltar ao Brasil. Alguns anos depois, como presente de aniversário, recebi em DVD, dos meus amigos Filipe e Márcio, um documentário vencedor do prêmio Teddy do Festival de Cinema de Berlin, chamado “Bambi”. O filme conta a vida de Marie-Pierre, uma pioneira ao lado de Coccinelle, artista de cabaret sob o nome artístico “Bambi”, professora, escritora e uma das minhas heroínas. Um lindo filme e um dos meus registros favoritos sobre pessoas trans de todos os tempos.

Se historicizar as identidades nos informa que, logicamente, não existe “uma transexualidade” ou “uma travestilidade” e que as experiências de hoje não são as mesmas do que anos antes, por outro lado é possível afirmar que havia pessoas vivendo com gêneros diferentes daquele designado por sua cultura no momento do nascimento, sendo que muitas dessas pessoas realizaram modificações em alguma parte do seu corpo nesse processo. Essas experiências foram as pioneiras de um caminho, seja das subjetividades travestis e trans ou das transições mediadas medicamente, que se estendem, e também se modificam, até chegarmos ao que temos hoje. “Existe uma história de pessoas assim, então”, eu pensava, extasiada. Não somos alienígenas desconectadas da história, inaugurando um caminho solitário. Fazemos parte de uma certa “ancestralidade”. Outras e outros abriram as portas para que nós pudéssemos passar (em mais de um sentido da palavra, ironicamente²) mais facilmente, anos depois.

Algo, porém, ainda me intrigava em meio às minhas descobertas: e o Rio Grande do Sul? E o nosso contexto local, como se situava naqueles registros que encontrei? Alguma belíssima simplesmente caiu de paraquedas no caminho para Casablanca por aqui? Ou gaúcho não tem “dessas coisas”? Quem foram as nossas pioneiras locais, as nossas divas? Como inscreveram seu corpo e suas vidas por esses lados? As que ainda estão por aqui, onde estão? Como honrar tais legados, se nem as conhecemos direito? Lembro de uma frase de minha avó Terezinha: “Quem não tem passado, não tem futuro”. Faz-se, assim, para mim, urgente registrar parte dessas histórias.

Este é um passo, um dos vários, para preservar e lembrar desse passado, para que também possamos constituir um futuro. E se elas, as pioneiras, existiram, por isso hoje nós resistimos. Ou melhor: se elas um dia resistiram, hoje nos é dado o direito de existir. Este trabalho é, portanto, uma homenagem e uma reverência ao nosso passado coletivo.

As trajetórias de transexuais e travestis foram registradas algumas vezes sob o viés jornalístico, em entrevistas ou na história de algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) do Rio Grande do Sul. Um desses registros foi a exposição "Uma cidade pelas margens", inaugurada no dia 18 de Novembro de 2016 e

² O conceito de passabilidade será retomado nesta dissertação, adiante, de maneira mais completa. Refere-se a uma expressão utilizada no meio trans e LGBT, quando uma pessoa que tem um gênero diferente daquele dado na hora do nascimento (trans) porém aparenta ser uma pessoa cujo gênero sempre foi oficialmente igual ao mesmo dado na hora de nascimento (cisgênero). Ou seja, ela/ele “passa”, é uma pessoa trans (abv.) que é lida socialmente como cis (abv.). A expressão original é anterior os termos trans e cis e vem da ideia de ter sucesso ao “passar-se por” homem ou mulher “biológicos”, “passar por mulher ou homem de verdade”, “parecer mulher de verdade”, etc. Atualmente, a expressão é bastante utilizada nessa outra apreensão: no contexto de se ter ou não “passabilidade cisgênera”, inclusive apontando para uma condição privilégio entre pessoas trans.

organizada em parceria pela ONG Nuances³, a Liga Brasileira de Lésbicas do Rio Grande do Sul⁴ (LBL-RS), o Laboratório de Políticas Públicas Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS), o Curso de Graduação em Museologia e mais o Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), ambos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na exposição, a história de vida de Marcelly Malta (coordenadora da ONG Igualdade) aparece contada por ela mesma em vídeo.

Foi, inclusive, nessa ocasião que conheci Maitê, ou que conversamos pela primeira vez. Eu já tinha ouvido falar de alguns nomes das costumeiramente chamadas de "divas pioneiras", mas praticamente nenhuma delas era negra. Em cada foto da exposição, apareciam retratados milhares de rostos até então novos para mim, muitas desfilando no Carnaval de Porto Alegre, sob um frisson digno de *Josephine Baker*. Havia uma rede ali, que eu desconhecia. A constelação, então, era bem maior do que eu imaginava.

Muitas compartilharam o mesmo tempo político e histórico, mas traçaram percursos repletos de diferenças. Afinal, que diferenças foram essas? Como as constituíram? Quais marcadores sociais de diferença (como raça, classe, escolaridade e geração) se articulam às suas trajetórias, e de que modo incidem em suas formas de existência, sobrevivência e construção do corpo? Como a experiência da raça constitui e modifica a da travestilidade, e vice versa? E o fato de fazer show, ou rua, ou ambos? E ter ido para a Europa? Como, nesses processos, inscrevem-se alguns marcos históricos importantes, como a ditadura e o surgimento do HIV-AIDS? Finalmente, nesses enredos da memória, o que significa para elas ser "bela", "belíssima", "diva"?

O registro da história dessas travestis é extremamente importante, afinal, são pessoas que marcaram uma geração, tanto por serem consideradas pioneiras em aspectos políticos - como através do envolvimento com a emergência da militância e do movimento social de travestis e transexuais em âmbito regional e

³ O "Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual" é uma ONG que atua em Porto Alegre/RS, desde 1991, promovendo e defendendo os direitos civis, políticos e sociais da população LGBT, bem como atividades diversas nas áreas de educação, cultura, comportamento, informação e comunicação. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/nuanceslgbts/>

⁴ "A Liga Brasileira de Lésbicas é uma expressão do movimento social, de âmbito nacional, que se constitui como espaço autônomo e não institucional de articulação política, anti-capitalista, anti-racista, não lesbofóbica e não homofóbica e de articulação temática de mulheres lésbicas e bissexuais, pela garantia efetiva e cotidiana da livre orientação e expressão afetivo-sexual." Disponível em: <http://lbnacional.wordpress.com/>

nacional - como por terem resistido a um período histórico extremamente violento como a ditadura, desafiando diversas barreiras sociais, sendo cobaias de processos biotecnológicos, realizando pelas primeiras vezes inéditos trânsitos de gênero e transnacionais, altamente regulados pela sociedade e pelo Estado, inclusive do ponto de vista legal. Tudo isso para viverem suas vidas e sobreviverem a deslegitimações, riscos e violações de direito, bastante presentes nas trajetórias de quem transgride as normas de gênero e sexualidade. Se, ainda hoje, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo⁵, mais que apenas divas, cada uma delas é uma verdadeira sobrevivente.

Além da importância do registro, este trabalho visa contribuir em um campo de produções ainda tímido, ao se dedicar à análise de aspectos relacionados à passagem do tempo e ao envelhecimento, bem como do modo como esse processo se articula a marcadores que produzem diferenças e também desigualdades na vida de uma população específica, no caso, as travestis. Parte-se do pressuposto de que tal população vivencia tanto o envelhecimento como a articulação de diversos marcadores de forma particular, e a partir de uma relação específica com as normas sociais, pois as travestis se situam frequentemente na “margem da margem”.

No que se refere às produções acadêmicas, o tema se coloca em uma interface de lacunas: nas pesquisas sobre envelhecimento, normalmente as travestis nem são incluídas, visto que essas raramente tratam daqueles sujeitos que não se enquadram na cisheteronorma⁶. Nos trabalhos sobre envelhecimento voltados à população LGBT, o "T" (travestis, transexuais e transgêneros) é minoritário - sugiro, inclusive, que se coloque em letra minúscula de uma vez, já que a maioria dos estudos existentes trata das experiências de homens gays cisgêneros, com uma

⁵ Segundo dados, relativos de 2012 a 2017, apresentados pela ONG “Transgender Europe (TGEU)”, rede europeia de organizações que mapeia os assassinatos e crimes contra a população trans no mundo. Disponível em: <http://transrespect.org/en/tdov-2017-tmm-update/>

⁶ O termo cisgênero denomina a pessoa que se identifica com o gênero atribuído no nascimento, sendo, portanto, oposto e complementar ao termo transgênero. “Heteronormatividade é uma palavra utilizada para designar a norma heterossexual pela qual se pressupõe que todas as pessoas são heterossexuais e assim permaneceram o resto da vida. A junção cisheteronorma denuncia que a normalidade não é só heterossexual ou só cisgênera, mas que em alguns casos seus efeitos são possíveis de serem analisados em conjunto” (BONASSI, 2017, p. 39). A cisheteronorma é uma articulação entre os conceitos de normalidade estabelecidos com base na matriz heterossexual e cisgênera, regulamentando as expressões de sexualidade e gênero através de uma aproximação ou distanciamento deste modelo, chamado de cisheteronorma. A autora Viviane Vergueiro (2016) detalha mais sobre os processos da cisheteronorma em sua dissertação de mestrado intitulada “Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade”.

parcela também significativamente menor de abordagens sobre mulheres lésbicas. Finalmente, os trabalhos sobre o envelhecimento de mulheres também excluem as travestis. Desse modo, a velhice travesti parece ser, além de rara numericamente, por causa das baixas expectativas de vida da população trans, ainda quase que triplamente mais invisibilizada do que as outras citadas.

Há, ainda bem, uma emergência de trabalhos, que serão retomados adiante, sobre o envelhecimento das pessoas trans e travestis na academia e sobre as trajetórias de nossas pioneiras e divas. Inclusive em outros meios, como é o caso do lindo filme “Divinas Divas”, de 2016, da atriz e diretora Leandra Leal, que conta as histórias de travestis cariocas (com Rogéria, Valéria, Marquesa, Brigitte de Búzios, Camille K., Jane de Castro e Eloína). Inclusive vi esse documentário mais de uma vez, duas delas com entrevistadas desta pesquisa.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo são apresentados os objetivos e intenções da pesquisa, como foram achadas as sujeitas, o perfil das sujeitas selecionadas, no que consistiram as entrevistas e etnografia. Basicamente é apresentada toda a metodologia científica da pesquisa, tanto antes do campo como depois. Também são apresentados os operadores conceituais e teóricos que foram usados, explicando os diferentes conceitos e fazendo uma revisão bibliográfica dos tempos. Também foi feita uma revisão bibliográfica dos trabalhos que tratam de envelhecimento e travestis, onde tais obras são explicadas e relacionadas com a pesquisa. Por fim, apresenta-se uma discussão sobre a terminologia travesti e contextualiza-se a discussão em relação ao contexto desta pesquisa e das sujeitas, e quais termos usaremos nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo falamos um pouco mais das sujeitas, explicando a importância da literatura e a inevitabilidade da ficção nas narrativas biográficas, além da importância da escrita criativa para tentar trazer as quatro entrevistadas e suas vozes para o trabalho. Por fim, foram escritos quatro ensaios literários com muitos trechos das entrevistas, onde as divas falam de suas trajetórias, e a autora tenta descrever quem foram e são estas mulheres, e a relação que surgiu no campo entre elas. Os ensaios são divididos sob o título de *Matinês*, e cada ensaio é dividido em duas partes, cada uma batizada com o nome de um filme da era de ouro do cinema americano onde atua uma grande diva, para trazer glamour e arte para a dissertação.

No terceiro capítulo, uma discussão surge a partir do termo “Belíssima”, presente nas narrativas e fala de todas as sujeitas. O termo revela-se polissêmico, ligado especialmente ao ato de narrar o passado. Belíssima pode significar uma beleza natural, uma beleza glamourosa e fora do padrão, uma beleza e um gênero artificialmente construído, uma padrão de beleza pertencente a uma geração, ser uma travesti de sucesso e que teve experiência fora do país, e por fim, uma forma de marcar o tempo passado e expressar carinho e homenagem para companheiras que já morreram.

O quarto capítulo continua com o tema da passagem do tempo, mas desta vez explorando o que significa a velhice para as sujeitas. A velhice como noção de ter sobrevivido e permanecido mediante épocas históricas complicadas, como a ditadura militar e a epidemia de HIV-AIDS. Especialmente quando tais corpos são marcados pelas questões de raça, como a negritude. A questão da troca geracional, através da figura da pesquisadora, é explorada. Também analiso os diferentes modelos de referência sobre a velhice de cada entrevistada, comparando-os com os modelos de envelhecimento do público não trans. O modelo da senhora, os perigos de estar fora da norma de gênero e sexo mesmo na velhice, as estratégias de sobrevivência, o enfrentamento da solidão e a capacidade de negociar também fazem parte do envelhecer destas sujeitas.

A opção do anonimato na dissertação, através da adoção de um pseudônimo, foi oferecida para todas as entrevistadas e nenhuma aceitou. Algumas expressaram serem pessoas públicas e conhecidas demais para isso, inclusive bastante orgulhosas de suas trajetórias. Também havia um consenso geral de que todas já haviam passado da idade de se importar com a opinião de outras pessoas. Uma entrevistada disse até que “estava velha demais” para se importar com ser identificada por alguém. Expressões como “a essa altura da vida...”, surgiram de diversas formas na conversa com várias delas. Mesmo a entrevistada que vive atualmente em completo anonimato quanto ao seu passado, algo importante inclusive do ponto de vista da segurança pessoal, apenas pediu que não houvessem registros fotográficos dela atualmente, mas que não se importava que expusesse seu nome.

O brilho faz parte de ser uma estrela, afinal.

1 “PREPARANDO O CLOSE”: MAPEAMENTO DE PRODUÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO E TRAVESTILIDADE NO BRASIL E APRESENTAÇÃO DOS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O objetivo da presente pesquisa é analisar a forma como as travestis lidam com a passagem do tempo, tanto no que se refere ao corpo, como no modo como constroem os marcadores de envelhecer e se relacionam com as memórias. Busco analisar não apenas os elementos acionados para olharem para si mesmas, mas ao mesmo tempo aqueles que se enredam em uma memória coletiva de ser travesti, atenta aos diversos marcadores de diferença que se articulam em suas experiências.

Este capítulo funciona como se entrássemos num teatro pela porta dos fundos e, então, caminhássemos, lentamente, pelos bastidores até chegar à plateia, passando e observando toda a parte técnica, o trabalho de construção do dia-a-dia, até terminar com a parte do entretenimento. Começarei com uma breve revisão dos trabalhos realizados sobre envelhecimento e travestilidades no Brasil, dando especial atenção às intersecções relevantes entre esses dois campos e destacando produções pertinentes a esta pesquisa.

Logo em seguida, serão expostos os conceitos-chave da pesquisa, como memória, envelhecimento, produção de si e interseccionalidades/categorias de articulação, os quais orientaram as análises dos próximos capítulos. Após a revisão dos conceitos, será apresentada a metodologia utilizada na pesquisa: como foram contatadas as sujeitas, como foram feitas as análises, os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, entre outros elementos.

1.1 LOCALIZANDO A MARGEM DA MARGEM: UMA REVISÃO SOBRE ENVELHECIMENTOS, TRAVESTILIDADES, INTERSECCIONALIDADES E MEMÓRIAS

Para analisar as trajetórias e narrativas autobiográficas das travestis pioneiras do Rio Grande do Sul, primeiramente, é necessário apresentar alguns conceitos, tais como envelhecimento e memória, e o modo como compuseram este estudo. Estamos tratando especificamente de travestis, uma população que conhecidamente

despertou e ainda desperta muito desejo⁷, o que, entre outras questões, gerou, por parte de diversos pesquisadores, uma série de trabalhos acadêmicos, no Brasil, a partir dos anos 80. Assim, é necessário também situar esta pesquisa em meio a essas outras produções sobre o tema.

Também é fundamental, para abordar o objeto da presente dissertação acionar os conceitos de interseccionalidade e construções de si, pois eles nos ajudam a compreender as trajetórias e experiências das sujeitas em questão. Costumo dizer que elas se encontram na “margem da margem”, afinal, se situam na intersecção de diversos marcadores, e também estigmas, como serem simultaneamente idosas e travestis, além de serem atravessadas por outros eixos de diferenciação importantes na vivência da travestilidade e da velhice, como classe, raça, trânsitos de fronteiras nacionais, etc.

Os trabalhos sobre pessoas trans na terceira idade não são muitos, mas felizmente existem e têm emergido mais nos últimos anos. Também é necessário dizer que há diversos trabalhos sobre o envelhecimento, tanto da população masculina quanto feminina. Alguns desses estudos serão citados nesta pesquisa ao tratarmos dos conceitos de tempo e memória, mas, de maneira mais sistematizada, não serão discutidos por mim neste capítulo. Faço referência a eles, aqui, de modo a situar a pesquisa em um campo mais amplo de produções⁸, mas resolvi começar minha revisão pelos estudos de envelhecimento especificamente relacionados à população LGBT. Este subcapítulo se propõe, portanto, a elaborar uma breve revisão bibliográfica dos estudos sobre envelhecimento LGBT, realizados por outros pesquisadores e, finalmente, a desenvolver os conceitos que serão utilizados neste estudo: tempo, memória, marcadores sociais de diferença e construção de si.

⁷ A produção acadêmica também é motivada pela paixão, o desejo, e o fetiche. Com a diferença que, ao contrário do cliente da prostituição, o pesquisador geralmente não oferece nenhum pagamento. Isso talvez explique certa relutância das novas gerações de travestis em participar de pesquisas acadêmicas. É interessante pontuar que embora o Brasil seja o país que mais mate travesti e transexuais no mundo (segundo a *ONG Transgender Europe*, conforme será retomado de maneira mais detalhada adiante), uma pesquisa conduzida por um grupo de pesquisadores e analistas ligados a um dos maiores sites de vídeos pornográficos gratuitos do mundo (o *PornHub*) revela que segundo os dados do site, o Brasil é também o segundo maior consumidor de pornografia com pessoas trans do mundo (perdendo somente para Argentina). Fonte da pesquisa: <https://www.pornhub.com/insights/transgender-searches>

⁸ Os estudos sobre a velhice, notadamente de Gilberto Velho e Guita Debert, são extremamente valiosos, mas praticamente não pensam sobre as questões do envelhecimento em relação a diversidade de gênero e sexualidade. As produções que tratam das questões do envelhecimento relacionado aos temas de diversidade sexual e de gênero são mostrados no parágrafo seguinte da dissertação.

1.1.1 Estudos sobre envelhecimento, geração e população LGBT

Estudos de gênero e sexualidade, notadamente nas ciências sociais e educação, têm falado sobre o envelhecimento de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Os estudos sobre velhice LGBT são, contudo, majoritariamente sobre homens gays. Embora também recentes, encontramos inúmeros trabalhos sobre o envelhecimento e a homossexualidade masculina, como vemos em Simões (2011), Paiva (2009), Henning (2008, 2014, 2016), Mota (2009), Neman do Nascimento (2013), Pocahy (2011), Passamani (2013), Saggese (2015), Duarte (2013), Kerry dos Santos (2012), entre outros. Tais estudos começam a explorar a velhice daqueles dissidentes da norma da heterossexualidade, quase sempre invisibilizados nos estudos sobre envelhecimento:

Penso que, num sentido convergente a Britto da Motta, com mais razão, poder-se-ia apontar as lacunas nos estudos sobre geração e sexualidade e, num grau mais elevado ainda de dissociação, nos estudos sobre geração e sexualidades periféricas, as quais divergem do ideal normativo da matriz heterossexual, familista por definição [...] Se consultarmos os estudos sobre velhice no Brasil, verificaremos, como regra geral, o silêncio a respeito do envelhecimento homossexual (PAIVA, 2009, p. 199).

Conforme salienta Pocahy (2011), as relações interseccionais entre as homossexualidades e a idade parecem ser o eixo central da maioria desses trabalhos. A solidão dos mais velhos, “as irenes”, como são chamados muitas vezes os gays mais velhos nas gírias do mundo LGBT, bem como os conflitos geracionais entre os homens gays mais velhos e os mais jovens, as consequências da valorização da juventude no meio LGBT para quem está envelhecendo ou envelheceu, os espaços de sociabilidade, as relações afetivas e familiares, entre outros, estão entre os assuntos mais recorrentes nessas pesquisas.

Nota-se, porém, que, entre os estudos sobre o envelhecimento LGBT, existe uma “margem da margem”. Se produções como as citadas acima, sobre o envelhecimento de homens cis gays, parecem ainda poucas, é visível a diferença em relação às pesquisas sobre o envelhecimento de lésbicas cis. Algumas produções brasileiras de destaque nesse campo ainda pouco explorado são Lima (2006), Moraes (2010) e Lacombe (2010). Se o envelhecer pode, em determinados contextos, envolver certa invisibilidade, quando articulado a uma sexualidade não-heterossexual experienciada por mulheres, sofre um apagamento ainda maior. Em

sua pesquisa sobre o envelhecimento de mulheres lésbicas, Andrea Moraes Alves (2010), aborda o tema da invisibilidade da velhice lésbica:

Considerando que estamos nos referindo à homossexualidade feminina, cujos espaços sempre foram mais restritos do que os masculinos, podemos compreender o quanto essas narrativas muitas vezes nos falam da quase ausência de lugares. Uma metáfora perfeita para a invisibilidade da homossexualidade feminina. Não obstante, a homossexualidade foi vivida por elas, espaços foram construídos para essa experiência e são hoje material para a narrativa (ALVES, 2010, p. 219).

Nessas pesquisas, as relações entre velhice e sexualidade assumem outros contornos. Enquanto os estudos sobre idosos gays falam muito do estigma da velhice e da valorização da juventude para o exercício de sexualidade, as mulheres lésbicas parecem não partilhar da mesma fascinação pela juventude, sendo que as mulheres mais velhas costumam ser mais bem aceitas, inclusive como parceiras sexuais, pelas gerações mais novas. A relação entre a sexualidade lésbica e a juventude, portanto, aparece como extremamente diferente da relação entre a juventude e a sexualidade gay (ALVES, 2010).

A escassez de estudos sobre a velhice LGBT se torna ainda mais evidente quando nos referimos aos estudos sobre envelhecimento entre travestis e transexuais. Identificam-se, nesse campo, poucos trabalhos, com destaque para Siqueira (2004, 2009) e Antunes (2013), que podem ser considerados como estudos pioneiros a falar da experiência do envelhecimento de pessoas trans, mais especificamente de travestis.

A produção de Mônica Siqueira é a mais antiga que encontrei com esse recorte: tanto sua dissertação de mestrado (2004) como sua tese de doutorado (2009) tiveram como interlocutoras senhoras travestis da cidade do Rio de Janeiro. “Sou senhora” (2004) e “Arrasando Horrores” (2009) são cuidadosas e consistentes análises que retratam as travestis ditas pioneiras, mais especificamente do Rio de Janeiro. Muito do que foi se levantando como questão teórica e metodológica para o presente trabalho, foi inspirado no trabalho de Siqueira, como a utilização de imagens e da “etnografia da duração” (que será tratada mais adiante no capítulo sobre os operadores teóricos). Em seu estudo de mestrado, a autora faz uso de diário de campo, além de entrevistas com as sujeitas, abordando sua relação com a cidade, sobretudo a Lapa, além do recurso de fotos como potencialmente interessantes para a evocação das memórias (SIQUEIRA, 2004). A pesquisa

também apresenta aspectos bastante interessantes sobre o envelhecimento dessas travestis, salientando que elas se sentem orgulhosas de serem percebidas como “senhoras” e procuram tal categoria como forma de prestígio nas suas comunidades e estratégia para circulação e interação social pela cidade.

A dissertação de mestrado de Pedro Paulo Antunes (2010), que culminou no livro “Travestis envelhecem?” (2013), é outro marco extremamente importante nos estudos do envelhecimento na população travesti. Através de entrevistas com três sujeitas, duas acima de sessenta anos e uma acima de quarenta, o autor analisa alguns fatores importantes: a noção do envelhecimento precoce da população de travestis quando comparada ao resto da população cisgênera, a sociabilidade própria através das travestis mais velhas como mães ou mentoras das mais jovens, além das violências constantes em todas as narrativas biográficas. As noções do envelhecimento em corpos marginalizados é bastante evocada, apontando para a difícil sobrevivência das travestis até chegarem a um estado de velhice, e ainda expostos a diversas formas de silenciamento e invisibilidades. Ainda assim, o autor não deixa de mostrar essas mulheres como exemplos de resistência e história para as travestis mais jovens, afinal, como ele indica, elas são detentoras de conhecimento e estratégias sobre como viver nos seus contextos sociais.

Dentre as produções mais contemporâneas, destaco a pesquisa de 2012 feita por Mountian e colaboradores (2012) e o subsequente artigo baseado na mesma feita por Mountian (2015), além da dissertação de mestrado de Lorena de Oliveira (2017). A primeira aborda a questão em uma dimensão nacional, enquanto que a segunda desenvolve uma pesquisa no contexto de Belo Horizonte, Minas Gerais.

A pesquisa “Travestilidade e Envelhecimento” (MOUNTIAN et al., 2012) foi uma colaboração interestadual feita em 2012, com caráter qualitativo, na qual foram entrevistadas travestis e transexuais consideradas idosas (acima de 45 anos). Teve o relatório elaborado em 2012 e o artigo dela derivado, “Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração”, publicado em 2015 (MOUNTIAN, 2015). A pesquisa busca entender a experiência da velhice no universo trans em uma perspectiva nacional, enfrentando discussões extremamente importantes como a transfobia (preconceito específico direcionado às pessoas trans) e a migração. Os dados apontam para a migração como forma de escapar a um contexto social de exclusão e violência, relatando inclusive fenômenos como a masculinização de travestis na velhice como estratégia para sobrevivência. O corpo

da travesti é extremamente marcado socialmente, ainda mais na velhice, sendo também atravessado por raça, escolaridade e classe. Tais fatores permeiam uma experiência bastante única de sobrevivência, envolvendo características como: profissões marcadas como profissional do sexo ou da indústria da beleza (cabeleireira, maquiadora, etc.), trânsitos migratórios e possibilidades de identidade em negociação (como adotar uma aparência mais feminina ou masculina para sobreviver, de acordo com os padrões binários de gênero).

A dissertação de Lorena de Oliveira (2017), defendida no referido ano, discorre sobre as travestis “idosas” de Belo Horizonte: “Travesti envelhece, não vira purpurina! Um olhar interseccional sobre a(s) velhice(s) na experiência de travestis em Belo Horizonte”. Oliveira realizou entrevistas semi-estruturadas com cinco travestis consideradas mais velhas, entre 39 e 68 anos, além do trabalho de campo acompanhando essas mulheres. As entrevistadas levantaram questões exploradas pela autora nas suas análises, como o envelhecimento, o preconceito, as modificações corporais e as relações sociais e familiares. Oliveira também se detém em uma noção pouco exposta nos trabalhos anteriores: a noção particular de envelhecimento na população de travestis. Ao falar de Suzuky, de 39 anos e a mais nova de suas entrevistadas, a autora explica que, apesar de não ser cronologicamente considerada idosa, Suzuky já é assim definida pelas outras travestis e transexuais. Seu exemplo é sustentado com a fala das outras interlocutoras, denotando que há uma experiência precoce de envelhecimento nessa população devido, especialmente, ao enfrentamento da violência e necessidade de independência financeira que se faz presente já no momento que se poderia considerar como juventude. Sobre isso, Oliveira escreve:

Considerando que todas elas saíram/foram expulsas de casa ainda muito jovens, a maioria com idades entre 8 e 12 anos, o rompimento dos vínculos familiares e a necessidade de buscar alternativas para garantir a própria sobrevivência implicou em processos de amadurecimento extremamente precoces (OLIVEIRA, 2017, p. 72).

É necessário reiterar que, embora haja diversos estudos sobre envelhecimento feminino, nenhum deles trata de travestis ou mulheres transexuais. Foi feita uma pesquisa exploratória por artigos, no portal *Scielo*, usando as palavras: envelhecimento, velhice, mulheres, feminino (a). Uma variedade de artigos, sobretudo na área da medicina, psicologia, gerontologia e enfermagem, surgiram

dessa busca. Embora muitos deles levantem pontos interessantes e relevantes para todas as mulheres como a relação do envelhecer com a sexualidade, o corpo e a beleza, ainda mais quando se trata da mulher em contextos de significativas desigualdades de gênero, todos se dedicam apenas às experiências cisgêneras. Não é à toa que a maioria desses trabalhos sobre a velhice feminina destaca, quase sempre de maneira central, a menopausa, além de muitas vezes associar a invisibilidade da velhice a uma desvalorização da mulher após a mesma não ser mais considerada fértil. Em nenhum momento os pesquisadores mencionam a existência de mulheres transexuais ou travestis que envelhecem sem passar pela menopausa e cuja relação com a fertilidade é diferente. O envelhecimento das travestis, portanto, parece representar uma intersecção particular de diversas formas de invisibilidade, personificando uma união da marginalização social a qual são expostas tanto pessoas velhas, quanto mulheres e LGBTs.

1.1.2 Os estudos sobre travestis no campo das pesquisas sobre corpo e saúde

Estudar as trajetórias e vidas das travestis tem sido feito no Brasil desde o começo dos anos 90, geralmente na antropologia. Hélio Silva, antropólogo, lançou, em 1993, o primeiro estudo conhecido de cunho acadêmico sobre o tema: “Travesti – A invenção do feminino” (SILVA, 1993). Outros estudos semelhantes, com travestis de outras regiões, seguiram posteriormente na antropologia, notadamente Benedetti (2005), Oliveira (1997), Pelúcio (2007), entre outros. Tais trabalhos procuraram entender a vida e o cotidiano das travestis em suas respectivas regiões. Alguns desses estudos focaram nos conceitos e limites da categoria identitária entendida como “travesti” (AMARAL et al., 2014) e todos abordaram, a partir de formas e ênfases diferenciadas, temas como a prostituição, a violência, a epidemia de HIV-AIDS, a construção corporal e as relações sociais das sujeitas⁹.

Destaca-se entre os primeiros estudos, sobretudo o de Hélio Silva (1993), o esforço em primeiramente humanizar as travestis e desmistificá-las. A ideia da travesti, fascinante figura da Lapa, é destrinchada em três partes: manhã, tarde e noite. As dimensões humanas, as relações e o cotidiano das travestis eram o foco central de Silva, em uma época em que a fascinação e o estigma recortavam essas

⁹ Tais como Silva (1993), Benedetti (2005) e Pelúcio (2009).

peças da ideia de rotina e sociabilidade da sociedade. Em vez de apenas buscar dar materialidade às experiências das travestis que conheceu em seu campo no Rio de Janeiro, Hélio quer dar-lhes é “pulso”: fazer transparecer sua condição humana.

Marcos Benedetti (2005) faz uma pesquisa antropológica semelhante, mas com o campo situado anos mais tarde e em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A construção de si mesmas das travestis, seja através das relações sociais ou das tecnologias e conceitos corporais, é o maior foco de seu trabalho. Na dissertação de mestrado de 2000, que virou o livro "Toda Feita – o Corpo e o Gênero das travestis", publicado em 2005, ele também relata os valores, significações e rotinas das travestis com as quais conviveu. Pelúcio (2007) também realiza um trabalho etnográfico com as travestis de São Carlos, publicando alguns artigos nos quais analisa diferentes aspectos (como conjugalidades, conceitos de gênero e representações dentro do trabalho sexual) do universo travesti, transformando-se em um ponto de vista extremamente bem situado dentro do universo travesti e instaurando uma visão ampla sobre os modos de existência das travestis através de seu trabalho de campo. Em 2009, Pelúcio lança um importante livro “Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS”, fruto de sua tese defendida em 1997, na UFSCar. A obra é uma “experiência etnográfica” (PELÚCIO, 2009) resultante de uma investigação sobre as relações entre travestis e AIDS. Nela, demonstra como os modelos preventivos do HIV/AIDS envolvem a noção de organização e controle dos corpos tidos como “desviantes”, como as travestis, prostitutas, gays e usuários de drogas, regulando as práticas que fogem do modelo de “sexo monogâmico, procriativo, heterossexual, não comercial, autorizado” (PELÚCIO, 2009, p. 34). Mais do que condenar ou exaltar os modelos de saúde pública sobre HIV-AIDS, Pelúcio descortina uma noção um tanto implícita que concebe as travestis como “um problema de saúde pública”. As sujeitas e sujeitos de sua pesquisa indicam que, mais do que a epidemia de HIV-AIDS, o estigma é a maior “doença” que afeta as travestis e que esse aspecto precisa ser considerado tanto nas políticas públicas, modelos de saúde pública como nos estudos sobre a população trans.

Uma excelente e bastante completa pesquisa sobre os termos e temas mais recorrentes nas abordagens acadêmicas sobre travestis, encontra-se no artigo de Amaral e colaboradores (2014) “Do travestismo às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010”. As autoras elaboraram um

mapeamento crítico das publicações científicas sobre o tema, em língua portuguesa, em quatro bases de dados, no período de 2001 a 2010, contabilizando mais de 92 itens selecionados e analisados. Ao analisar as pesquisas, termos e discursos, as pesquisadoras traçam as tendências de pesquisa e de foco em relação ao tema. Apontam que as bibliografias acadêmicas sobre travestis normalmente estão centradas em temas como HIV-AIDS, transformação corporal e prostituição. Segundo elas, as pesquisas são distribuídas em quatro áreas: Humanas e Sociais, Saúde, Comunicação e Educação. Na área de Humanas e Sociais, 19 trabalhos eram da antropologia e 16 das ciências sociais, enquanto 12 eram da psicologia. Os termos centrais de busca encontrados, com base nestes 92 títulos, foram identificados como “saúde-doença” e “corpo”. Além disso, também identificaram certa escassez e, portanto, necessidade e importância, da proposição de pesquisas sobre travestis que abordem os temas de envelhecimento, adolescência, educação e violência. Sobre isso, elas escrevem:

Dentro do recorte temporal e temático proposto, o artigo demonstra que a produção do discurso acadêmico sobre travestis ainda está diretamente ligada à prostituição, à vigilância e estigmatização diante do HIV/AIDS. Porém, também apresenta pesquisas preocupadas com a despatologização das identidades e os empenhos necessários para descriminalizar suas existências. Associações rápidas ainda são feitas entre as experiências travestis, a marginalização, pobreza, drogas, promiscuidade e patologias. Por outro lado, é importante valorizar esforços coletivos que têm ampliado os espaços de questionamento, preocupando-se com aspectos como saúde, educação e trabalho (AMARAL et al., 2014, p. 307).

Considerando o mapeamento realizado, entendo que a presente dissertação se diferencia das outras produções não somente por tratar do campo das travestis mais velhas, mas por fazê-lo no contexto específico do Rio Grande do Sul, além de também se propor a analisar suas trajetórias de maneira interseccional. Diferentemente de outras pesquisas, algumas de minhas sujeitas são consideravelmente mais velhas que as de grande parte dos trabalhos que encontrei, e de perfis sociais bastante distintos. São travestis que variam de profissões, idades, raça e experiências. Também procurei abordar não apenas o envelhecimento, mas a noção de passagem do tempo, enfocando a memória e a lembrança (através de uma “expressão” muito utilizada pelas entrevistadas - “belíssima” - disparadora e polissêmica, que surgiu durante o trabalho de campo e assumiu certa centralidade neste trabalho, e que será retomada nos próximos capítulos). Dirijo meus esforços,

assim, para entender de que maneira as articulações entre os fatores sociais e históricos, bem como a relação com as tecnologias e os trânsitos geográficos neles inscritos, produziram possibilidades específicas de trajetórias variadas de sobrevivência para uma população que, como visto nos trabalhos de outros/as autores/as, envelhecem mais cedo e em contextos sociais adversos. Como os fatores como raça, escolaridade, migração, profissão, produzem diversas “travestilidades” e de que maneira essas experiências se transformam com o processo de envelhecimento e da memória?

1.2 OPERADORES CONCEITUAIS DA PESQUISA

1.2.1 A memória e o tempo

A noção de memória utilizada nesta pesquisa, e seus desdobramentos teóricos e metodológicos, segue aquelas desenvolvidas por autores como Bachelard (1988), Bosi (1994), Eckert e Rocha (2000; 2006) e Halbwachs (2013). A noção de memória como uma construção coletiva, conforme apresentada por esse último, remete a algo que é produzido no presente em um diálogo com o passado (HALBWACHS, 2013).

A presente pesquisa também se alinha, do ponto de vista teórico e metodológico, à perspectiva da “etnografia da duração”, conforme discutida por Cornélia Eckert (1997). A autora considera que abordagem na da memória supõe considerar o passado como criação de um presente em diálogo com o passado. Por isso, a memória é entendida como repleta de lacunas, fissuras e atravessada por afetos. Ao relatar suas memórias, o sujeito não acessa um passado verdadeiro e pronto, disponível para ser resgatado através do ato de lembrar, mas “o sujeito fala situando-se em contextos sociais vividos e reinterpretados no presente” (ECKERT, 1994-1997, p. 23).

A perspectiva sobre a memória e a consciência usada por Eckert parte de uma elaboração de Gaston Bachelard em “A dialética da duração” (BACHELARD, 1988), quando o mesmo faz uma releitura crítica das teses bergsonianas de duração e acaba por estabelecer uma noção distinta de consciência e memória. Bachelard apresenta de modo breve o “ponto de ruptura” com Bergson no trecho abaixo:

Devemos agora passar à crítica dessa escola quanto a esse ponto particular. Do mesmo modo, digamos desde já que do bergsonismo aceitamos quase tudo, exceto a continuidade. E mesmo, para sermos ainda mais precisos, digamos que, também do nosso ponto de vista, a continuidade pode apresentar-se como características do psiquismo, mas que não se poderia, contudo, tomar essas características como acabadas, sólidas, constantes. É preciso construí-las. É preciso sustentá-las. De modo que, enfim, a continuidade da duração não se apresenta como um dado imediato, mas como um problema. Gostaríamos então de desenvolver um ensaio de bergsonismo descontínuo, mostrando a necessidade de aritmetizar a duração bergsoniana para lhe dar mais fluidez, mais números, mais exatidão, também na correspondência que os fenômenos do pensamento apresentam com as características quânticas do real (BACHELARD, 1988, p. 16).

Assim, na obra de Bachelard, a descontinuidade também encontra centralidade, como no pensamento de Bergson, mas expandida com a noção dos instantes, das rupturas, dos limites da consciência humana em contraste à ideia cartesiana na visão bergsoniana de memória. A lembrança, segundo Bachelard (1988), não é passivamente inscrita pelas experiências passadas, mas é uma construção mais dinâmica. Uma construção feita no presente, com suas lacunas, suas descontinuidades e seus afetos. Tal lembrança, que é criada ao interpretar algo do passado face aos valores e sentimentos atuais, preenche, por vezes, suas lacunas com diversos recursos e procura reorganizar a memória numa espécie de “narrativa” mais coerente. Eckert (1997), analisando um evento comemorativo chamado de “Festa da Saudade”, organizado por uma comunidade de ex-mineiros, opera com essa compreensão de Bachelard. Em seu estudo, aponta a “saudade” como categoria que pode organizar lembranças, e que certamente o faz no contexto estudado por ela:

No contexto pesquisado, a saudade é um sentimento-motivação de um projeto de reestruturação das lembranças de duração do grupo, uma expressão atualizada da memória do tempo da coletividade que se encontra desintegrada enquanto grupo e que se quer representativa da memória social (ECKERT, 1997).

Por mais que, em minha pesquisa, as narrativas das sujeitas sejam individuais, elas também funcionam como uma forma de “memória coletiva”, conforme delimita Halbwachs (2013), pois acabam remontando valores e narrativas da coletividade, mesmo quando supostamente falam apenas delas. Assim, os afetos e sentimentos que compõem essas narrativas e, portanto, a memória, do mesmo modo como a “saudade” para os mineiros pesquisados por Eckert, são permeados de inconsistências, inconsciências, afetos, intuições e outros recursos que compõem

uma memória construída frente à descontinuidade do tempo e da consciência, que acaba por ser extremamente rica e atual, mesmo que, por vezes, imaginativa. Como afirma Eckert (1997), parafraseando Bachelard: "não se pode reviver o passado sem o encadear num tema afetivo necessariamente presente... reviver o tempo desaparecido é assim aprender a inquietude de nossa morte".

A abordagem metodológica de Eckert e Rocha (2000, 2006), a partir de Bachelard, foi extremamente importante para esta pesquisa. Apesar de não ter optado pelo método da etnografia clássico e de não me dedicar particularmente à análise de questões urbanas e da cidade, segui a escolha das autoras na compreensão a memória e de suas lacunas como mais do que realidade inegável, mas ponto de potência na pesquisa e como ponte entre a narrativa supostamente individual e a memória coletiva de um grupo. A noção da duração, da saudade, e do afeto se tornaram centrais na minha análise por causa desses trabalhos. Foi quando decidi, inclusive, que não me interessava ir atrás de arquivos e periódicos: a minha pergunta não recai sobre a cronologia linear do tempo e dos acontecimentos, nem buscava verificar uma pressuposta veracidade das narrativas. Importava investigar as narrativas aceitando suas lacunas, procurando entender o que diziam sobre a passagem do tempo em sua articulação com os afetos, a saudade, a relação com o corpo e com as tecnologias. É sobre envelhecer e olhar para trás, e sobre quem levamos nas narrativas quando falamos, no presente, do passado. Assim, mais que uma simples referência, os trabalhos de Eckert (1994-1997) e Eckert e Rocha (2000, 2006) foram uma inspiração. Os conceitos de memória, tempo e narrativa dos velhos, vem propositalmente de encontro com as pesquisas desenvolvidas pelas autoras no campo da antropologia.

Portanto, a forma como lidamos com a memória nesta pesquisa não pretende se apoiar em fatos históricos como marcos dados e estáticos ou em noções de memória cartesianas, mas abraçar a realidade da memória conforme definida pelos/as autores/as citados/as. Tal escolha produz uma intenção de registro de memórias cheias de contradições e estilizações, como se pode identificar no registro das memórias dos idosos de São Paulo realizada por Ecléa Bosi em seu livro "Memória e Sociedade" (1994). Bosi escreve que pretende alcançar as memórias justamente com seus essenciais e ricos paradoxos. Ela escreve:

Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. Já se disse que 'paradoxo' é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas...Explicar essas múltiplas combinações (paulistismo de tradição mais ademarismo; ou tenentismo mais paulistismo mais comunismo; ou integralismo mais getulismo mais socialismo) é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a estes malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia (BOSI, 1994, p. 458).

Entender as narrativas das sujeitas como criações do presente em relação ao passado, cujas lacunas e instantes são permeadas, e às vezes preenchidas, pelos afetos, valores coletivos, estilizações, fantasias, saudades e/ou sonhos é o que se pretende aqui, pois se entende que a memória é composta dessa maneira. Em vez de evitar tais elementos, procura-se abraçá-los e entendê-los, pois aposto no fato de que esse seja um caminho ético e analítico potente para compreender as complexas experiências dessas senhoras nas constituições de si mesmas no passado e no presente, relatadas enquanto as mesmas envelhecem.

1.2.2 Interseccionalidades, articulações e a produção de si

A interseccionalidade é um conceito inaugurado por Kimberlé Crenshaw (2002), para explicar a maneira como diferentes marcadores sociais (como raça, classe, gênero e sexualidade) se articulam e criam situações de opressão variadas dentro de um mesmo grupo, como ocorre no caso das mulheres negras. O conceito surgiu como crítica à noção universalista feminista de opressão feminina, segundo a qual todas as mulheres seriam oprimidas da mesma maneira, mostrando que a desvalorização social da mulher era afetada e modificada por outros eixos de opressão. Essa multiplicidade também criaria iniquidades entre as mulheres, como as desigualdades entre brancas e negras ou entre mulheres de diferentes setores econômicos.

A interseccionalidade, proposta por Crenshaw (2002), foi revista na elaboração de outro conceito: a noção de articulação, utilizada, entre outras teóricas, por Avtar Brah (2006). Concebida como uma crítica a certos aspectos da ideia de interseccionalidade, as articulações de marcadores sociais de diferença seguem a mesma ideia de que existiria uma heterogeneidade no interior de cada marcador devida a uma multiplicidade de intersecções de diferenças que complexifica

vivências ditas homogêneas, como no caso das mulheres. Brah (2006) salienta, contudo, que tais diferenças não equivalem, necessariamente, à desigualdade e que suas articulações não resultam, linearmente, em dominação e opressão, já que podem também representar possibilidades inusitadas, que trazem também resistências e até potências. A apreensão de Brah está influenciada diretamente pelos conceitos de poder e dominação de Michel Foucault. A autora, que é indiana e reconhecida como um dos maiores nomes dos estudos pós-coloniais, também indica que a ideia de articulação destaca o fato de que as diferenças, quando articuladas entre si, modificam-se mutuamente. Como aponta Adriana Piscitelli (2008, p. 267), para Brah, a articulação seria uma “(...) prática que estabelece uma relação entre elementos, de maneira que sua identidade se modifica como resultado da prática articulatória”.

As diferenças se articulam entre si criando uma vivência que, em vez de simplesmente “acumular” diferentes marcadores (como sexualidade mais raça mais classe), é modificada ou modulada pelos efeitos das próprias articulações entre esses marcadores, os quais, a seu turno, são modificados também por elas. Assim, as diferenças se afetam ou se multiplicam, e não apenas se acumulam ou se somam. Esse conceito é o escolhido para a análise das trajetórias das sujeitas desta pesquisa.

Como operador teórico para compreender o modo com as travestis se produzem e se constituem com a passagem do tempo, utilizarei o conceito de performatividade de gênero, tal como proposto por Judith Butler (1993, 1997a, 1997b, 2003). Nessa perspectiva, o gênero é concebido como uma produção performativa, ou seja:

(...) atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2003, p. 194).

O gênero como produção performativa também assume uma grande importância na construção de si e do próprio corpo como um processo historicamente situado, fruto de diversas práticas discursivas, tecnologias e instituições, que são localizadas em um contexto geográfico, histórico e sociocultural

específico. A ideia de gênero como performativo é extremamente importante para este trabalho porque estabelece que o gênero não é inato, como uma essência a ser buscada e achada, mas como algo a ser feito. O gênero não é um “ser”, mas um “fazer-se”, o que se torna particularmente importante quando esse fazer engloba moldar o corpo sexuado de maneira radical, como fazem as travestis através das (bio)tecnologias. Se pensarmos ainda nesse “fazer-se” como fruto de diversos discursos e outros fatores, como instituições e classe, a maneira que as sujeitas da pesquisa fizeram a sua identidade (incluindo seus corpos) é extremamente única em virtude de seus contextos específicos. Em épocas de repressão, discursos e recursos escassos, como elas faziam seu gênero e seus corpos? Tal narrativa é indissociável de suas narrativas biográficas.

Aqui chego a outro ponto fundamental para este estudo. As narrativas das entrevistadas são importantes, mas esta pesquisa também não é simplesmente um registro delas. Encontro as narrativas individuais de cada uma delas, carregada de afetos, lembranças e atravessadas por marcadores de diferença de modo particular, ao mesmo tempo em que as situo na construção de uma narrativa coletiva, sistemas de valores, reflexões geracionais e a partir de uma experiência sobre a passagem do tempo e a memória enquanto travestis que envelhecem. E olham para si mesmas enquanto isso acontece, trazendo diversas companheiras em seus relatos pessoais, ancorando seus presentes em narrativas sobre o passado, usando frases e expressões como gatilhos da memória. Constituem a memória coletiva de uma geração, e de um grupo, sobre o passado, mas também uma atuação sobre o presente e o futuro.

1.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

As participantes desta pesquisa são travestis que, antes ou no início dos anos 80, estavam experimentando algumas formas de modificação corporal (como hormônios, silicone, cirurgias genitais). O período dos anos 80 é definido como marco, pois permite que as sujeitas tenham vivido, além da ditadura militar, o mundo antes da epidemia de HIV-AIDS. Ambos os eventos são importantes questões históricas do país e que afetaram pesadamente a comunidade LGBT. As modificações corporais são utilizadas como início da vivência travesti, visto que

essas traçam limites em relação às experiências de homens cisgêneros homossexuais.

Marcelly Malta, figura pública no campo do ativismo trans, foi o ponto de partida para a busca por participantes para a pesquisa. A maioria das entrevistadas não é ativista e nem é ligada a qualquer organização, mas todas se conhecem. A partir dos contatos com elas, foram surgindo outras participantes ou mesmo indicações e assim por diante. As sujeitas da pesquisa foram acessadas pelo método “bola de neve” (BALDIN; MUNHOZ, 2011) - segundo o qual uma participante inicial indica outras e assim por diante - que acompanhou o processo de inserção e permanência no campo. .

Foi utilizada como ferramenta metodológica a entrevista biográfica. As entrevistas biográficas têm sido usadas, especialmente, na antropologia, como mostram os trabalhos de Turner e Bruner (1981, 1986), Bauman (1986), Rosaldo (1986), Bertaux (2005), Langdon (1999, 2001), Maluf (1992, 1999), entre outros. Trata-se de um recurso criado originalmente na França para entender a trajetórias dos sujeitos. É realizada, em diversas sessões separadas, entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, para que esse conte sua trajetória de vida, sendo realizada uma gravação das falas durante a entrevista, que, posteriormente, é transcrita.

As entrevistadas consistem em quatro mulheres. Uma é negra e as outras três são brancas. As idades variam entre 65 e 80 anos. Duas das quatro entrevistadas têm pelo menos alguma passagem pelo movimento social e três delas seguiram carreira artística, uma cantando, a outra desfilando no carnaval e a última realizando apresentações de *strip-tease*. Três delas viveram períodos fora do país, na Europa. Todas as quatro são aposentadas e recebem pensão, seja do governo brasileiro ou de governos de países onde viveram. Até agora, todas escolheram não permanecer anônimas, mas ainda lhes é reservado o direito caso resolvam. Apenas uma relatou ter trabalhado com prostituição.

Marcelly, como já dito, foi o contato inicial. Ela é minha amiga faz alguns anos e nos conhecemos através da Igualdade e do movimento social. O contato de Ângela Maria me foi passado pelo colega Fabiano Barnart (na época integrante da ONG SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade) e por coincidência, também pela prima de Ângela, Margarete Kloster, que trabalhava como cuidadora de idosas na família do meu companheiro. O contato de Maitê, por indicação de Henrique Nardi, professor do PPG em Psicologia Social e Institucional, se deu através tanto

de Fabiano Barnart quanto de Célio Golin (coordenador da ONG NUANCES - Grupo Pela Livre Expressão Sexual). Cláudia Pimenta foi indicada por Paula Sander, quem é que me passou o seu número, após termos sido introduzidas em uma atividade da ONG Igualdade e depois de nosso encontro na exibição do documentário “Divinas Divas”.

Cada sujeita foi entrevistada pelo menos duas vezes, tendo cada entrevista durou de uma hora e meia até duas horas. Isso totaliza uma média de 3 a 4 horas de entrevista para cada uma das quatro mulheres. O local para a entrevista foi deixado a critério de cada uma. Tive a oportunidade de acompanhar Marcelly em inúmeras situações, em suas atividades na ONG, e, também, Cláudia, em um projeto voluntário ao qual estava vinculada. Pedi a todas que, no momento da entrevista, trouxessem fotos de sua trajetória, que me foram apresentadas quase sempre após as conversas (somente Ângela as apresentou durante a conversa, visto que estavam nos porta-retratos de sua casa).

É interessante observar que a maioria das conversas aconteceu fora do ambiente onde vivem essas mulheres. As entrevistas com Marcelly aconteceram sempre na sede da ONG. A entrevista principal com Cláudia aconteceu na casa dela, mas do lado de fora, em um banco na frente da porta principal, embora tenhamos entrado rapidamente na casa durante o tempo em que estive com ela na primeira vez. Na segunda vez, também entramos brevemente, mas, na ocasião, não nos sentamos em frente à casa, pois nos encontramos na sede do projeto social do qual ela faz parte e estávamos apenas de passagem em sua casa. Ficamos na parte da casa onde vive a sua irmã e sobrinha, que nos ofereceu um café antes de partirmos. As entrevistas com Maitê foram sempre num bar na Cidade Baixa, bairro boêmio da cidade de Porto Alegre. Somente Ângela preferiu realizar a entrevista dentro de sua casa, na sala de estar. Pode-se considerar que essas entrevistas, além de biográficas, foram etnográficas.

A etnografia, segundo Beaud e Weber (2007), consiste de escuta e observação, mas também de muita paciência e principalmente da criação de um vínculo e uma legítima relação de confiança com quem se quer conversar. Só assim, a etnografia consegue de fato entender o ponto de vista do sujeito. Os encontros pré-campo e as ligações telefônicas “para matar as saudades” faziam parte da construção desse vínculo, e construíram uma intimidade e convivência que foram inseparáveis e possibilitadores do campo e das entrevistas em si. As autoras

também apontam que uma etnografia se beneficia de um misto de entrevistas e observações, o que levou a inclusão de observações às análises, que foram registradas no decorrer da pesquisa. Não constituíram um diário de campo propriamente dito, mas registros esporádicos no computador que aconteciam após alguns encontros, momentos que me pareciam significativos demais para não serem registrados.

Nessas entrevistas, conforme processo exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Psicologia da UFRGS¹⁰ (ao qual foi submetido o projeto de pesquisa após a qualificação, antes da realização do trabalho de campo), foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido elaborado para esta pesquisa e aprovado pelo CEP. Nele, além dos riscos e consequências da pesquisa e oferecimento de ajuda psicológica, foi garantido o direito ao anonimato se assim fosse desejado e a escolha de um pseudônimo para esse caso. Nenhuma das minhas entrevistadas quisera que eu utilizasse um pseudônimo no texto final da pesquisa, algumas porque já eram figuras conhecidas no meio do ativismo, outras porque a pesquisa não era algo como uma reportagem, que as exporia para qualquer pessoa. O direito a adotar um pseudônimo ou até a sair da pesquisa seguiu sendo reservado a elas em qualquer momento anterior a defesa pública da dissertação e submissão do exemplar do trabalho à biblioteca.

Também foi combinado que, caso não quisessem a divulgação de qualquer informação dita a mim, essa não seria colocada no texto: ou seja, foi explicitado que elas teriam o direito de vetar ou excluir qualquer parte das suas histórias, ou dos meus escritos contando essas histórias, que elas não concordassem que fizesse parte do trabalho. Elas tinham o poder absoluto sobre o que estavam compartilhando comigo, o que fiz questão de evidenciar. No entanto, todas expressaram que confiavam muito em mim, o que me tomou de um enorme senso de responsabilidade e cuidado com tudo o que havia sido dividido comigo.

Algumas me contavam algumas coisas e imediatamente depois pediam que eu não as colocasse no trabalho, que eram histórias que elas queriam contar somente para mim, individualmente, o que, obviamente, foi atendimento imediatamente. Eu também expliquei que, após o período de escrita da dissertação,

¹⁰ Disponível em:

<<http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf;jsessionid=F93420DE9197FCC615C839173F6D08F3.srver-plataformabrasil-srvjpdf132>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

eu mostraria e/ou conversaria a respeito dos escritos a respeito delas antes da defesa, para que cada uma pudesse ler e aprovar ou sugerir modificações. Só então elas iriam assinar o termo de Consentimento, visto que, embora confiassem em mim, quando realizei as primeiras entrevistas e abordagens, senti que havia uma intimidade grande entre nós, mas, ao mesmo tempo, uma certa desconfiança quanto a assinar “aquele papel” de antemão.

Seja pelos motivos que forem (sei que algumas haviam sido enganadas por outras pessoas em golpes e esquemas), assinar seus nomes em um papel que lhes parecia estranho, consentindo algo a uma pessoa que não conheciam fazia muito tempo, parecia gerar suspeitas e desconforto. Entre confiar em mim para que contassem suas histórias e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido havia aparentemente uma diferença. Sentindo isso, resolvi que, em um primeiro momento, iria apenas ler e explicar o Termo para que conhecessem e entendessem a implicação em participar da pesquisa. Caso concordassem, faria as entrevistas, mas, só depois de aprovado o que seria escrito sobre elas, pediria que assinassem de fato o documento. Julguei que, desse modo, o processo ficaria bastante transparente, já que elas entenderiam, afinal, o que eu havia feito com as histórias que elas me confiaram e saberiam objetivamente o que eu escreveria sobre elas. Além disso, eu pediria as assinaturas em um momento que a nossa relação já estaria mais solidificada. Fiz exatamente dessa forma e percebi que a assinatura se tornou menos ameaçadora e ambígua e funcionou mais como o final de um processo bastante compartilhado de consentimento.

Inclusive, este processo, por mais corrido e trabalhoso que tenha sido, também possibilitou um reencontro com algumas que não via há algum tempo e uma reatualização da pesquisa e de nossa relação. Até o momento de entrega da dissertação para a banca, encontrei e obtive a assinatura de Maitê e de Cláudia, após conversarmos sobre a escrita e manipularem o material do trabalho. Aproveitei, ainda, cada ocasião para fazer o convite para a banca. Marcelly cancelou nosso encontro na sede da Igualdade, mas combinamos de nos vermos antes da banca para o mesmo procedimento. Marcelly, por outro lado, acompanhou todos os passos desta pesquisa, então, considero que seu consentimento foi sendo reafirmado a cada passo que eu dava em meu trabalho de campo. A única diva com a qual perdi o contato é Ângela, que temo ter mudado de telefone. Ainda que tenha me dado seu

consentimento oral, nas ocasiões em que nos vimos e quando foi entrevistada, gostaria de encerrar esse processo como ocorreu com as outras divas.

Encerro este capítulo com a tabela abaixo (Tabela 1), comparando e apresentando os perfis de cada uma das minhas entrevistadas, salientando os marcadores de raça, idade, residência, entre outras características.

Tabela 1 - Sujeitas da pesquisa

	Maitê	Marcelly	Cláudia	Ângela
Idade	65 anos	66 anos	70 anos	80 anos
Cor	Negra	Branca	Branca	Branca
Onde nasceu	Porto Alegre (RS)	Mato Leitão (RS)	Camaquã (RS)	Porto Alegre (RS)
Onde reside	Porto Alegre (RS)	Porto Alegre (RS)	Porto Alegre (RS)	Porto Alegre (RS)
Escolaridade	Fundamental Incompleto	Médio Completo	Fundamental Incompleto	Fundamental Completo
Ativismo	Sim	Sim	Não	Não
Viveu na Europa/ Se sim, aonde	Não	Sim (Itália)	Sim (Alemanha)	Sim (Itália)
Reside sozinha	Não	Sim	Não	Sim

Fonte: A autora (2019).

A Tabela 1 (acima) foi formulada para que se visualizasse alguns dos aspectos interseccionais que atravessam o perfil de cada uma. Mas essa é uma caracterização dura e pouco nuançada das sujeitas. No próximo capítulo, apresentarei um ensaio com parte da trajetória de cada uma delas, além de dividir um pouco da dinâmica da minha relação com elas. É uma tentativa de apresentar a diva aos e às leitores/as. Assim, com carne, osso, cores e brilhos.

Mas antes dos ensaios de cada sujeita no próximo capítulo, fecharei o presente capítulo com uma análise do termo “travesti” em suas diversas concepções, e significados. Travesti é um termo polissêmico, complexo e que faz parte de um debate complexo. Após explicar tais debates, camadas e significados do termo, eu o contextualizo em relação a presente pesquisa e ao uso feito por ele pelas minhas sujeitas. Evocarei algumas questões de cada e explico quais termos utilizarei para elas e suas experiências, que aconteceram muitas vezes em outros tempos históricos e políticos.

1.4 QUEM TEM MEDO DE POLISSEMIA? A CATEGORIA TRAVESTI E A “SOPA DE LETRINHAS”

Não é só a categoria “belíssima” que se revelou polissêmica¹¹: a própria categoria “travesti” também o é. Eu me atrevera a dizer que, de toda a “sopa de letrinha” do LGBT, travesti é o termo mais difícil de definir. A intenção deste subcapítulo é justamente citar os diversos significados dessa categoria, explorando suas definições e limites e de que maneira eles se relacionam com a institucionalização das subjetividades identitárias e com os contextos políticos. Sendo também extremamente necessário neste trabalho, visto que as minhas sujeitas se construíram em épocas políticas distintas e suas identidades e conceitos muitas vezes falham em se encaixar nas rígidas categorias disponíveis atualmente. A intenção não é deslegitimar o presente, mas não deixar que se apaguem as concepções de outros tempos, e, acima de tudo, trazer a importância da existência de pontos de fuga possíveis, em meio tanto às velhas como às novas normatividades, aos ganhos e perdas dos muitos modelos, e aos múltiplos contextos políticos.

Travesti tanto se refere a uma identidade trans que, nos Estados Unidos ou França, pode ser dita como transexual, ou ao que, nos manuais médicos, já foi descrito como transexualidade secundária, relacionada a uma identidade fora do padrão binário, na qual a pessoa não se encaixaria nem na categoria homem nem na categoria mulher.

Em relação a essa última definição, de que travesti não é homem e nem mulher ou, ainda, que é homem e mulher, há uma fala interessante de Claudia Wonder no documentário “Meu amigo Cláudia” de Dácio Pinheiro. O documentário conta a vida da famosa e histórica militante travesti já falecida, e quando Claudia (Wonder) fala sobre se definir como travesti, ela afirma que não gosta dessa história “de travesti não ser nem homem e nem mulher”, já que, para ela, seria o contrário: ela eram ambas as coisas, “um casal feliz, que não briga nunca”, ou, segundo outra metáfora singular dita por ela: “Dois em um. Rádio e gravador”. (Quando liguei pela primeira vez para a minha entrevistada chamada também Claudia (Pimenta), me

¹¹ Ver capítulo 3.

apresentando e dizendo que queria entrevistá-la, ela disse: *Mas eu não sou a Claudia Wonder, você sabe né?*).

Há quem defina travestis como mulheres com pênis, relacionando tal identidade, obrigatoriamente, à presença ou ausência de tal órgão. Há aquelas pessoas que digam que a travesti é um homem que deseja passar por mulher ou viver como uma mulher. Para essa, quem quer operar ou realizou cirurgia de redesignação é de forma geral tida como uma transexual. Quem não opera e fica com o “algo há mais”, é uma travesti. Pensando de maneira mais lírica, essa visão promove que transexual é racha e travesti é rachadura. Ou, pensando liricamente mas nos discursos institucionais sobre o que é ser homem ou mulher de maneira binária, a transexual é racha e a travesti é fenda.

Existem muitas pessoas que colocam travesti como uma identidade local que significa uma maneira regional da América Latina de se referir a uma mulher trans¹². Esse uso, alude ao emprego de palavras nativas de outros lugares para definir identidades que apresentam alguma transformação social ou corporal para além do gênero atribuído no momento do nascimento, parecido com o que concebemos como trans em sociedades ocidentais brancas, como as *Hijras* da Índia, as *Kathoeyes* da Tailândia, as *Mahu* do Hawaí. Para outras, ainda, é um termo que indica subversão, que rompe com o discurso heteronormativo, pautado pela higienização social, pelas instituições médicas e ligado ao discurso de uma classe mais privilegiada, que teria acesso a um reduto de conceitos médico-legais sobre a transexualidade. No que se refere a esse último ponto, é necessário lembrar, especialmente para aquelas pessoas que desejam colocar as travestis como uma espécie de centauro-unicórnio mágico da subversão do gênero, que a maioria daquelas que eu conheço poderiam ser pensadas como bastante heteronormativas e algumas até bastante homofóbicas, sendo isso também apontado por praticamente todos os autores de etnografias com travestis, como as anteriormente já citadas¹³.

¹² Perspectiva sustentada também por Benedetti (2005). E por uma nova geração de ativista, como a escritora e doutora Amara Moira. “Gosto de usar 'travesti' porque é a palavra que menos se espera. E eu espero que essa palavra ocupe mais espaços na sociedade” (Na entrevista “Mulher de pênis” para o site UOL em 29/01/2018”), Acessível: <https://www.uol/estilo/especiais/amara-moira.htm#mulher-de-penis>

¹³ Esta questão é um campo tenso para debates, que envolve diversas discussões, entre elas uma discussão bastante profunda sobre que seria afinal a heteronormatividade nestas situações.

Mais significados surgem quando tal categoria é usada por um grupo de senhoras que viveu outra época, onde as categorias identitárias eram bem diferentes. Hoje em dia, apesar de muitas categorias ainda serem as mesmas, acionam e manipulam recursos distintos, vinculados inclusive ao ativismo trans internacional. Atualmente, o conceito de identidade de gênero, expressão de gênero e condição sexual, por exemplo, são as principais ferramentas reconhecidas para explicar e conceituar categorias identitárias de gênero e sexualidade, às quais às vezes acabam sendo descritas de forma bastante definida ou mesmo fixa.

Tem-se presenciado a multiplicação de gráficos e esquemas, como, por exemplo, o boneco de biscoito do gênero¹⁴, uma ilustração de um biscoito em formato humanoide como o feito por famílias na época do Natal, que foi feito por ativistas norte-americanos e depois incessantemente traduzido em diversas línguas (como a nossa), onde as pessoas são separadas em partes: identidade de gênero (homem, mulher ou não binário), sexo biológico (macho, fêmea ou intersex), expressão de gênero (feminino, masculino ou neutro) e sexualidade (homossexual, heterossexual e bissexual). Algumas versões posteriores do boneco inclusive demonstram as combinações destes fatores que compõem o que seria um homem gay, uma mulher transexual, uma pessoa não-binária assexual, etc.

Essas definições, bastante objetivas e circunscritas, são necessárias para navegar universos como o das políticas públicas, educação e acesso a questões de saúde específicas da população LGBT. Antigamente, tais questões não eram tão visíveis e às vezes até impossíveis de serem formuladas. Não havia a mesma abertura institucional para elas em diversas conjecturas políticas, resultando que as formas para “cortar os biscoitos do gênero” eram diferentes. Como qualquer pessoa que queira ingenuamente fazer uma pessoa de biscoito descobrirá na prática, se a forma não for bem definida, ninguém entenderá se o biscoito é uma pessoa ou outra coisa, como uma estrela do mar meio desajeitada, por exemplo. Os formatos precisam ser de fácil identificação para não serem confundidos, inclusive com formatos pouco convidativos ou até nojentos. Afinal, o que mais importa na aparência de qualquer biscoito, seja o gênero que for, é despertar o desejo de consumo.

¹⁴ O boneco de biscoito do gênero tem diversas versões brasileiras, mas a versão original (em inglês) foi criada em 2011 pela equipe de um site de justiça social americano e se encontra no link: <https://itspronouncedmetrosexual.com/2011/11/breaking-through-the-binary-gender-explained-using-continuums/>

Atualmente, há visivelmente uma maior conquista de direitos e visibilidades, e tal cenário faz com que também surjam novas concepções de gênero e sexualidade. Há novas epistemologias e formas de entender experiências. O cenário político mudou e as instituições se atualizaram e, portanto, também há novas necessidades, como a educação sobre gênero e sexualidade, que pode ser notada em diversas frentes atualmente, como jornais e novelas. Isso também cria uma necessidade de produção de conhecimento sobre o tema, especialmente para que se possa educar o público. Em horário nobre, de preferência.

Como já dito, há um público que é novo no assunto e se encontra bastante ansioso, e, finalmente, quer entender o que significam as muitas letras, visto que antigamente se englobavam todas as categorias, “confortavelmente”, em uma única sigla: V.I.A.D.O.S. Na medida em que surgem termos como “identidade de gênero” e “expressão de gênero”, fornece-se uma explicação, ao mesmo tempo em que se reitera a divisão supostamente estável entre sexualidade e gênero. Tais fronteiras, logicamente, produzem coisas diversas: assimilações, novos mercados econômicos, mas também direitos fundamentais, conceitos e ações afirmativas importantes para a população LGBT.

A garantia do nome social e posteriormente da troca de nome e sexo no registro civil, a cobertura parcial de cirurgias de afirmação de gênero pelo SUS, o financiamento de campanhas pelo respeito de pessoas trans, etc., são também parte do cenário que fez e é feito pelas novas categorias, a infame “sopa de letrinhas”, do mundo LGBT. Além de um mercado bastante lucrativo, é claro.

Ao tornar este mundo mais próximo e lógico perante as instituições sociais, também se pode mostrar a necessidade de direitos e ações afirmativas para este grupo. Assim, não se trata de uma análise binária e simplista. Quando Foucault fala sobre os efeitos nocivos da biopolítica, também lhe confere, na mesma argumentação, os efeitos de criação dos direitos reprodutivos e das minorias. Quando pedimos ao Estado que garanta direitos básicos para que a dignidade humana seja resguardada, estamos institucionalizando certos aspectos da vida e pedindo que o mesmo administre os corpos. Não há sempre apenas bandidos ou mocinhos, ou perdas ou ganhos.

Todas as minhas entrevistadas explicitamente expressam e acreditam que hoje em dia as coisas são mais fáceis e melhores do que no tempo delas. Em relação às questões de diversidade sexual e de gênero, é necessário dizer. Elas

inclusive vibram, dizendo para mim que hoje em dia posso ter uma vida que elas nunca sonharam ser possível, quase me colocando numa outra categoria e me cobrindo de elogios que às vezes nem sei se mereço.

Todas, sem exceções, sentem-se extremamente surpresas e felizes por verem temas como transexualidade e travestilidade debatidos em programas de TV e novelas. O que, para nós, pode parecer apenas sensacionalista, como programas de auditório onde famílias pobres expõem relações complicadas com membros LGBTs para uma plateia que se diverte com os sentimentos extremados dos convidados e uma apresentadora que visivelmente atribui um alto valor monetário à polêmica, é também um programa inteiro onde se debate e se informa, em algum nível, sobre a diversidade. E sempre com um final, onde a mesma apresentadora que provoca conflitos, por fim, traz alguma informação e principalmente um apelo que culmina normalmente em um emocionante discurso, entre aplausos da plateia, que a tal família aceite seu membro LGBT. Que o amor seja maior que as diferenças. Para as divas, no fim, senti que era isso que muitas vezes importava: que se debata o assunto e que se peça aceitação publicamente, no meio da tarde, para milhões de pessoas. Só isso já é muito revolucionário na experiência delas.

Quero tensionar, mas jamais dizer que a institucionalização do gênero e sexualidade é errada, nem pretendo dizer que, antes que se entendiam bem as categorias, era tudo maravilhoso. Outros tempos, outros termos, outras vantagens e outras desvantagens. Eu também agradeço por ter nascido na época que nasci, aceitando a sabedoria das divas que me dizem o mesmo. Ou talvez até preferia ter nascido agora, tempos ainda mais tranquilos para pessoas trans do que o início dos anos 90. Por outro lado, me parece adequado tensionar as vantagens e a exploração de um novo mercado financeiro calcado na ideia do LGBT. Afinal, como dito pela lendária rainha da Lapa, Luana Muniz, travesti não é bagunça. E eu acrescento: mas também tem contas a pagar.

Cada categoria e definição são produtos de uma época histórica e politicamente distinta, suas diferenças sendo então basicamente reflexos de diferentes tempos. Alguém que é transexual hoje, não vive a mesma transexualidade que antigamente. O termo pode ser o mesmo, mas são identidades diferentes, definidas por termos e experiências diferentes, em épocas e contextos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos distintos.

Cada pessoa vive uma subjetividade própria da sua época e se entende com os recursos identitários e lógicos disponíveis nela. Certamente, é necessário que se saiba que as categorias de hoje como as de ontem são ficções (o que significa que todas são também completamente reais), e que se gênero e sexualidade são hoje separados em categorias que explicam coisas que não eram explicadas antes, e isso beneficia muitas pessoas que se encontram nessas identidades e dessa forma, isso não torna as categorias anteriores obsoletas e menos precisas ou desatualizadas. Elas ainda servem para definir experiências e pessoas que talvez não sejam tão obviamente definidas e categorizáveis atualmente. Pessoas que até hoje estão aqui, ainda belíssimas e vivas!

É por isso que acredito ser um erro tentar colocar as definições das minhas entrevistadas em termos das categorias atuais: as travestilidade delas pertencem a outra época, sem se encaixar nem no que hoje se conhece como travestilidade nem no que se considera atualmente transexualidade. Eram outras categorias, outras experiências, outras instituições e momentos de institucionalização (ou de não institucionalização) de categorias de gênero e sexualidade.

Hoje em dia, por exemplo, as identidades trans são divididas em categorias como travesti, transexual, mulher trans, homem trans, não-binário. Anteriormente eram diferentes. As categorias que mais surgiram na fala das minhas divas, por exemplo, foram: bicha, gay, bichinha louca, travesti, transexual e operada. E cujas divisões são diferentes e baseadas em outros conceitos que a ideia de identidade de gênero ou auto-declaração. Acima de tudo, essas diferenças geracionais e a polissemia ainda presente no termo travesti nos desnudam a natureza dinâmica, e não essencial, que compõe as categorias identitárias.

Ao nomear, se cria. A travesti da época de Marcelly ou Claudia, ambas minhas entrevistadas, não é alguém que se define por uma identidade de gênero apartada da sexualidade, a qual a difere do homossexual por uma questão interna e psicológica que precisa ser exteriorizada, então, por uma transição. Para elas, não é exatamente a “cabeça” (expressão delas, como veremos adiante, neste trabalho), ou seja, uma dimensão psicológica, que separa a travesti do gay propriamente, mas a maneira de se viver. É possível que uma mesma entrevistada, como aconteceu com Ângela, refira a si mesma, antes dos hormônios, como gay, depois dos hormônios como travesti e então, depois da operação, como operada. E desliza entre travesti, operada e bicha, constantemente, em sua narrativa não coloca a cabeça da travesti,

da operada e do gay como essencialmente diferente: o que as diferencia, e ela aponta que há diferenças, são acima de tudo as práticas. Quando ela diz *o meu comportamento que diz o que eu sou*, é completando a descrição que faz de si mesmo, em dado momento em um de nossos encontros, como uma senhora, pois se tranca as cinco da tarde em casa.

Também os discursos dependem da vivência de cada sujeita. De seus atravessamentos por diferentes marcadores sociais, como raça, cor e classe. Marcelly, por exemplo, é ativista, parte essencial do movimento trans nacional e até internacional. Os termos que utiliza, ao menos em discursos mais públicos, são sempre aqueles definidos e inclusive votados como oficiais pelas organizações de direitos das pessoas trans pelas quais circula. Ela se define como uma mulher travesti, um termo que tem certa polêmica e que foi definido como o mais correto, bastante recentemente, pela rede de ativistas a qual ela é afiliada. Seu discurso, no que tange a esse ponto, reflete mais as categorias e articulações de subjetividades do movimento político atual, que se articulam e atualizam as definições que vivenciou em sua juventude.

Claudia, como alguém que viveu muitos anos no exterior, fala de si mesma como travesti e, às vezes, como transexual, termos equivalentes em sua fala. Ela apenas se diferencia daquelas transexuais que “fizeram buceta” ou operaram. Ela reflete o discurso internacional, segundo o qual travesti é atualmente uma identidade quase que exclusivamente nativa da América Latina (e é presente supostamente pois foi deslocada para a Europa através da migração de prostitutas latinas, especialmente brasileiras, para países como Itália e Espanha).

É importante destacar que *Bambi*, nome artístico de *Marie-Pierre Pruvot*, estrela mítica do *Le Carrousel* (provavelmente o mais famoso e histórico *cabaret* trans do mundo) dos anos 50 e 60, relata que, mesmo após a operação, nos cartazes de shows durante os anos 50, 60 e 70, elas todas eram referidas como *les plus beaux travestis aux monde* (os mais belos travestis do mundo), tanto usando a palavra “travesti”, como generificando-a no masculino. Depois dos anos 70, a palavra transexual se populariza. E, posteriormente, como atualmente, entre nativos europeus e norte-americanos, a pessoa que faz uma transição de gênero e que vive 24 horas um gênero diferente do atribuído no nascimento, é definida sempre como transexual. Nesse período, pessoas atribuídas ao gênero masculino mas que vivem com o gênero feminino, e que não realizam uma cirurgia de redesignação sexual,

como as travestis, passam a ser compreendidas, em lugares como na Europa e nos Estados Unidos como latinas. Para os europeus, por exemplo, travesti é a palavra em francês equivalente ao *crossdresser* ou *transvestite*, aquela pessoa que usa roupas femininas ocasionalmente, normalmente por fetiche.

Essa questão é o que parece explicar porque Claudia articula a identidade travesti e a identidade transexual como sinônimos, como se estivesse utilizando a mesma palavra mas uma em alemão ou inglês e a outra em português, uma que ela aprendeu vivendo fora do país, e a outra que condiz com o que aprendeu na época que ainda vivia aqui, indo de uma para a outra sem distinções.

A identidade como discursiva e, portanto, como parte da linguagem, supõe que ela dependa também do interlocutor, de maneira que seja entendida. Ângela, quando conta de sua ida para a Itália, falou uma expressão que me deixou confusa: *Que ninguém vai me chamar de senhora, né?* Quando perguntei o que ela queria dizer com isso, visto que não acredito que as pessoas possam deduzir que ela é trans hoje e, pelas fotos que ela me mostrou, isso era igualmente verdade na época que foi para Itália. Ela então me explicou que ninguém conseguia perceber que ela era uma operada, mas que quem sabia ou quando soubesse do fato, não lhe veria mais como uma mulher legítima, a quem se chama respeitosamente de senhora. O que queria me dizer é que não importa o “quão mulher” ela seja no seu comportamento e aparência, pois, para alguns interlocutores que saibam da sua jornada, ela vai ser sempre só um *puto operado*. Ao que parece, a senhora e o puto operado podem ser a mesma pessoa, mas em situações diferentes: aquele na qual o interlocutor sabe do passado de Ângela e aquele que o interlocutor não sabe.

Ela é composta pelas fissuras causadas pelos diferentes entendimentos de diferentes interlocutores. Ela referiu a si mesma como transexual primária em um momento - um termo bastante específico da literatura médica -; como mulher, em contextos cujo interlocutor a enxergava dessa maneira, quando não sabia do passado, especialmente agora, que é vista e se comporta como uma senhora; e também falou de si como bicha ou operada, em contextos em que sua jornada era conhecida.

A identidade, para as senhoras com quem convivi, é uma atribuição para a qual o interlocutor é tão importante quando o termo usado. O que é inteligível é tão importante quanto aquilo que está sendo enunciado. As categorias e as subjetividades que mobilizam, são, assim, produtos de diferentes relações.

Também é necessário dizer, na recusa de todas as minhas sujeitas em dizerem-se mulheres, que não havia uma epistemologia, como houve após o ativismo trans, que pudesse articular teoricamente e socialmente uma narrativa coerente para desestabilizar os discursos subjetivos e as epistemologias normativas na época em que elas “saíram do armário”. Não havia como articular um discurso lógico em uma linguagem institucionalmente aceita que pudesse inaugurar um discurso que permitisse facilmente a compreensão de si mesmas como mulheres. A partir de um amplo debate político, que é reforçado após emergência da categoria da cisgeneridade, a noção de mulher natural, biológica e real, em contraposição à mulher falsa e artificial, é desafiada. A noção de mulheres transgêneras e cisgêneras complexifica, assim, a compreensão das trajetórias que levam à construção de uma identidade feminina e permite que diversas trajetórias sejam validadas e complexificadas sem serem consideradas inferiores, falsas ou menos biológicas. Tal fato permite ainda analisar as diferenças entre as trajetórias trans e as não trans sem invalidar logicamente a possibilidade de ambas serem de fato mulheres.

Hoje em dia, o conceito da cisgeneridade se torna, apesar de ainda ser considerado polêmico em certos círculos, lentamente parte das subjetividades produzidas por diferentes arranjos discursivos. Isso me faz lembrar uma travesti militante do Nordeste, que se dizia contemplada na categoria travesti, pois não era nem homem e nem mulher, mas sim travesti. Em uma palestra que eu assistia, ela dizia: *Quando eu era mais jovem e recém chegada no movimento (trans), elas me diziam: eu sou mulher e você não é. Agora elas chegam e dizem: eu sou mulher e você também é.*

Essa mesma militante se sentia incomodada por achar que travesti como identidade fora dos padrões binários, homem ou mulher, estaria sendo negada atualmente em um discurso normatizante e normativo, segundo o qual todas travestis são necessariamente mulheres. É um exemplo, talvez, de como as definições que, em dado momento, tensionam as instituições, podem ser assimiladas por elas.

O ser travesti das minhas sujeitas pertence, portanto, a uma outra época. Todas elas, menos Marcelly, que faz parte do movimento político, falam travesti no masculino, o que é um forte indício desse uso a partir de um outro tempo. Tal prática, de usar o gênero gramatical masculino para se referir à palavra travesti, é atualmente combatida de maneira generalizada pelas próprias travestis,

especialmente as do movimento ativista e as novas gerações. Os tempos mudaram, certamente, e, do meu ponto de vista, situado numa experiência trans, a mudança é algo positivo e que deve ser aceita e celebrada.

Ao mesmo tempo, é necessário que as gerações atuais de pessoas trans, como a minha, não sejam “abusadas” e respeitem que, se vamos falar das vivências de senhoras ou jovens em outros momentos históricos, não há uma tradução exata e aprovada pelo carimbo do comitê invisível dos ativistas absolutos para as vivências delas. Temos que respeitar as grafias, pronomes e conceitos que as envolvem, ao invés de asfixiar suas experiências em nossas compreensões bem delimitadas e fixas. Também vale lembrar que vão sempre existir pessoas que se sintam mais contempladas por definições mais antigas, como a ativista travesti citada acima, que não deseja ser uma mulher trans

Finalmente, considero que a polissemia da expressão travesti talvez seja sua maior potência, e eu arriscaria o palpite que talvez, por isso mesmo, ela resista nas novas gerações, mesmo sob tremendo estigma e em outro tempo histórico.

Por tudo o que foi exposto, opto por misturar o termo travesti ao termo mulheres ao me referir as minhas sujeitas: acho que, assim, contemplo uma gradação de significações múltiplas e polissêmicas, que permite um espaço vasto para que elas existam, respeitando o tempo em que viveram, o tempo presente, e acima de tudo, sem deixar que a arrogância que a minha juventude possa carregar as formate demais.

Jamais comentei sobre essa questão, ou corriji, minhas entrevistadas quando se referiram a travesti no masculino. Seria no mínimo uma deselegância e violação do método da pesquisa, e, no limite, uma violência e uma arrogância tremenda de minha parte. Optei, contudo, por escrever a travesti quando se trata de minhas análises e quando uso a minha voz, pois também respeito minha localização na realização deste estudo, e faço parte do tempo atual, produzindo conhecimento e discursos dentro das perspectivas contemporâneas.

Explicito a questão do uso dos pronomes e dos termos para que os/as leitores/as possam entender que trato de um contexto histórico único e respeito as minhas sujeitas acima de qualquer coisa, mas se elas tem permissão de fazer tais usos, pois viveram essa geração, eu só tenho a permissão para usar as definições delas quando aplicada à época delas. Não posso classificar experiências atuais com estes conceitos, da mesma forma que seria um abuso tentar “ensiná-las” como

deveriam se definir nos tempos de hoje. Afinal, ninguém vai me chamar de senhora, né?

Acredito na polissemia como um certo ideal ético, como elemento fundamental a se atentar para produzir maior beleza e menos feiura no mundo, para que haja diversidade infinitamente disponível a quem assim desejar, e para que se respeite a maneira que o outro se define, mesmo que seja diferente da maneira com que alguém que a sociedade julgue igual se define. Para que sempre haja espaço para alguma coisa a ser rabiscada à caneta no verso da cartilha oficial sobre sexualidade e gênero. Mas também que se preserve estrategicamente a falta de rasuras dentro dela, pois a estabilidade existe para um uso.

Travesti pode ser muitas coisas. Menos bagunça¹⁵.

¹⁵ Frase extremamente usada pelas travestis que se tornou célebre ao ser dita por Luana Muniz, rainha da Lapa (Bairro boêmio do Rio de Janeiro), em um programa de televisão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ePpQG1cDdKs>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

2 “E AGORA É QUE SÃO ELAS!”: APRESENTANDO AS DIVAS EM QUATROS ENSAIOS LITERÁRIOS.

Não vou ser autobiográfica. Quero ser “bio”.
(Clarice Lispector, *Água viva*, p. 40).

Quando comecei a conhecer o mundo das travestis pioneiras e a conhecê-las individualmente, decidi que passaria a chamá-las de divas. As interações entre elas revelam tanto rivalidades ao estilo *Joan Crawford* e *Bette Davis*,¹⁶ como momentos de ternura de *Marilyn Monroe* misturados à a tenacidade de *Vivian Leigh* em “E o Vento Levou”. Sem bajulações: cada uma delas é realmente uma estrela. Não foram todas que ganharam a vida fazendo shows ou que se definem como artistas, mas as tomo, aqui, em suas histórias, como espetaculares. E bordões, quantos bordões maravilhosos dividiram comigo! As que não foram estrelas de teatro ou cantoras dos palcos, como, respectivamente, *Claudia* e *Ângela*, foram musas do meio artístico, como *Maitê*, ou do ativismo, como *Marcelly*. Vale destacar que existiram, em sua geração, como até hoje, estrelas de concursos de beleza, e outras tantas divas “dos palcos” das esquinas mal iluminadas, que dividiram muitas vezes partes das trajetórias com as divas desta pesquisa.

As que chegaram à “terceira idade”, não foi apenas por questão de sorte: foi necessário talento, que seja apenas em viver os períodos que elas viveram e chegar até o presente. Lembro-me de uma frase de *Claudia Pimenta* - entrevistada que apresento neste capítulo em companhia de *Marcelly Malta*, *Maitê* e *Ângela* - sobre talento não ser nada mais que força de vontade. Talento, para ela, é querer muito. A frase me fascinou. Imaginei aquele momento de *Scarlet O’Hara* em “E o Vento Levou”, onde ela repete que nunca mais passará fome enquanto viver. Aquela determinação: talento em estado bruto. É necessário muito talento pra envelhecer, ainda mais como travesti, ensinaram-me elas. Ainda mais naquela época. E, por isso, que, para mim, **todas** elas são divas, merecidamente, talentosamente, insistentemente divas. Não só viveram épocas de *glamour* que não existem mais, como o *glamour* se coloca para elas no presente de alguma forma. Está, de diferentes formas, até na maneira que elas se movem e falam.

¹⁶ A rivalidade entre as duas atrizes em Hollywood era bem conhecida apesar de terem contracenaram juntas em apenas um filme “O Que Terá Acontecido a Baby Jane?”.

Este capítulo foi concebido como uma apresentação de cada uma delas em sua relação comigo. Tentei trazer suas vozes ao transcrever várias partes de nossas entrevistas, deixando, na medida do possível, a escrita aberta para elas contassem partes de suas histórias. Complementei com impressões e relatos que envolvem nossos encontros. Tento contextualizá-las, sem deixar que seja visível o afeto envolvido. Não tenho aqui a pretensão de traçar um perfil ou de analisar em exaustão, nem mesmo me proponho a fazer um “resumo” de suas trajetórias, com início, meio e fim. Não que suas trajetórias não precisem ser registradas em profundidade, mas a expectativa da completude me parece bastante improvável: nenhuma vida é pequena o suficiente para fazer dela uma narrativa única.

Além disso, tal reconstituição histórica, ainda que importante, deixaria de fora elementos que pudesse aproximá-las dos/as leitores/as, que os/as permitissem imaginá-las. Será que consegui fazer isso com as palavras? É a ambição do presente capítulo. Acima de tudo, ele é composto por ensaios cheios de afeto, que espero que transbordem¹⁷ ax leitorx.

Como fica explícito na introdução desta dissertação, a forma que escolhi de escrever os capítulos em geral, mas este em especial, dialoga com a literatura, profanando um suposto formato acadêmico clássico, ao ser nada impessoal e sem nenhuma vergonha disso. Aproveito para lembrar aqui de Donna Haraway (2000), que, utilizando a imagem do ciborgue, defende a ironia e o senso de humor como centrais para a política feminista e para a produção do conhecimento. No “Manifesto Ciborgue”, ela escreve:

A ironia tem a ver com contradições que não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras. A ironia tem a ver com o humor e o jogo sério (HARAWAY, 2000, p. 35).

Opto por fazer essa narrativa escolhendo dois grandes filmes de ficção para cada uma. A escolha dos filmes não se dá pela história dos mesmos, mas pelos títulos e por serem filmes da “era de ouro de *Hollywood*” onde o *glamour* e as divas do cinema eram centrais. Cada filme escolhido para nomear e dividir os ensaios é

¹⁷ Falo aqui em transbordar porque é um afeto que não cabe no peito e por isso derrama nas páginas, e não pela infeliz tendência dos trabalhos acadêmicos sobre pessoas trans de se fazerem trocadilhos ou analogias com palavras que possuem a palavra trans em sua constituição, estilo “TRANSbordar”. Uma tendência estilística que nenhuma pessoa trans consegue mais ler ou ouvir sem involuntariamente revirar os olhos.

protagonizado por uma grande diva do cinema norte-americano, e o título do mesmo tem relação a história de cada uma. É um recurso de estilo e literatura. A literatura, mesmo com alguma inspiração do cinema, como ferramenta na construção de narrativas em trabalhos biográficos.

Paul Ricoeur em sua obra de três tomos “Tempo e Narrativa” (1994, 1995, 1997) analisa, entre outras questões, as diversas relações entre o simbólico e a experiência através de auto-relatos. Acima de tudo, o papel da narrativa, como uma espécie de mediadora ou relação entre o tempo vivido, a experiência e seus significados, onde o que se vive é por vezes reescrito com base no seu significado presente e simbólico. A narrativa, nem história pura, e nem ficção leviana, desenvolve uma relação única entre tempo vivido e tempo experienciado. Na abertura dessa relação no recurso da narrativa, literatura e tempo conversam, costurando experiências e ficção, e muito mais. Ricoeur escreve sobre isso através da análise de autobiografias históricas:

O sujeito, mostra-se então, constituído ao mesmo tempo como leitor e escritor de sua própria vida. Como a análise literária sobre a autobiografia verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas (RICOEUR, 1997, p. 425).

É por isso que a narrativa, e, por que não dizer, a literatura, são importantes ferramentas para captar a delicada relação entre vivência, experiência e tempo. A narrativa biográfica pode revelar aquilo que está além da história, a experiência em um nível mais profundo, além da ficção, mas além do relato tido como “objetivo” ou documental. Só com arte, e artifício, que a natureza de cada uma delas pode de fato se tornar visível. Não, elas não são personas, nem esquizofrênicas (o nosso CID é outro), mas divas da vida, desde sempre até todo o sempre.

O *glamour* e o artifício são, portanto, a sua natureza, ironicamente, mais autêntica¹⁸. Elas não são uma fantasia: são realidades tão cruas que desnudam a falta de imaginação do real cristalizado. Suas trajetórias de pioneirismo, resistência, paixão e coragem são apenas algumas provas do quão divas elas de fato são. Divas que seguem brilhando, vivas e belíssimas!

E olha que, de brilho, todas elas entendem muito bem.

¹⁸ A discussão entre cópia e original, artifício e natureza, é importante na obra de Judith Butler (2003), sobretudo no que se refere ao conceito de “performatividade de gênero”. Tal discussão é fundamental para este trabalho e será desenvolvida extensamente no capítulo a seguir.

2.1 “LUZ, CÂMERA E AÇÃO!”

Aqui, como se estivéssemos passando dos bastidores ao palco, ou melhor, à plateia, serão apresentadas cada uma das entrevistadas. As divas contadas por mim. É o show. O meu objetivo, com os ensaios que compõem este capítulo, que dá seguimento ao anterior, por assim dizer, mais “técnico”, é pura fechoação: tentar trazer um pouco das cores vivas dessas senhoras (algumas que conheço faz alguns anos) para o papel, como um choque de eletricidade necessário para trazer vida ao inerte monstro no laboratório do Dr. Frankenstein. Não há garantias de que os leitores gritem ao final: “Sim, ele está vivo, mestre!”.

Eis o risco da criação: a falha. Ainda assim, há que se tentar.

A minha “alquimia” para trazer um pouco de vida à descrição mistura uma pequena dose de literatura e uma grande dose de atrevimento (será que eu sou afrontosa?), unidas na forma de ensaios que trazem muitas citações diretas das entrevistas, com descrições feitas por mim e sobrepostas com minha percepção acerca da relação pessoal que estabeleci com cada uma das participantes da pesquisa. Tais ensaios com certeza expressam um borramento de limites entre pesquisadora e amiga.

(assim como a escrita borra os limites entre ciência e literatura, assim como as divas borraram os limites entre as normas de gênero e sexualidade, assim como...).

2.2 MATINÊ I - PRIMEIRO ENSAIO - MARCELLY

Marcelly Malta em:

“A noviça rebelde¹⁹”

Marcelly Malta nasceu em Mato Leitão, uma cidade pequena e rural, próxima ao município de Venâncio Aires, no interior do Rio Grande do Sul. Nascida em uma família de ascendência germânica, daquelas típicas das colônias alemãs do interior

¹⁹ Filme musical de 1965 (data de lançamento brasileiro) do diretor Robert Wise com a atriz Julie Andrews no papel principal. Conta a história de uma noviça em um convento que não consegue se adaptar às regras religiosas e então vai trabalhar como babá para um viúvo e sua família.

do estado, onde se fala dialeto alemão dentro de casa e se mora em uma chácara. De dia, ela ia ao colégio com os irmãos e primos e, de tarde, ajudava o pai nas tarefas da “roça”. Como ela conta:

Eu, com cinco anos, já sabia tirar leite. De vaca, né. Deixar bem claro. E assim, tinha a escola, né, aí a gente levantava, tirava leite, aí a mãe esquentava o leite, fazia o café, a gente tomava café e ia pro colégio. E ainda ia a pé. Era muito longe. Era muito longe. Hoje, eu não sei quantas quadras é, mas era muito longe. [...] A gente ia junto, todos os primos né, tudo. A minha irmã, as mulheres, né, vamos supor, a minha irmã mais velha, ela ficou interna no colégio de freira. No mesmo colégio onde é que eu estudava. Ela é dois anos mais velha que eu, né. Mas ela ficou internada porque assim, mulher, né, frágil, né, e a maioria das gurias lá da colônia, elas estudavam e ficavam internadas. Elas só vinham fim de semana, entendeu, fim de semana elas vinham pra cá.

Marcelly estudou em um colégio de freiras católicas. A escola ficava ao lado de uma Igreja e todos os alunos e as alunas eram obrigados a ir à missa antes das aulas. A missa era toda em latim, e ela achava isso muito bonito. Até hoje fala disso com visível admiração. A família de sua mãe é extremamente católica e ela fez a primeira comunhão com 8 anos. E não foi somente a primeira comunhão que aconteceu por volta dessa idade.

Aproximadamente nesse período, Marcelly, designada como menino ao nascer, e, para todos os efeitos, mais um menino loiro e de olhos azuis como muitos outros na colônia, começou a notar que havia algo que não se encaixava em sua identidade. Sem referências fora dos papéis tradicionais que cresceu observando, e onde todos aparentemente estavam encaixados, a única coisa que ela pôde constatar de imediato era que a atração que os outros meninos sentiam por meninas, ela não sentia.

Porque quando se fala na história da nossa população de travestis, que na época eu não sabia o que que eu era, né? Sou de uma cidade do interior do interior, que é Mato Leitão, né? Eu sabia que já naquela época, com 7, 8 anos, eu sabia que eu tinha uma coisa diferente. Não sabia o que que era, né? Eu sabia que eu tinha atração por homens, né, entendeu? Não por guri assim, da minha idade, eu sempre gostava mais já de homens mais adultos, né.

A única outra pessoa da família, nessa época, que Marcelly refere como fora de um certo padrão, é uma prima. Conta que essa prima era evangélica e era a única menina que andava a cavalo e, ainda, que se comportava exatamente “como um guri”. A força de vontade dessa parente fica marcada na mente de Marcelly, um “gênio dominador”, inigualável, até hoje. Com uns 12 anos, Marcelly também

começou a borrar as regras que pretendem separar meninos e meninas, deixando o cabelo loiro crescer um pouco e adotando um discreto estilo “Chanel” (na altura do pescoço), que, para sua infelicidade, aborreceu seu pai que a obrigou a cortar as madeixas que ela sonhava em deixar crescer.

Apesar disso, as lembranças de Marcellly, no momento em que conversamos, sobre sua primeira infância, parecem majoritariamente felizes. A vida no campo permanece nela. Na sede da ONG Igualdade RS, onde nos encontramos para a entrevista, em que ela me contou sua história, e onde geralmente nos encontramos sempre, na mesa de Marcellly e nas duas outras adjacentes, entre os muitos folhetos sobre a comunidade trans, entre as muitas e muitas camisinhas, géis e pôsteres de campanhas educativas feitas pelo departamento de saúde e pelo movimento social, figuram também alguns santinhos católicos em papel, além de algumas imagens grandes de santos em um armário de vidro. Também há muitas fotos dela com autoridades e políticos pelas paredes e, às vezes, discretamente, no meio da profusão colorida de coisas, sobre alguma mesa, um embrulho marrom discreto, que só chama a atenção de quem estiver muito habituada a ir ao espaço. Dentro dele, costuma vir uma caixa de ovos caipiras, enormes e laranjas, das galinhas que ela cria em sua chácara na Lomba do Pinheiro (bairro situado na zona leste de Porto Alegre) e que, às vezes, traz para a ONG, onde amigos que os compram vêm buscá-los. É quase uma alegoria, um pedaço de Mato Leitão nela. A decoração, os santos, os ovos, as camisinhas e as bandeiras trans, formam uma mistura bem coerente para uma travesti ativista e profissional do sexo que veio, com muito orgulho, da roça da colônia alemã para a capital do Rio Grande do Sul ainda muito jovem.

Aos 12 anos, a família de Marcellly se mudou para a cidade de Venâncio Aires. Assim, passam a se dividir entre a chácara e a casa, ou, como ela mesma coloca, “*entre a cidade e a roça*”. Ela não gostou da mudança.

Então eu praticamente chorei dois dias, né, porque eu amava a roça, eu amava. Eu amava aquela coisa de lidar com plantação, com lida de campo, eu adorava, adorava...

Ela não conseguiu gostar de Venâncio Aires, mas encontrou uma parte “de casa” na cidade: novamente a haviam colocado para estudar em um colégio de freiras. Marcellly sempre gostou das aulas de religião e, principalmente, das freiras.

Na cidade, algumas delas inclusive eram suas parentes. Ela se refugiou, então, da estranheza da cidade nova no já conhecido ambiente religioso. Ali, sentiu-se acolhida. Uma freira, que lecionava em seu colégio, também era enfermeira, o que não era muito habitual. Não somente isso, ela era sua prima, como acontece facilmente em cidades do interior onde quase todas as famílias possuem algum parentesco entre si. Ela conta:

Então eu tinha uma tia que era freira e parteira e enfermeira. E eu tinha uma prima também que era freira, entendeu? Católica. Melita. Olha o nome, Melita. E ela dava aula pra mim. E trabalhava no hospital, né. Porque elas, as que lecionavam, né, elas não trabalhavam em hospital né. Mas ela tinha uma coisa com ela, ela era muito assim, serelepe. Era uma freira, ela era diferente. Tinha uma afinidade com as crianças muito grande, essa minha prima.

Não sei dizer se Marcelly rezava antes de dormir por um milagre que a conduzisse de volta para o campo ou que lhe desse uma vida diferente, mas, se é possível dizer que houve um milagre de fato em sua adolescência, ele veio na forma da prima e Irmã, Melita. Por influência da amizade com ela, Marcelly começa a frequentar o grupo de jovens católicos. Reza e tem ensino religioso pelas manhãs, além da aula, e, à tarde, vai para sua amada roça com o pai. Assim se passam três anos. Nesse tempo, Marcelly frequenta o ambiente religioso e conhece as irmãs franciscanas que administravam o Hospital no qual Melita trabalhava. Ela ficou absolutamente fascinada com as freiras. A afinidade com elas foi muito grande. E Melita a apresenta, então, à Madre Superiora, a irmã Régis. Marcelly se deu extremamente bem com ela, o que rendeu uma conexão de afeto recíproca entre elas. No contato com “as irmãs” é que ela se dá conta que queria ser como elas:

Eu achava bonita aquelas freiras tudo de branco. Os enfermeiros eu não me lembro, naquela época, ainda não se tinha, mas tinha muita freira. Achava lindo, lindo, lindo, elas andavam de branco e servir, aquela coisa toda.

O desejo por aquela vida, por viver como Melita ou a Irmã Régis, freiras vestidas de branco servindo as pessoas, teria sido interpretado por alguma de suas irmãs certamente como um legítimo “chamado religioso”. Tal chamado, contudo, era inviável para “um menino”, como aquele que viam em Marcelly. Mas o desejo era grande e ela interpretou, com as ferramentas da época, que seu destino estava então naquele ambiente onde as freiras estavam.

É, vinha essa imagem **(se referindo a descrição acima sobre as freiras vestidas de branco)**. Eu digo assim, aí, eu acho que eu vou querer trabalhar em Hospital. Aí eu comentava isso com as irmãs, né.

Sendo menor de idade, ela conta seu desejo de trabalhar em hospitais como as irmãs para a Madre Superiora, Irmã Regis, que a convida a acompanhá-la a Porto Alegre. Marcelly aceita, assim, o convite das irmãs para mudar de cidade e trabalhar na Santa Casa de Misericórdia (hospital administrado por elas). Era o adeus definitivo à roça, mas a chance de uma nova vida.

Daí eu vim pra Porto Alegre com 15 anos, né. [...] Venâncio eu já achava uma cidade grande e não é. Hoje é, né. Mas naquela época pra mim era. Quando eu cheguei aqui, eu me apavorei. Eu me apavorei com o tamanho. Dos prédios, o tamanho da cidade. Tamanho do movimento, né? Tudo assim, me assustava, né? Mas me fascinava, né. Aí, eu digo assim, ah, mas eu quero, mesmo assim eu quero.

Como ela não tinha formação nenhuma, visto que era menor de idade, as Irmãs oferecem a ela trabalho na área da limpeza, o qual ela aceita de bom grado.

E eu peguei e a irmã, a irmã superiora, o nome dela era Irmã Regis. Nome masculino, né? Eu acho que pode ser masculino ou feminino. Não sei. E ela disse assim, ah, vou te botar pra fazer limpeza, tu quer? Ai, eu quero. Ai, eu fazia limpeza, andar no meio daquelas pessoas, só que ali a gente tinha uma limitação pra trabalhar. Não era trabalho escravo, né. Tu faz essa parte aqui, faz essa enfermaria - porque a Santa Casa era dividida por enfermarias, não era por leitos. Era enfermaria tal, leito tal. Ai, eu peguei a enfermaria 35 que era a pior enfermaria que tinha. Era uma enfermaria no térreo, né. Onde a gente entra, na portaria, e tu vai no corredor, era a enfermaria 35, onde elas acolhiam aquelas pessoas que já não tinham nada, nada, nada mesmo. Não se fala em população de rua, se falava em população que vivia na rua, em extrema miséria. E tinha uma irmã que fazia esse trabalho e ela me convidou pra fazer de noite, né. Era eu, a irmã Lina, recolhia aqueles pacientes pra trazer naquela enfermaria.

A iniciativa da irmã Lina infelizmente não durou muito, mas foi extremamente gratificante. Em uma cidade grande, assustadora, excitante e nova, com 15 anos, longe da família, do campo e trabalhando de dia como faxineira no hospital, ela ainda ia, à noite, ajudar a irmã Lina a trazer moradores de rua e acomodá-los para dormirem no hospital. Talvez o que as irmãs tenham visto em Marcelly, e se pode somente especular isso, não tenha sido apenas a estatura alta e a disposição forte dos colonos que trabalham no campo, mas o coração “daquele jovem” que queria ajudar aos doentes e, acima de tudo, ser útil ao próximo. Ela se tornaria, nos anos

futuros, uma grande defensora dos direitos humanos. Não somente das travestis, mas da população de rua e carcerária.

Também foi na Santa Casa que Marcelly finalmente começou a ter novas referências quanto às suas questões de gênero e sexualidade.

Aí como a Santa Casa era muito grande e era muito limitada se tu andar, circular, em toda a Santa Casa. Ai quando eu vi, eu vi um monte de bicha. Aí comecei a me apavorar: quem são essas pessoas? [...] Nunca vi uma bicha na minha frente. E, na Santa Casa, eu comecei a ver.

Ela, então, se reconhece com “as bichas” e começa uma amizade com elas, em especial com Roberto que era mais velho, afinava as sobrancelhas com pinça, usava rímel e vestia calças justas com blusas mais largas.

Que pra mim, naquela época, já era uma travesti, né. Não sei. Porque ela, eu tinha uma afinidade tão grande, né? Que a gente almoçava. Ai, vamos almoçar, vem cá. Não se chamava aquela coisa de nome social. Era tudo fulano de tal.

(Sophia: Vocês se tratavam no masculino, então?)
 Todo mundo no masculino, entendeu?

Roberto logo revelou-se Kate, que se tornaria a primeira travesti que Marcelly conheceu em toda a sua vida e, através de quem, foi conhecendo outras, bem como se descobrindo uma delas: *“E o Roberto disse assim: ai pode me chamar de Kate. Meu nome, de noite, todo mundo me chama de Kate. Eu digo, ah, tá bom, Kate, né?”*

Marcelly, sob nome masculino, recém-vinda do interior, passou a integrar o núcleo de “bichas” do hospital. Com Kate, finalmente, encontrou o seu lugar. Ela não era mais o solitário menino de jeito delicado e cabelo Chanel da colônia. Começou a aprender, com Kate, sobre aquele universo novo e foi, ao mesmo tempo, se descobrindo.

“O Pecado Mora ao Lado”²⁰”

Kate também introduziu Marcelly a uma outra fonte de renda: a prostituição.

²⁰ Filme de 1955 (lançamento mundial) do diretor Billy Wilder, estrelando a atriz Marilyn Monroe. Conta a história de um homem cuja mulher e filho saem de férias durante o verão, deixando o sozinho em um prédio onde se encontra apenas o zelador e uma vizinha solteira e sensual.

Ai, vamo começar a sair de noite, pra ganhar dinheiro. Eu digo: como pra ganhar dinheiro? “Se ganha dinheiro como? Trabalhando, né?”. Será que eu vou aguentar? “Aguenta sim”. Aí tá, a gente vai aqui na Independência. Tinha um, antes de chegar a Igreja Nossa Senhora da Conceição, aquela, não existia aquele viaduto, né? Então onde que era o viaduto, era uma casa bem pra dentro, tinha um posto de gasolina, né?.

Marcelly não entendeu muito bem, inicialmente, o que Kate queria dizer. Como assim ganhar dinheiro? Será que ela queria roubar algum lugar ou alguém, e pedia a ajuda de Marcelly? Mas ela não roubava. Como assim ganhar dinheiro e ainda sair com homens? Não passava pela cabeça de Marcelly que existiam homens que pagavam para fazer sexo com travestis, com outras como ela. Era-lhe um mundo ainda muito novo. Ela conhecia melhor o universo das irmãs católicas que aquele que ela pressentia pertencer desde os seus sete anos. Mesmo quando entendeu o que Kate queria dizer, que elas poderiam se prostituir, ficou ainda um pouco assustada, e, acima de tudo, um tanto incrédula. Ela, então sem hormônios, sem silicone, sem seio, *completamente reta*, não havia ainda aprendido como se produzir. Certamente os homens não iriam querer sair com ela assim, pensava. Mas, excitada e curiosa, como quando conheceu Porto Alegre, seguia, fascinada e corajosa. Então, colocou algumas roupas de Kate emprestadas, as duas se maquiaram e foram para a rua, onde ficaram conversando. Não qualquer rua, mas a Independência, onde outras travestis já faziam “ponto”. Logo os homens começaram a chegar. E, para a surpresa de Marcelly, eles estavam muito interessados nelas. Inclusive interessados o suficiente em pagar para estar com ela. Ela e Kate se divertiam, faziam sexo com diversos homens, a maioria bastante atraentes, e conversavam muito. E lucravam. No final da noite, elas voltavam para a peça que Kate alugava perto da Independência apenas para se vestir, já que não havia como pegar ônibus vestida de mulher para voltar onde ela de fato morava e que era muito longe. Marcelly estava muito surpresa.

Ai, é, eu digo assim, como é que a gente pode ganhar tanto dinheiro, quando chegava em casa, faziam assim, meu deus, era muito dinheiro, né? Era muito dinheiro, muito dinheiro, o dinheiro caia assim da bolsa, só chegava e botava dentro o dinheiro, nem contava, né? Eu digo assim, na primeira noite quando eu cheguei em casa, eu digo assim: como é que eu posso ganhar tanto dinheiro assim, numa noite? Praticamente o que tu trabalha em 15 dias, né? Que a Santa Casa era uma instituição muito pobre, né? Pagava menos, né. Nem se falava em salário mínimo. Era o salário que eles pagavam né, e esse dinheiro, que eu ganhava, era muito dinheiro! Eu disse: ah, é isso que eu quero. Assim, o que eu achava, era o prazer, né, e dos homens ainda pagar, entendeu, pra fazer sexo contigo. É, assim ó. Eu digo assim: meu deus do céu, Kate.

O dinheiro convence Marcelly e ela começa a se prostituir todas as noites após o trabalho no Hospital. Ela também conheceu diversas outras travestis na noite, que seriam suas amigas e companheiras de batalha nas madrugadas. Elas ensinaram Marcelly sobre os hormônios e as maneiras de se maquiar e de se vestir, além dos truques e das regras da prostituição. Elas ensinaram Marcelly, por exemplo, o segredo de passar pomada minancora após se barbear, antes da maquiagem normal, para aparentar não ter barba alguma. Ensinaram a ela como ser e se produzir como travesti.

Marcelly não deixou o hospital e as irmãs depois de sair com Kate, pois ela gostava muito delas e do ofício. Ela frisa que nunca deixou de trabalhar “de dia” durante toda a sua vida. Nunca mais, na vida, deixou a prostituição, mas também nunca deixou de ter um trabalho fora dela. Ela amava o serviço do Hospital. Gostava de cuidar dos doentes, de limpar, de servir. Gostava muito também da parte de enfermagem, das injeções, de tudo. Ela começou, então, a se prostituir à noite, dormir pela manhã e a continuar a trabalhar, à tarde, na Santa Casa. Ela tinha como colegas de trabalho, nas mesmas 24 horas, tanto freiras como putas. Marcelly não precisava escolher: ela vivia o sagrado e o profano juntos. É como se ela fosse santa e puta. Ou melhor, funcionária da Santa Casa e puta. E a sua vida como profissional do sexo não apenas lhe dava condições financeiras muito superiores às que ela teria como apenas faxineira, mas também lhe oferecia um outro social onde ela podia ser vista e se desenvolver enquanto pessoa feminina, usando roupas femininas. É na imagem dessas outras travestis com quem ela convivia na batalha que Marcelly observava o que ela queria ser e aprendeu como fazê-lo.

E essa, essa menina loira, né, me chamou a atenção. Eu digo assim: como tu é linda! Ela era toda perfeita, né? Ela não tinha muito silicone e tinha o cabelo belíssimo aqui, ela só fazia, assim, um coque, né, ela andava sempre com um rolo de papel higiênico, no cabelo, ela botava todo o cabelo pra frente, né, enrolava o cabelo, né, e soltava, o cabelo caía em cachos. Aí eu digo: meu deus, como tu é linda. Eu achava ela belíssima e era belíssima. Aí comecei, eu disse, ai, isso que eu quero ser.

É na prostituição que Marcelly teve o segundo batismo da sua vida. Dessa vez, não pelas mãos do Padre mas de outra travesti, onde recebe o seu primeiro nome feminino. Ela “nasce” oficialmente enquanto travesti, embora o nome Marcelly só viria muitos anos depois desse batismo.

Aí me chamavam, naquela época, de Marlene. Ah, me dá o nome que tu quer, aí Marlene, né? Ficou um bom tempo esse nome. Daí eu disse: ai, Marlene, não gosto. Porque tinha uma vizinha minha que eu não gostava dela, da colônia, que ela se chamava Marlene. E era chata, né? Aí passou um tempo, uma outra gay, que era tenebrosa, também fazia pista, né, ela me chamava de Eva. Disse: ai, tu é parecida com a mulher do Hitler. Eva Braun. Sabe? Eu nem sabia quem era o Hitler. O que eu ia falar, né? Ai, tu é parecida com a Eva Braun que é a mulher do Hitler. Nunca vi foto da mulher, nem falar. Aí ficou, mas eu, a gente não ligava muito pra essa coisa de nome, sabe?

Marcelly, loira e alta, de feições germânicas, como um “Anjo Azul”, como Lola de cinta-liga e *rouge*, como uma Marlene Dietrich na semi-luz das ruas, seu espaço, seu palco, vivia sua verdade, seu prazer. Mas ela acaba conhecendo que nem tudo é glamour e flores, afinal, até as rosas mais belíssimas têm espinhos. A polícia militar e civil vão empurrando a prostituição de travestis pela Independência, cada vez mais cerceando seu território. Eram os tempos da ditadura militar, e eles tinham o poder total.

Então, eu digo assim, é, no início da minha prostituição, né, eu acho que pra mim foi uma coisa, assim, boa né, que eu fui conhecendo a vida, o que ela era, nua e crua. E, outra coisa, que no início achava tudo um mar de rosas né, tudo, realmente era um mar de rosas, mas depois a gente foi subindo, foi subindo, pela Independência, quando a gente foi parar lá na caixa d’água. Lá na caixa d’água que a gente teve problema. Lá que foi um tormento, o tormento.

2.3 MATINÊ II - SEGUNDO ENSAIO - CLÁUDIA

Claudia Pimenta em:

“Os Homens Preferem As Loiras²¹”

²¹ Filme musical de 1953 (lançamento mundial) do diretor Howard Hawks, estrelando as atrizes Marilyn Monroe e Jane Russell. Duas amigas embarcam em um cruzeiro, mas são seguidas por um detetive particular contratado pelo pai do noivo de uma delas, que teme que ela esteja se casando com seu filho apenas por dinheiro e procura reunir provas do comportamento inadequado para anular o casamento.

Figura 1 - Claudia fotografada em 1994 por Walter Vogel, para o livro “Die Schönen Der Nacht: Showstars & Travesties”



Fonte: Walter Vogel (1994); arquivo pessoal de Claudia.

A foto de Claudia acima não pretende ser ilustrativa: não serve para que se veja sua fisionomia. É um objeto, um símbolo de seu triunfo. É um testemunho de seus sonhos, e de seu trabalho e sucesso nos palcos em Hamburgo na Alemanha, e por toda Europa. O fotógrafo alemão Walter Vogel é um dos maiores nomes da história da fotografia do país, tendo publicado fotos em diversas revistas pelo mundo e tendo feito fotos icônicas de celebridades, como a coreógrafa Pina Bausch. É uma honra de poucas, mesmo entre as lindas, ser retratada por ele. No livro onde, entre outras, ele retratou Cláudia, no final há uma foto de Walter acima de sua biografia. E ele escolheu uma foto onde está...ao lado de Claudia! Ela me emprestou o livro não para que eu visse a sua beleza e juventude, que seria possível de ser vista em outras fotos em seus álbuns, mas para que eu testemunhasse o seu sucesso e seu momento de glória. Abrir aquele livro era abrir a sua vida, começando pelo seu apogeu. A foto acima é o registro desse objeto e momento, apropriadamente então abrindo este ensaio.

Claudia é geminiana e nasceu em Camaquã, no interior do Rio Grande do sul, na mudança de década dos anos 40 para os 50. Nascida numa família de ascendência alemã, onde os avós falavam a língua quando não queriam que os filhos e os netos os entendessem. Atualmente, é uma senhora esbelta e com a pele

bronzizada, que chama atenção para seus belos olhos verdes. Sua aparência tem algo de europeia, como se tivesse se aposentado do mundo do glamour para viver numa praia, quem sabe no sul da França. Ela, que sempre foi conhecida por ser loiríssima, não tem o mais o cabelo loiro. É uma pessoa reservada, que está fora “do meio trans”.

Ela não quer mais fervos, e desconfia um pouco do interesse das pessoas. Por isso, ela prefere tomar banho de açude em sua pequena chácara, conviver com seus animais (que ela refere como *meus boizinhos*) ou cuidar dos muitos e muitos cachorros que abriga em sua casa em Porto Alegre. Para Claudia, o mundo está cheio de seres, mas são raros os humanos. Muitos dos que se consideram seres humanos ainda não chegaram lá, reforça. Os animais são mais humanos que os supostos humanos, para Claudia. Eles, os animais, é que ela pode amar incondicionalmente, sem medo, ainda que ela faça trabalho voluntário com a população de rua, isso já faz muitos anos. *Melhor ter amigo que mora na rua do que em palácio*, ela me diz sabiamente. Nessa casa, a dos muitos cachorros, também mora a irmã de Claudia, que nos ofereceu um café e um pedaço de pizza no meio de uma tarde fria, durante um de nossos encontros, e, pelo menos, mais uma sobrinha.

Segundo a sobrinha de Claudia, uma moça de cabelos louros como foram os da tia e um sorriso largo, quem lhe ensinou a dirigir e construiu aquela casa para que a família vivesse junta, além de ter dado o primeiro apartamento de sua mãe e da outra tia, e ainda “tudo do melhor” para a sua avó, foi Claudia. Ela conta isso com orgulho, ao mesmo tempo em que me fala que Claudia sempre foi seu ídolo maior. Foi a tia, além disso, quem lhe ensinou a fazer trabalho voluntário e ter compaixão com os outros. Se ela sabe a importância de praticar caridade, me conta rapidamente, quase em segredo, quando Claudia foi pegar algo no carro, foi por causa da sua tia. E me diz que levou café na cama para Claudia no dia do seu aniversário.

Claudia relata que sua família vem de uma tradição de joalheiros e alguns de seus parentes possuem uma joalheira bastante tradicional e antiga em Ijuí até hoje (outra cidade do interior do mesmo estado).

E eu vim de uma família bem tradicional em Ijuí. Joalheiros. São. Tem cento e tantos anos a joalheria lá. E eu sei arrumar relógio, eu sei fazer as coisas. O pai ensinava.

Claudia sempre foi muito ligada à mãe, quem lhe dava amor incondicional. A relação com o pai era mais tumultuosa, mas ele era um homem honesto e com boas condições financeiras.

Meu pai era um homem bonito, muito mulherengo, ele tinha condições financeiras e a mãe era uma mulher que tinha talento, era linda e era uma mulher de trabalhar, impecável.

As relações extraconjugais do pai de Cláudia foram muitas e ele também teve filhos fora do casamento. No total, ela tem 16 irmãos. Apesar disso, afirma que cresceu com uma base bastante sólida, ao menos do ponto de vista financeiro:

Eu fui criada tomando água em copo de cristal. Eu comi com garfo de prata com o nome da gente. Nossas toalhas eram de linho, nós tínhamos um padrão, então eu achava que aquilo ali foi a base.

A família, Pochmann, e sua ascendência alemã, fato bastante presente em seus relatos, como justificativa para a sua decisão futura de residir na Alemanha, também é muito presente em seus traços físicos, como os olhos verdes e cabelos loiros, que no futuro se tornariam platinados, deixando-a “loiríssima”. Uma verdadeira *Catherine Deneuve*, como foi repetidamente lida quando passou a morar na Europa.

A epítome do modo de pensar alemão se exprime, para ela, na figura dos avós, que eram um tanto distantes.

Eles falavam alemão entre eles, para nós não entender. Esse é o típico alemão, por isso que eu fui pro lugar certo. [...] Eu estudei em colégio de padre, colégio de freira, eu tinha uma boa (educação) até o quarto ano primário.

Com 12 anos, Claudia observa a irmã mais velha se maquiando e começa a se dar conta que se identifica com ela em termos de gênero.

De travesti que eu me descobri foi, eu tinha uma irmã por parte de pai que era muito bonita e aí eu via ela, e eu me via eu. Aí ela, eu via pintar os cílios que naquela época era (**inaudível**). [...] Então eu cheguei no Rio, eu queria me maquiar. Eu queria.

Quando nos encontramos pela primeira vez, a intenção de Claudia era conversar comigo em um restaurante, para me conhecer melhor antes de qualquer coisa. Vai que eu fosse apenas um ser, e não um ser humano. Ela nunca levava ninguém, especialmente uma quase desconhecida, para a intimidade da sua vida e

da sua casa. É mais um reflexo do seu estilo de vida discreto e reservado, de quem agora quer apenas sossego e paz. Chega, ela viveu o luxo, agora ela quer só curtir a natureza e a tranquilidade. Ela na realidade só concordou em falar do passado comigo porque disse que sentiu algo diferente na minha voz - ela é sensível a energias - e também por eu ter sido indicada por uma amiga em comum, uma das únicas trans que confiava e que recebeu em casa. Então, sentia que eu era uma pessoa “do bem”.

Porém, como uma grande virada digna de um filme, justo no dia do nosso primeiro encontro, o carro dela parou de funcionar. A bateria do seu *Palio* prateado descarregou durante a noite, e ela só descobriu isso quando o carro morreu na esquina de sua casa, depois de ela sair pra me encontrar. Com medo de me deixar esperando muito tempo, voltou pra casa e correu às pressas até a garagem. Entrou então em um outro carro e saiu. O carro era nada menos que um *buggy Leblon*, conversível dos anos 80, antigo, pintura azul metálico, interior de veludo, sem teto, rebaixado e sem portas móveis (a pessoa pula para dentro e tanto passageiro como motoristas ficam completamente deitados durante o trajeto, como na fórmula 1). Certamente um belo carro de luxo, em alguma época mais distante.

Eu esperava em um cruzamento movimentado durante o começo da tarde de uma sexta-feira, no centro de Porto Alegre, por Claudia e seu *Palio* cinza conforme combinado. Como eu não tinha certeza de que reconheceria o carro ou Claudia, fiquei nervosa e atenta à rua. De repente, surgiu o *buggy Leblon* na esquina da rua, e, no mesmo instante, eu sabia que era ela sentada no inusitado modelo antigo, que, apesar de visivelmente um pouco sucateado, com algumas falhas na pintura, ainda era impressionante. Foi uma cena cinematográfica. Não me contive e pulei para dentro do carro de maneira desajeitada, esquecendo que estava usando uma saia. Como não podia deixar o carro estacionado (não havia teto, nem alarme), convidou-me para ir a sua casa, diferente do nosso combinado. Aceitei. Ela correu então até em casa, meu coração quase parando a cada curva, mas elas dirigia tão rapidamente quanto precisamente. Todos nos olhavam. Tanto pelo carro, quanto pela nossa dupla. Me senti ao lado de Greta Garbo, saída de sua reclusão, e o público nos olhava, surpreso e curioso.

No final desse dia, Claudia me confessou que não tirava esse velho carro da garagem fazia quase 20 anos, e tinha medo que ele simplesmente não funcionasse mais (outro fato que impossibilitaria estacionar na rua). Isso também explicava a

corrida: tinha medo que o carro nos deixasse na rua e queria chegar em casa rapidamente. Para mim, foi uma viagem “*Felliniesca*” e rápida, quase um sonho. Foi um dia de exceções, novidades e aventura, para Claudia e para mim, assim como para seu amado *bugginho*, o qual, apesar de tudo, cumpriu sua função e não nos deixou na rua. Ainda havia força naquele motor, como há em Claudia.

Observando a beleza da irmã, o “menino” um tanto levado, mas de jeito delicado, e olhos claros, desejava ser como ela. Queria se maquiar e se arrumar como ela. É como se a irmã fosse um espelho, onde ela via sua verdade refletida. Olhando-a, Cláudia se enxergava. A real identidade dela, sua feminilidade, causa atritos com a família. O ambiente familiar lhe dava as tais bases financeiras sólidas, porém deixava a desejar emocionalmente. Não houve acolhimento, seja pela época ou por quaisquer motivos. Não se sabe exatamente que espécie de rejeições lhe acontecerem nessa idade, mas certamente foi uma situação bastante difícil para que, com 12 anos, ela tenha decidido fugir de casa. Ela, então, foge de Camaquã e vai para Porto Alegre. Sozinha e em uma cidade grande, ela dorme na rua, modo como acaba conhecendo alguém na mesma situação que ela. Era a Rosinha.

A Rosinha essa, pequena, que eu te falo, de Gravataí, era lindíssimaaaa, muita feminilidade. São feministas. São tudo. Tem uma classe. Nunca vi ela se estourar. Nunca vi mandar alguém à merda. É outro nível.

Elas se tornam melhores amigas e praticamente irmãs. Começaram a transformação juntas. Sem família, menores de idade, de porte pequeno, ambas loiras e travestis, foram morar de favor na casa de Vera Lúcia.

Eu vim de Camaquã pra cá e mudei, o mundo é engraçadíssimo, aqui tem essa rua aqui a Humberto de Campos, a que tu sobe lá pela Ipiranga é a Veríssimo Rosa, ali eu fiquei na casa de uma travesti chamada Vera Lúcia, uma pessoa maravilhosa, ela tinha perdido a mãe, também estava cheia de pânico, mas como ser humano ela me aceitou pra dormir lá e tudo.

Claudia começou a me contar sua vida numa tarde de sexta-feira, sentada em frente à casa de três andares onde mora com a família (ou melhor, a família mora com ela, pois foi ela quem comprou o terreno e construiu a casa). Ela ri ao perceber que a casa de Vera Lúcia, onde morou de favor quando saiu de casa, fica muito perto daquela que ela construiu para viver com a família após a reconciliação, e depois de muitos anos de uma carreira artística na Europa. Claudia ri da ironia do destino. Na época em que ela e Rosinha moraram com Vera Lúcia, por sua

feminilidade e o porte pequeno, ganhou um apelido: Sementinha. “*Era Sementinha aqui em Porto Alegre porque eu era pequeninha, miúdinha*”. A sementinha cresceria, mas não se tornaria uma árvore: mas sim uma muralha.

Que eu também tenho uma coisa, a vida entre tudo, me fez eu ser uma muralha. Nada mais agora vai me modificar. A vida me fez uma muralha.

Ainda com 12 anos, e morando de favor, acontecem atritos entre ela e as outras travestis mais velhas que residiam na casa de Vera Lúcia. Conta que ela e Rosinha eram vistas de maneira hostil pelas outras por serem ambas de porte pequeno e traços delicados. A feminilidade de ambas, segundo Claudia, incomodava. A inveja é assunto recorrente dos seus relatos. Então, as duas meninas saem da casa e decidem tentar a sorte no Rio de Janeiro.

Duas crianças. E daí nós pegamos um ônibus até São Paulo. Lá em São Paulo não entrava mais. Aí fomos de caminhão. Mas encontrei gentes animadíssimas. Ai andando na faixa de Guarulhos, seis horas da tarde, aí, veio um homem de bicicleta e olhou nós assim e perguntou “você vão pra onde?” Nós vamos pro Rio. Ele falou, aí mas vocês não vão conseguir. E ficou nos encarando. Não, vocês conseguem carona lá no posto. Ai eu vi que era uma pessoa que tava preocupada.

Finalmente elas conseguem achar carona até o Rio de Janeiro, e ambas ficam lá por quase 3 anos. É nessa época, provavelmente através de conselhos de outras travestis do Rio de Janeiro, que Claudia e Rosinha começam de fato a transformação de seus corpos, para que se tornem as mulheres que precisavam ser.

Entre 15 e 16 anos, Claudia decide resgatar sua relação com a família, através da mãe, e, então, volta para Porto Alegre, onde a sua família agora morava, após vender a casa de Camaquã. Claudia já era uma linda mulher, uma adolescente, de longos cabelos platinados. A mãe, quando a reencontra pela primeira vez desde que ela saiu de casa, se choca em saber que aquela moça belíssima era seu filho e desmaia. Apesar do desmaio e do choque, ela a aceita. O amor da mãe fala mais alto do que sua dificuldade em compreendê-la. Esse “amor de mãe” se torna a base central do emocional de Claudia, segundo ela avalia.

Infelizmente, não há amor que possa impedir o poder dos policiais militares em tempos de ditadura. Quando Claudia chega em Porto Alegre de ônibus, a polícia a interpela na rodoviária e descobre sua condição. Durante a ditadura, era impensável que alguém como ela andasse à luz do dia e fosse parte da sociedade

dita normal. Uma mulher com documentos de homem? Uma travesti? Assim, num misto de fascinação e ódio, passam a persegui-la. Ela, como muitas outras na época, é presa apenas por sair de casa. A mãe vai até a delegacia para que ela seja solta. As duas voltam para casa da família juntas. Porém, alguns dias depois, a polícia começa a rondar a casa com ameaças à família. A mãe, sem saber o que fazer, pede pra ela ir embora para a sobrevivência de todos.

Porque na ditadura eu estive presa. Nos militares. Eu estive presa. E aí eles andavam rodiando a minha casa, que a minha mãe vendeu lá em Camaquã e comprou uma casinha aqui no Partenon/Beco do Carvalho ali. Então a mãe chegou pra mim e se viu obrigada e falou. Ela me tirou da prisão. [...] Aí quando eu voltei, ah, polícia. E aí a minha mãe virou pra mim e falou: tu vai ter que ir. Se tu ficar, eles vão matar nós. Eles matavam. Eles matavam! Não estavam nem aí. Vou amarrada, dava ali e deu. E aí eu fui de ônibus até São Paulo.

Mais uma vez, dessa vez a pedidos da mãe, era hora de partir. Após anos longe da família, a tentativa de reunião é frustrada devido ao momento político. A família têm medo. Quem sabe um medo não apenas da polícia militar, que fazia o que queria e não respondia a ninguém, mas também daquela “criatura” nova e seu mundo. Então, Claudia resolve procurar a amiga-irmã Rosinha, que estava em São Paulo.

Aí fiquei na casa [...], aí reuni todas as amizades que era do Rio, estavam em São Paulo. Altas periculosidades. Eu, como era feminina e pequenininha, elas tinham uma gana. De raiva. Aí eu fui pra lá. A Rosinha me acolheu que ela morava na pensão. E logo elas falaram: aqui tu não pode ficar, tu é uma bicha marginal. Tu aqui não.

Claudia conta que as outras travestis de sua época, a maioria que ela conheceu no Rio e que ela encontraria inclusive na Europa, temiam a atenção (especialmente masculina) que Claudia atraía com a sua beleza e feminilidade. Muitas tinham namorados ou amantes e/ou outras se prostituíam, o que explicaria a competição entre elas. Ela também as descreve como pessoas frustradas e invejosas, *jalouses* (invejosas em francês). Isso as motivaria a fazerem campanhas para sujar a imagem de Claudia onde quer que ela fosse, espalhando boatos de que ela era perigosa e marginal. Isso já aconteceria no Rio de Janeiro, onde ela as confrontou e conseguiu se afirmar entre elas apesar disso. Foi no Rio que ela foi rebatizada de “Sementinha” para “Pimentinha”, uma alusão à personagem de quadrinhos da época que era conhecida pelo temperamento forte, a “Pimentinha”. A

referência um tanto infantil condizia com a idade cronológica delas, que podiam ser tidas como crianças competindo por atenção na Cinelândia. Claudia aprendeu nessa época a como se defender, como prova seu apelido. Foi através desse duro aprendizado, que a sementinha germinou e virou um pimenteiro. Ela é chamada até hoje de “Claudia Pimenta” e me garante que, se alguém quiser “mordê-la”, que se prepare para aguentar a ardência.

Em São Paulo, difamada pelas supostas amigas, apesar do apoio de Rosinha, ainda havia os policiais que continuavam sua cruzada de higienização das ruas, perseguindo travestis, prostitutas e outras pessoas “subversivas”. Havia um policial, em particular, que supervisionava as unidades que prendiam travestis, e ela relata que ele tinha uma paixão por ela e dizia aos policiais que trouxessem sempre “*aquela gaúcha*”. A feminilidade e beleza de Claudia era um dom mas também maldição. É comum os relatos de que, quando eram presas, as travestis eram violentadas e forçadas a terem relações com os policiais. Quanto mais uma delas era considerada bonita, mais era cobiçada para esse fim. A situação não estava fácil.

“Como Agarrar Um Milionário²²”

Mas uma luz finalmente aparece em seu caminho: foi o grande amor de sua vida, um rapaz judeu, de uma família muito rica, que tinha fábrica de tecidos em São Paulo. Ambos eram adolescentes, ela com 16 pra 17 anos, e se apaixonam perdidamente. Ele lhe dá um lugar para morar e ambientes seguros para socializar sem o assédio policial sofrido até então.

E aí veio esse ser que viu a mulher, e disse: “não, tu não é mulher pra isso, tu é mulher que não pode nem esperar um táxi.” Tinha dinheiro a dar com um pau.

Como mencionei anteriormente, de acordo com Claudia, sua feminilidade e beleza eram maldição, mas também eram um dom. Acima de tudo, nos braços do “seu judeu”, como ela diz, ela finalmente se sente apreciada e amada. E mimada.

²² Filme de 1953 (lançamento americano) do diretor Jean Negulesco, estrelando as atrizes Lauren Bacall, Marilyn Monroe e Betty Grable. Conta a história de três mulheres que tem como plano de vida casar com milionários e para isso dividem um apartamento em um bairro caro de Nova Iorque e saem tentando encontrar pretendentes.

Eu não saía da hebraica, em São Paulo, bailes.

(Sophia: E eles sabiam de tí?)

Quem? Não! Ninguém! Naquela época ninguém sonhava, não, não, crianças, 18 anos, 19 anos, eram crianças. Aí eu fiquei com ele, né, ele era meu fiador, me deu um apartamento na Augusta pra eu morar, foi na loja e me comprou um carro zero para mim, dourado, um chevetinho hatch. Eu tenho um solitário de diamante que ele me deu. [...] Aí, tu sabes que ele que me motivava, teu lugar não é isto aqui, vai-te embora, vai, sai daqui, vamos pra Europa.

Esse foi um período muito feliz na vida dela, no qual lembra viver de maneira confortável e longe dos perigos que circular pelas ruas lhe expunham nos tempos de ditadura militar. A conexão entre os dois era tão forte que durou por toda a vida dele. Ele seria para sempre um dos grandes amores da sua vida. E, inclusive, procuraria por ela, em outras épocas da vida de ambos. Ele foi o primeiro a sugerir que ela fosse para a Europa, viver em segurança e aceitação. Ela vê algumas amigas suas indo para a Europa mas não vai, envolvida na relação. Até que a relação amorosa acaba e a realidade volta a invadir sua vida, como uma bolha mágica que de repente estoura.

Ai, um dia, tinha o Jotas, o restaurante em São Paulo, ainda é bem picante também, muito conhecido e eu morava na frente, e eu vi ele, ele tinha um alpha romeu, ele com uma mulher loiríssima, ai eu fiquei tão chocada, que eu não acreditei. Atravessei, fui no estacionamento, não consegui pegar o carro, ele arrancou, ele queria me dizer que ele queria fazer a vida dele e não sabia como. Aí ele, eu fui atrás, que ele morava na Avenida Higienópolis, bem pertinho onde eu morava, e eu fui atrás de táxi e ele me olhou, e aquele dia eu fui, eu tinha um cabelão, dei um corte Chanel e ele não viu porque eu fiz assim **(joga cabelo para frente)**, eu tinha cabelão. Minutos, ele veio na minha casa, acho que se deu conta?, Ele viu quem era. Ai eu falei “olha, não vamos discutir, eu te quero, mas tem mil jotas por São Paulo, podia ir pra puta que te pariu mas aqui não, tu vai pro inferno, te manda daqui.” Mas, eu falei sai daqui, vai-te embora. Aí fui, no outro dia levantei, fui na federal fazer o passaporte, eu falei “tu só vai vir aqui o dia que eu te chamar. Se tu vieres aqui, eu vou te mostrar quem sou eu, vou lá na tua porta e vou dá-lhe um escândalo com vocês que vocês não vão achar nem graça.” Mentira. Eu nunca faria isso, e ele meio ficou meio assim né porque ele viu que eu fui ferida. Aí fui lá na rua, vendi o carro, chamei ele, falei “tá aqui a chave do imóvel, tá aqui o dinheiro, e o dinheiro do carro eu vou tirar e estou viajando.” “Mas vai viajar quando?” “Eu vou viajar é agora”.

Claudia sente que a traição do namorado era uma maneira de ele dizer que precisava seguir em frente e ser feliz, que a situação com ela era insustentável a longo prazo. Ela também relata que alguém havia descoberto a sua condição e havia contado ao círculo social que eles frequentavam, no clube Hebraica de São

Paulo, clube de cultura e socialização da comunidade judaica. O estigma de namorar uma travesti começa a atrapalhar a vida do rapaz, entre outras coisas. E ela não queria que ele sofresse. Ela decide, por amor a ele, deixá-lo. *Eu larguei ele pra ver ele feliz*. A cena no restaurante Jotas a machuca, mas, acima de tudo, a desperta. Não há nada para ela aqui. Mais uma vez... hora de partir.

E, então, ela pega seu recém feito passaporte e embarca. Adeus ao seu judeu, o amor de sua vida, adeus aos anos de amor e paz no apartamento da Augusta, adeus à constante repressão nas ruas e à constante partida de casa, enfim, adeus Brasil e... Bonjour Paris! O começo de uma nova fase. *La Catherine Deneuve c'est arrivée* (« *A Catherine Deneuve acaba de chegar* »). “[...] e cheguei e descí em Paris. Aí começou outro inferno. Eu tenho horror de Paris!”

2.4 MATINÊ III - TERCEIRO ENSAIO - MAITÊ

Maitê em:

“Serenata Tropical²³”

Maitê nasceu no dia 30 de dezembro, na Rua Barão Tefé, bairro Menino Deus, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. É a mais velha de nove irmãos: sete meninos e duas meninas, ela sendo *a mais louca, assim, né?*. Na nossa segunda entrevista, eu disse para ela que a mãe dela havia tido 6 meninos, duas meninas e uma Maitê. Ela sorriu alegre e concordou. Realmente, ela é única em todos os sentidos. Ela não é mulher e não é homem, como ela mesmo (não) se define. Maitê, que é de religião de matriz africana também, como Oxumaré, no Candomblé, ou alguns mitos sobre Logun Edê, é tanto masculina quanto feminina. Ou quem sabe não é nenhum dos dois. Ela nem mesmo se define como travesti, apesar de tomar hormônios regularmente, a única, aliás, entre todas as minhas entrevistadas a ainda fazê-lo.

Ela é Maitê, e pronto. E não se importa de ser chamada de senhor ou do nome de batismo, porque ela foi batizada, católica apostólica romana. Mas também foi “aprontada” para o orixá com menos de um ano de idade. E se alguém pode ter

²³ Filme de 1940 (lançamento mundial) do diretor Irving Cummings, estrelando a cantora e atriz Carmen Miranda. Conta a história de um criador de cavalos na Argentina, que descobre que uma mulher que quer comprar seus cavalos é de uma família com quem ele tem uma desavença do passado.

dois sexos, por que não duas religiões? Porque não batuqueira e apostólica? Ela se define assim. Ela me disse que às vezes até se pergunta o que é, em termos de gênero e sexualidade, mas jamais encontra a resposta. Ela é a pergunta, o ponto de interrogação. Maitê é um pouco anjo, ela vive em plano diferente de nós, mais espiritual, e os anjos, como se sabe no catolicismo, não tem sexo. Essa é Maitê.

E é cheia de rituais místicos, instintivos e naturais, como olhar para o sol de maneira secreta ao amanhecer, ou tomar banho de mar para limpar as energias em certas horas. Maitê também me diz que só quando entra no terreiro sabe como fazer as coisas da religião. Fora do terreiro, não se lembra de nada. Como eu disse no começo desse texto: ela é única. Ela não é uma pessoa bastante espiritual: ela é espírito puro, e apenas um pouco de carne, quase nada, apenas uma leve moldura para enquadrar o espírito, como uma pintura.

Quando nos encontramos pela primeira vez, aliás, ela me avisou que tinha um axé diferente e que, se eu andasse com ela, eu veria isso. Disse, ainda, que não sabia porque, mas atraía situações inusitadas e pessoas, especialmente homens mais jovens, que se sentavam ao seu lado e contavam suas vidas inteiras. Ela dizia, sorrindo, que sabia mais das vidas deles que suas próprias mães, que tem alguma coisa nela que faz as pessoas lhe confessarem seus maiores segredos, e que quem anda com ela é afetado e testemunha coisas estranhas, um certo charme, um *it*. Me disse isso, meio como uma característica sua, meio como se fosse um aviso.

No meio dessa conversa, em um bar no bairro Cidade Baixa, vizinho do bairro Menino Deus, eis que surge um jovem rapaz que sem conhecer nenhuma de nós nos interrompe e pede para dar, gratuitamente, duas cópias de um livro de poesia que ele escreveu. Só nos ofertou e foi embora, embora pedimos que antes ele ao menos assinasse os livros. Assim o fez, não ofereceu livros para mais ninguém, nem tentou vendê-los, apenas foi embora para um canto beber cerveja com um amigo para depois ir embora. A minha dedicatória dizia: “Sofia, que esse livro não seja apenas um peso de papel”. Coisas de andar com Maitê. Ela me avisou, né?

A sua família pertencia à classe média-baixa, a mãe de origem portuguesa, de olhos azuis, e o pai negro, o que causou algum atrito inicialmente entre o pai de Maitê e seus sogros. Eles ainda residem na casa onde ela nasceu, embora antes morassem ali perto, em outra casa, próxima. A relação dela com o bairro é especial: ela viveu sua vida inteira por aquelas ruas. O bairro também foi o cenário de todos os nossos encontros. Com orgulho, ela me diz que a comunidade dela é o Areal da

Baronesa, no bairro Cidade Baixa, um reduto de cultura, casas de religião, rodas de samba e muitas formas de sociabilidade e resistência do povo negro gaúcho. Ali também se localiza a Comunidade Quilombola do Areal, um dos únicos quilombos urbanos do Brasil. Na época do carnaval há o bloco de Rua do Areal da Baronesa, onde Maitê ainda desfila como destaque e musa.

Ela é uma senhora, embora não pareça, com uma bela pele negra e um porte pequeno, quase frágil. O rosto magro e comprido quase sempre exhibe um larguíssimo sorriso, ou uma gargalhada que combina êxtase e pureza, que evoca o mesmo tipo de energia que *Marilyn Monroe*. O seu cabelo é preto, embora a cor, hoje em dia, diz ela, “vem na caixinha, né?”. Ela parece usar normalmente um anel de ouro amarelo, delicado e com diamantes ou zircônio no formato da letra “M” na parte superior. Quando fala, tem o sotaque típico associado pelo resto do Brasil à todos os gaúchos, que nós normalmente associamos na realidade a aqueles jovens descolados do bairro Bom fim, zona central de Porto Alegre. Já havia lhe visto em alguns eventos, uma vez esplendidamente vestida em um terninho de seda branco com um longo xale do mesmo tecido, cabelos mais curtos estilo *Chanel*, lisos e escovados (ao contrário dos bonitos cachos naturais), olhos bem maquiados, e o mesmo sorriso de sempre, parecendo uma senhora de alta sociedade que estava indo comemorar o réveillon em alguma cidade do sul da França.

Os avós maternos viviam no bairro Cristal, na Zona Sul de Porto Alegre. A avó materna é de origem indígena, e trabalhava como cozinheira e lavadeira, trabalhando geralmente em restaurantes bastantes sofisticados. Maitê define a avó como alguém que “não sabia ler nem escrever, mas cozinhou para caralho”. E que lhe deu uma educação fantástica.

Normalmente, ela se veste com roupas femininas neutras no estilo mais *hippie*, como uma bata branca com calça jeans, como se fosse uma versão mais discreta dos jovens do filme musical de 79, “*Hair*”. Ou, como ela diria: à la Caetano, referência a Caetano Veloso, um dos seus ídolos de adolescência. Nas fotos que vi dela “montada”, quando mais jovem e bastante arrumada para as festas durante os anos 80 e 90, ela tinha um cabelo longo e volumoso, exatamente como o da cantora Diana Ross, com quem de fato ela era muito parecida, embora, na minha opinião, Maitê fosse ainda mais bonita, sempre vestida em modelos de festa e paetês. Fiquei chocada quando descobri sua face mais glamourosa. Pouco sabia eu que ela foi (e ainda é) uma grande musa do Carnaval da cidade de Porto Alegre, e que poderia

estar no filme “*Hair*” como a musa que abre o longa metragem, enfeitando o *black* com flores brancas sob o sol enquanto canta e agita as mãos para os céus: “*Aquarius!*”. Maitê também é certamente uma diva.

Quando nos encontramos, inicialmente, para conversar e fazer a primeira entrevista, Maitê apareceu vestida com uma bata branca bordada, jeans azuis e tênis prateados de sola plataforma branca. Ela escolheu um barzinho simples e conhecido chamado Insônia, onde me apresenta à dona, que é sua amiga. O bar se encontra no bairro Cidade Baixa, reduto de bares e boates, atual centro da boêmia e da cultura jovem de Porto Alegre. Um bairro *cool*, ao lado do bairro de sua infância e onde ela vive até hoje, o Menino Deus. O público é majoritariamente jovem e bastante variado. A nossa bebida durante as entrevistas é sempre uma cerveja bem gelada.

Eu gosto de ser. Eu não me... Eu não sou travesti, não sou mulher, eu não.

(Sophia: Tu não tem definição?)

Sim. Eu fui muito bem criado assim.

(Sophia: Porque tu tem uma imagem feminina, tem seios.)

Sim, sim.

(Sophia: Mas a tua definição, tu não te define em nada por esse lado?)

Não, não. Pelo contrário assim, eu me pergunto às vezes o que eu sou. **[Gargalha]** Eu vim. E a minha avó, assim, desde que eu tenho 9, fui criado com 9 irmãos, sou o mais velho. E nunca tive esse problema de ter nascido né, desse delírio, assim de..., fui sempre tranquilo. E a vó, às vezes perguntavam pra minha avó, eu me lembro, eu tinha uns 9 anos, “parece uma menina”, mas **(ela)** disse “é uma menina”. Que a minha avó não sabia ler nem escrever, mas cozinhava pra caralho, né? E me deu de uma, uma educação para com ela assim e com meus pais, né? E com 13 anos, eu achei estranho, daí tive que morar com os pais. [...] Com 14 anos, 15 anos, já saía, assim.

Com menos de um ano, o bebê tinha convulsões. Todos ficaram muito preocupados. A mãe de Maitê, de religião de matriz africana, a “apronta” (inicia na religião) ainda com essa idade, como é procedimento comum em caso de doenças graves, onde se acredita que, ao fazer a iniciação da criança, se possibilita a cura da doença.

Minha mãe me deu com menos de um aninho de idade. Que eu tinha convulsão e ela não sabia, e ela era de religião, e eu fui pronto com menos de um ano. Um dia eu vou te mostrar uma foto. Tu vai lá em casa. Sou de Oxum Docô com Oxalá. Passagem com Iemanjá. Ela me deu de bebê, assim. Que eu tinha, ela dizia que eu esticava, mas era convulsão. E essa senhora me aprontou e sou muito grato.

Maitê, atualmente, como muitas pessoas criadas em religiões de matriz africana como o batuque e o candomblé, se define como *católico apostólico romano batuqueiro*. Ela não vê nenhuma contradição em pertencer às duas religiões, assim como não vê contradições em pertencer a dois sexos. Ela é bastante espiritual, e isso lhe basta como definição. Aos 5 anos, vai morar com os avós maternos. A feminilidade de Maitê já é bem visível e é quase que prontamente compreendida pela avó. Ela usava roupas femininas desde muito cedo, como uma calça verde que ela lembra que a avó comprou pra ela.

Aí, depois, eu comecei a passar um batom, né. E me maquiava, achava ótimo. Botava roupa feminina desde **(muito tempo)**. Que a minha vó comprava calça verde, né? Imagina. Imagina um homem de calça verde? Um homem... é ótimo né? **(Gargalha)**

(Sophia: Foi uma coisa que foi surgindo assim, então?)

Sim. É ser né.

Aos 7 anos, começa a sua educação formal: *“Daí a minha mãe, eu estudei ali no Emílio Massot, na minha infância, dos 7 anos tinha que estudar. Aqui, no Menino Deus, na Getúlio, ali, bem assim”*.

Na escola ela já conhece alguém que era como ela, e se tornam muito amigas: era a mítica Nega Lu²⁴. Também negra, designada menino ao nascer, interessada em meninos e bastante feminina como ela. E como ela, vivendo muito além de rótulos e noções binárias de gênero.

²⁴ Nega Lu foi um ícone da cena boêmia e artística de Porto Alegre dos anos 70 até os anos 90. Apesar de ser designada com nome masculino ao nascer, e não ter feito por assim dizer uma transição de gênero, Lu usava o gênero feminino e o masculino ao se dirigir a si, usava às vezes roupas femininas ou andróginas e maquiagem, e se definia como “pobre, preto e putô”. Ela era uma musa e figura conhecida da cena noturna Porto Alegrense, tendo se destacado artisticamente cantando como solista no coral da OSPA e da UFRGS e estudando balé clássico com a professora russa Marina Fedossejeva que vivia em Porto Alegre. Ela era amiga do escritor Caio Fernando Abreu e de inúmeros outros artistas de destaque de Porto Alegre. Ela era pai de santo, celebridade e Rainha da banda da Saldanha no carnaval em plena ditadura militar. Sua importância na história da cidade de Porto Alegre foi tanta que a sua vida foi contada tanto em livro (“Nega Lu - Uma dama de barba malfeita” de Paulo César Texeira) como em um documentário (“Nêga Lú” feito em colaboração entre o Catarse e o grupo Nuances).

Tive um grande amigo que se chamava Nega Lu. Credo. Daí que foi infância. No Emílio, assim. Mas ele era diferença de um ano. Ele teria 67. Eu nasci na Barão Tefé e ele, Almirante Gonçalves. Mas na idade pouco, mas ele era...muito. Me emociona assim, da Lu assim. Era muito, muito assim. Era uma negra maravilhosa. Me amava pra caralho.

Maitê até hoje se emociona muito ao falar da amiga. Elas foram grandes amigas pela vida inteira de Lu, que já é falecida.

Depois, eu fui pro Dom João Becker. Eu não fiz o terceiro ano. No segundo, eu fiz o teste, daí fiz o quarto. Aí eu fiz a quarta série, mais um pouquinho, daí tinha admissão, né? Daí eu fui pro Presidente Roosevelt, na Botafogo. Daí foi, daí a gente não tinha tanto alcance, daí era comigo mesmo, assim, de trabalhar e ir fazendo. Eu fiquei um ano sem que soubessem que eu não ia na aula. Não ia! Mas eu levava um monte de livro e lia nas praças, ou numa casa de um primo meu que eu ia sempre. Daí eu dizia que tava tudo bem e daí eles não me perguntavam mais nada.

Até mesmo quando me conta da sua educação e eu questiono como foi a sua trajetória escolar, ela responde que foi *en passant*, assim. A sua maneira de falar não faz acreditar que ela apenas cabulava aula por cabular. Para escapar de estudar. Ela levava livros de filosofia e história indicados por amigos já universitários e os lia na praça, sozinha. Não gostava de ir à aula mas não é que não gostasse de aprender. Ela não ia para a praça apenas matar tempo de aula: ia porque esse espaço era a sua sala de aula. Na educação, como na vida, Maitê, realmente, nunca gostou de moldes.

Aos 13 anos, ela sai da casa dos avós e vai morar com os pais. As condições não eram ruins, mas eram bastante diferentes da vida que ela tinha.

E a minha avó fazia suco de vinho. Esse era o suco! (Risos) Essas porcarias kisuco, eram uns bons vinhos. Acho que era um bom vinho. Feito em casa, né? A massa, tudo, era tudo feito em casa, né? A massa feita em casa, o Natal era feito em casa, porco em casa, nossa. Depois, quando eu fui morar com a mãe, dei um baque né? Na minha vó eu comia manteiga e na mãe era margarina. Porque, daí, já era outro nível. Era só eu e meu avô. Minha avó trabalhava em restaurante, né?

Nessa época, ela começa a conhecer outras pessoas, amigos, que se encontravam na Redenção²⁵. Com esse grupo é que ela recebe seu primeiro nome feminino: Claudia. Aos 17 anos, já oficialmente fora da escola, ela faz amizade e se

²⁵ Redenção, ou Parque da Redenção, também conhecido como Parque Farroupilha, é o parque mais famoso da cidade de Porto Alegre. Com uma área de 37,51 hectares, e localizado na Cidade Baixa, parte central da cidade. O perímetro do parque é definido pelas ruas Setembrina e Luís Englert e as avenidas Oswaldo Aranha, João Pessoa e José Bonifácio. Tradicionalmente usado para prática de esportes, descanso, confraternizar e outras práticas de lazer ao ar livre.

torna parte de um grupo altamente intelectualizado de jovens gays. Eles, *gays discretos*, muitos de outras camadas sociais, se afeiçoaram a ela e passaram a lhe proteger. Se tornaram a sua turma. A vivência de Maitê, ao contrário das outras travestis entrevistadas, se dá mais no meio gay.

E eu era o mais, chamava afetado. Mas eles me protegiam, assim. Me levavam. Eu não era muito de boates gay. Era barzinho, boteco, né? Eles levavam sempre. Me achavam bem interessante por eu ser assim, sabe?

Com o apoio da família e dessa turma de amigos, a base de sua vida para sempre, e quem ela gosta de citar nome por nome, ela se sente bastante protegida. Ela se tornou (e ainda é) a musa do grupo. Foi pintada por Djalma dos Santos, junto com a Miss Ieda Maria Vargas (que ficou em segundo lugar no Miss Universo, usando um traje típico gaúcho feito por ele), entre outras celebridades femininas. Sempre desfilava no Carnaval, onde era figura conhecida e querida por todos. Amigos estilistas fazem vestidos e *looks* improvisados na hora para ela. Escritores e intelectuais gostavam de sua companhia. Ela inclusive deu um selinho no escritor Caio Fernando Abreu.

O Caio Fernando de Abreu. Era amigo da Lu. "Ai, vou te apresentar", tava no escuro, assim, **(ele)** já tava com os dias assim contados, da passagem dele, daí fui lá e smack **(barulho de beijo)**. E a Lu ficou assim: "bah, como é!?" Não sabia. Depois que eu fui saber quem era o Caio., conhecer Caio Fernando de Abreu, a obra, assim.

"Quanto Mais Quente, Melhor"²⁶

Maitê foi celebrada como as musas de *Andy Warhol* foram celebradas na *Factory* e no *Studio 45* em *New York*. Ao ver uma foto de Maitê nos anos 80, impossível não lembrar fortemente da cantora *Diana Ross*. Ela usava um *black power* imenso e volumoso, vestida com longo de paetês coloridos. E um sorriso como só ela consegue dar, de felicidade e, acima de tudo, de divino êxtase. De quem viveu a dor e a delícia de ser jovem nos anos 80. *80 é fudido, né? De bom (ri)*.

²⁶ Filme de 1959 (estreia brasileira) do diretor Billy Wilder, estrelando a atriz Marilyn Monroe. Conta a história de dois músicos que testemunham um assassinato por parte da máfia e então precisam se esconder, por isso fingem serem mulheres e entram para uma banda feminina de jazz que precisa de musicistas para um show na Flórida.

Durante o dia, porém, ela trabalha como balconista em uma das lojas de chocolate mais refinadas da cidade. A vaga foi indicação de um amigo que trabalha com moda e às vezes a usa como modelo de suas criações. Ela trabalha com o uniforme de loja, masculino, mas fazendo questão de colocar um lenço no pescoço, fazendo uma figura ambígua. Mas nada que possa ser criticado diante de sua simpatia magnética e profissionalismo. Ela se destaca e conquista tanto clientes quanto equipe.

Ela cobre os turnos aos domingos das colegas do caixa, que usavam esse dia para ver seus namorados ou ficar com a família. Por fazer toda a semana horas extras no fim de semana, ela desenvolve a possibilidade de não ir quando não estava “a fim de trabalhar”. Maitê conta que sempre se recusou a trabalhar nos dias que ela estava sem vontade por achar que trabalho é algo que se faz com simpatia e boa vontade. Então, se ela estivesse entrando na loja durante a e de repente sentisse que aquele dia não estava “com vontade ou cabeça” para a função, imediatamente falava para seu chefe que hoje não era um bom dia e ela precisava ir pra casa. E ele a libera. Ela tinha muitas horas no seu banco. Axé e mistérios de Maitê

Mas isso, claro, era durante o dia. Durante a noite, ela frequentava a boemia de Porto Alegre com seu grupo de amigos, e conhecia mais pessoas. De todos os diferentes campos artísticos, classes sociais, profissões: escritores, socialites, jogadores de futebol, modelos, travestis que faziam show, bêbados, prostitutas, pintores, atores, dançarinos, cabeleireiros, músicos, etc. Nessa época ela, consistente com a referência a *Diana Ross* e o *Studio 54* que evocam alguns de seus *looks*, se experimentou com as drogas.

Não foi um grande tabu, afinal toda a efervescência cultural da cidade também experimentava. E não se pode falar em efervescência, sem a palavra ferver. Ela conta que muitas drogas chegavam de fora, como uma novidade. Existiam drogas no Brasil, é claro, mas que eram de má qualidade segundo ela. Foi durante os anos 80 que diferentes tipos de drogas, de tipo e qualidade estrangeira, chegam a Porto Alegre. Como uma travesti jovem, musa da classe artística junto com a amiga Nega Lu e bem relacionada popularmente, ela circula em diferentes espaços descolados, que nessa época eram tanto habitados por pessoas das classes mais populares quanto por pessoas de classe mais alta e por tanto que tinham bastante poder aquisitivo. E contatos.

Fervi muito em termos de cocaína. Conheci nos anos 80, graças a Deus. Uns amigos, tinham chegado dos Estados Unidos, né. Marcel, Gão, Paulo Fernando. E eles conviviam com os Rolling Stones, né? E ele chegou de Boston. E eu conheci a cocaína assim, né? Que a gente nem falava. E a minha primeira experiência foi na Cuica, né? Cuica foi na veia, assim, o que me marcou. Aqui, depois fomos lá pra Zona Norte, num apartamento. Foi primeiro umas coisas muito, muito, muito, muito doida. Muito doida. Daí fumei. Mas nunca tive assim esses delírios. Isso aqui me viciou (indica a cerveja). Ao menos. Mas pedra não, baseado... en passant. A coca foi bem pesadinha, assim. Me deixava bastante sensível. Seu eu sentasse assim e tivesse, me chamavam... eu gostava de ficar só. Ou a gente ficava numa mesa, assim, passava a noite inteira conversando. Muito, muito. Só que eu não dizia pra amigos antigos que eu tinha usado, né. Mas eu ficava, assim, e eles não entendiam nada por que eu ficava até às dez da manhã conversando!”

2.5 MATINÊ IV - ENSAIO QUATRO - ÂNGELA MARIA

Ângela Maria em:

“E Deus criou a mulher²⁷”

A casa por fora era simples, porém rodeada de flores. Era toda de madeira, como as demais do bairro humilde, na zona norte de Porto Alegre. Vislumbrei a silhueta de Ângela na porta, através de uma portinhola alta de vidro e com grades. Ela abriu a porta para Fabiano e eu com um enorme sorriso. Ela é uma senhora de estatura baixa, cabelos loiros longos, de franja, presos quase sempre num rabo de cavalo. A pele clara, praticamente sem rugas, lábios carnudos, nariz arrebitado, sempre sorridente e com as unhas feitas. Encantei-me por sua beleza, externa e interna, e seu ar elegante. Vestia nessa primeira vez que nos vimos uma calça e um blusão de gola alta, ambos de lã.

Quando entrei em sua casa, o teto não muito alto exibia um enorme candelabro de cristal, que de tão grande quase encostava no vaso de flores em cima da mesa abaixo dele. O cômodo de paredes de madeira estava abarrotado de móveis e, acima de tudo, de espelhos. As três mesas e os dois sofás estavam cobertos com panos em vermelho vivo e dourado. Notei que, na mesa em frente ao sofá, havia uma estátua de *Marilyn Monroe* e, um pouco mais à direita, um porta-retratos rebuscado com uma foto da atriz *Hedy Lamarr*. Em cima das mesas havia

²⁷ Filme de 1956 (lançamento na França) do diretor Roger Vadim, estrelando a atriz Brigitte Bardot. Conta a história de uma moça órfã em uma comunidade de pescador que é desejada por vários homens, ela decide se casar com um deles para escapar do orfanato mesmo tendo envolvimento com outros dois.

vidros de perfume de cristal em meio a bibelôs mais simples e inúmeras fotos pessoais. Eles compunham uma atmosfera única: parecia que haviam decorado uma casa simples e modesta como um palácio. Como um cenário de cinema ou teatro de uma obra sobre o Rei *Louis XVII* que fora descartado e posteriormente montado em uma casa modesta de madeira.

Havia ali um evidente gosto de alguém com certo padrão de estilo de vida que se encontrava numa situação financeira não muito favorável no momento para mantê-lo, o que parecia se materializar num descompasso entre o interior e exterior da casa. Não sei por que, mas aquilo me parecia especial. Era uma sala bonita e com personalidade. Ângela se desculpava pelo estado do “seu barraco” e eu neguei que houvesse motivo de vergonha, ainda encantada com a personalidade da decoração da sala. Ângela sentou-se numa cadeira próxima ao sofá. Parecia feliz de nos ver. Vi que me examinava com o mesmo interesse e curiosidade que eu a examinava, mas tinha um olhar calmo e relaxado. Todas as nossas entrevistas foram realizadas na sala de estar de Ângela, tirando o dia que nos encontramos no centro de Porto Alegre para irmos ao cinema e depois tomarmos um café. O nosso afeto recíproco foi instantâneo.

Ângela nasceu em Porto Alegre e passou a infância no bairro Mont’ Serrat, área nobre da cidade. Sua família não era rica, mas não era pobre e, segundo ela, não lhe faltava nada. Ela e o irmão (futuramente ela teria ainda outro irmão, de criação) brincavam. Nas brincadeiras, ela era normalmente a mamãe e ele o papai, o que não provocava nenhum tipo de briga entre eles. O então menino era pequeno e tinha um jeito delicado, mas se relacionava sem problema com os outros. Aos quatro anos, então, surge sua primeira paixão: o noivo da vizinha.

De 4 anos pra cá me lembro tudo. Claro, uma coisa foge da gente, mas eu lembro tudo. Essa moça era vizinha nossa e ela morava numa pecinha num terreno do lado da nossa casa. A nossa casa era grande, né, era uma casinha de madeira, mas era grande. E ela tinha um namorado que se chamava Manoel, ele era noivo dela, né. Eu era apaixonada por aquele homem. Mas não era apaixonada assim... por sexo. Era atraída pela figura masculina. Me identificava, assim, na figura dele, né? Era uma coisa, sei lá, era uma coisa natural que veio, a gente tem, não é? Ninguém diz, "não, tu tem que fazer isso", não, nada disso. Nunca, nem sabia de sexo, essas coisas, nada, não entendia nada não. Entende, né? Ela disse, assim, pra minha mãe, "ah, eu queria que o (nome de batismo) levasse as alianças do nosso casamento". E aí tinha uma menina que ia junto e levava uma almofada, assim, branca, toda bordada E então nós fomos. E a minha mãe - porque o meu cabelo é, assim, liso - minha mãe fez permanente no meu cabelo, eu tenho retrato aí. E botou uma blusinha, fez uma camisa, assim, toda cheia de rendinha, naquela época ainda se usava essas coisas em

homem. [...] E aí então houve esse casamento e tudo. E aí eu fiquei com um ódio dela! Tinha um ódio, uma tal de Mariazinha, era o nome dela. Por causa que ela tava com ele, tá entendendo?

Apesar da paixão e dos ciúmes pelo noivo da vizinha, não houve mais grandes paixões. Até que, aos dez anos de idade, se apaixona novamente, mas agora é por uma atividade: cantar. Sob o nome masculino de batismo, ela canta e sua voz impressiona a todos. Com 16 anos, já cantava todos os domingos no programa de auditório de Maurício Sobrinho, no rádio, com direito a cachê, na Rádio Farroupilha e, posteriormente, na Rádio Gaúcha. Nessa idade, Ângela também começa a sua descoberta pessoal a respeito de si mesma: ela vivia feliz, mas convencida de que era um ser a parte, único no mundo. Mas não era verdade.

E a gente, também, porque no começo eu achava, assim, que só eu era assim. Aí depois eu conheci umas bichas que eram gêmeas, que moravam perto da minha casa, fiz amizade com elas e já comecei "ah, tem as amiguinhas também".

Aos 17 anos, ela teve sua primeira relação sexual, com um homem que era gerente de uma loja de departamentos. Eles ficaram um tempo junto, em torno de dois ou três anos. O primeiro namorado dizia para a mãe que Ângela era o irmão de sua namorada e levava-a para o interior para passar alguns dias na fazenda da família. Ângela tinha um sistema: sem provas, não há crime. Ela nunca paquerava ou saía com ninguém que fosse de perto de onde ela morava com os pais, deixando para se encontrar com seus amigos e paquerar pelo centro da cidade. Ela podia sair com suas amigas e viver a sua vida, mas sem afetar a vida de sua família e sem levantar provas ou fofocas a respeito de si mesma. Tudo era divertido.

À medida que ela vivia sua liberdade, o irmão, então, começou a entrar em conflito com ela. A mãe de Ângela era bastante preconceituosa, enquanto o pai era mais tranquilo. O irmão causava o conflito e dificultava a vida familiar: toda vez que notava que o irmão "se amaricava", ou descobria seus desejos, ele denunciava e apontava para a mãe que, enfurecida, também tentava pressionar para que o pai tomasse alguma atitude e "endireitasse" o menino.

Mudou, mas, assim, foi na época que eu tive um pouco de problema com ele foi essa época que ele estava muito aliado com a minha mãe, em ver as minhas coisas: aí, ele tá tirando a sobancelha! Hoje tudo que é homem tira a sobancelha, naquela época só mariquinha que tirava. Ou: olha, tá com unha de mulher, olha as unhas dele!

Tal configuração causou um conflito familiar grande, especialmente com o irmão e a mãe. A situação se torna insuportável e ela decide que ninguém pode mudá-la, que ela precisa viver a sua natureza e, para isso, decide sair de casa. Ela sobrevive cantando:

Eu cantava... precisava de dinheiro, a gente não ganhava dinheiro, então ia lá pro... tinha um, tipo aqueles bolicho, aquelas coisa lá, cheio de homem, ah, eu ia pra lá, eu cantava, ganhava um Cruzeiro, outro dava dois e nós juntava dinheiro, ali, pra comer. Aquelas coisas, então. Tudo era maravilhoso, porque tu era jovem! Tinha 17 anos pra 18, entendeu? Então tudo era maravilhoso.

Além de cantar, Ângela começa a trabalhar como cabeleireira. Ela trabalhou em diversos salões pela cidade. Seus talentos como cabeleireira, assim como cantora, são reconhecidos. Ela sobreviveu com suas habilidades, jovem e livre para ser ela mesma. Então, em 1968, começou a trabalhar como cabeleireira no Salão do Gentil, o mais exclusivo dos salões de beleza de Porto Alegre, com quase 80 funcionários, localizado no centro da cidade e frequentado pela alta sociedade. No começo dos anos 70, Ângela, trabalhando no salão de Gentil, ganhava extremamente bem. Ela se mantinha bem com esse emprego. E o emprego também lhe possibilita conhecer muita gente.

Desde a adolescência, se vestia com roupas femininas em certas ocasiões, tanto para o espetáculo como para momentos sociais (como ir ao cinema). Através de outro cabeleireiro, Fernando, ela conheceu uma grande cantora e vedete, “Divina Valéria”, que havia voltado de Paris nessa época. Em Paris, Valéria trabalhou no maior cabaret de travestis do mundo, o mítico “Le Carrousel”, onde a estrela era Coccinelle, a primeira pessoa francesa a se submeter a uma cirurgia de redesignação e a mudar o registro civil. Valéria retornou ao país sem realizar a cirurgia de transgenitalização, mas vivendo em tempo integral como mulher. O seu segredo? Hormônios.

O hormônio, como eu... a gente ia lá... o Fernando, né? A Fernandinha se dava muito com tudo que, porque ela era, ele, ele era... sobrinho da Deise Lucide, que era uma grande atriz de novela da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que é casada com o tio Luiz, que era tio dele. Então, ele vivia lá no Rio também, conhecia aqueles artistas tudo, aquela gentalhada toda. E ele era muito amigo da Valéria, aquela cantora. [...] A Valéria esteve aqui em Porto Alegre, isso foi em... 70 mais ou menos, ela teve aqui em Porto Alegre. Aí ele me apresentou pra ela, eles trabalhavam juntos, ele me apresentou pra ela e foi ela que me deu a receita do hormônio.

(Sophia: Tu te lembra que tipo de hormônio se dava naquela época?)

Uhum, era Primodex 50, que era injeção, todo dia tomava uma, a minha cunhada que me dava. Primodex 50. [...] E depois tomava Lyndial. Lyndial era pra, anticoncepcional, né? Tomava um comprimidinho de Lyndial e tomava uma injeção de Primodex 50, que eu nunca esqueci o nome. Bah, mas pra mim foi um mês e eu já tava assim **(gesticula indicando seios fartos)**.

Ângela, porém, não começou a viver integralmente como mulher. Ela se apresentava com um belo decote cantando ao vivo o repertório da cantora “Ângela Maria”, seu maior ídolo e paixão desde sempre. Ela cantava na boate “Charme”, na Independência, uma boate que não permitia a entrada de travestis e enchia de admiradores querendo vê-la cantar. Mas no dia-a-dia, no salão, embora feminina, mantinha-se identificada como homem. O salão do Gentil era um ambiente conservador, frequentado por socialites. Os cabeleireiros eram todos gays, alguns até bastante efeminados, mas nenhum havia tomado hormônios como ela.

Aí depois que eu criei seios já me deu muita complicação, né? Inclusive no salão, porque, naquela época, eles não aceitavam bem. Porque tinha, era tudo gay os cabeleireiros, mas eu não era mais gay. A gente usava camisas meio transparentes pra que se vissem os seios, e aquelas... sabe como é que é puto, né? E aquelas coisas todas, e aquilo tudo depois me trouxe um pouco de complicação, né? [...] O gerente que não queria aquilo, que o nosso salão era um salão, assim, de um certo conceito, né, alta sociedade e tudo, aquelas coisas, né? E aí como não era uma coisa... hoje em dia elas estão tudo nos salões, não tem problema nenhum. Mas na época era uma coisa nova, entendeu? Quer dizer, tu que está desbravando, é o mesmo que entrar no mato com uma picareta na mão e ter que botar o mato todo abaixo. Quando as outras entrarem no mato já tá embaixo, né? É diferente [risos] E aí eu disse, eu peguei, que eu sempre fui muito decidida... "ai, Danilo...", mas até hoje ele é meu amigo, ele é maravilhoso, não tem problema nenhum. Mas, pra ele, foi um choque, uma mudança, entendeu? E eu fui a primeira. Aqui em Porto Alegre eu fui a segunda ou a terceira a fazer essas coisas. E então começou a dar problema e eu "ai, então não quero incomodar, e ninguém vai me mudar, eu quero ser assim, e bé bé bé bé bé. Pode fazer as minhas contas". E fui-me embora. E aí a minha vida já mudou, né, porque ali eu tinha determinado padrão, porque ganhava muito dinheiro. Depois a coisa baixou, né?

Ângela, porém, queria algo mais importante do que manter seu emprego, por melhor pago que fosse. Ela queria realizar um sonho antigo, que se tornou possível quando, entre os anos 50 e 60, ela ouviu falar que, em 1952, o soldado americano George Jorgensen foi para a Dinamarca e voltou Christine Jorgensen²⁸. Um dia, ela

²⁸ Christine Jorgensen foi uma das primeiras pessoas no mundo a realizar a cirurgia de redesignação sexual, na época chamada de mudança de sexo, em 1952 na Dinamarca. Ela se tornou a primeira celebridade transsexual do mundo quando sua história foi publicada mediante a sua volta aos Estados Unidos, onde ela nasceu e residiu fora o tempo de tratamento no exterior. Na época ela foi descrita como a primeira pessoa a mudar de sexo no mundo e se tornou famosa internacionalmente por isso, sendo objeto de diversos livros e reportagens. Ela lançou uma autobiografia em 1967

jurou, em espanto quando leu a respeito, que faria a mesma coisa. Os hormônios que começou a tomar eram apenas parte do caminho que queria percorrer, seja até a Dinamarca, seja até Casablanca, seja até onde quer que fosse.

Minha Bela Dama²⁹

Mas eu sempre tive a coisa da operação na cabeça!

(Sophia: Sempre?)

Sempre. Por causa que tinha um soldado americano, agora me esqueci o nome dela...

(Sophia : Ah, é Christian Jorgensen, não é? Que foi na Dinamarca...)

É, Christian Jorgensen, exatamente. Que foi um dos primeiros, assim, que a gente teve notícia, foi até antes daquela francesa que eu me lembro. Christine Jorgensen, exatamente, era um soldado. Então, a gente via aquelas coisas, e começa a alimentar "ah, quero fazer também, eu quero ser assim e bé bé bé". Então, desde aquela época que eu tinha aquela coisa na cabeça. Aí, então, quando eu tive a oportunidade financeira, eu fiz, né. Mas assim, vivia muito bem, era uma bichinha muito louca.

Ela trabalhava em um salão menor, ganhando menos e havia perdido metade dos clientes, mas seguia tomando hormônios, cantando e trabalhando. E procurando, em revistas e jornais, o médico que seria capaz de realizar o seu sonho. Um dia, ela viu uma reportagem sobre médicos com pós-graduação nos Estados Unidos, e, dentre eles, estava listado um médico colombiano que era especializado em “cirurgias de mudança de sexo”. Ela vende sua casa recém-comprada no Bairro Mont’Serrat e vai para a Colômbia, onde realiza a cirurgia de redesignação genital em 1975:

“Christine Jorgensen: a personal autobiography”, que foi transformada em filme em 1970 (“The Christine Jorgensen Story”). Atualmente sabe-se que ela foi talvez a primeira pessoa redesignada sexualmente midiaticamente, mas que não foi de fato a primeira a passar pela cirurgia. Em 1933, a pintora dinamarquesa Lili Elbe realizou a cirurgia de redesignação sexual na Alemanha. Sua história foi popularizada no livro de 2000 “A garota dinamarquesa” e atingiu reconhecimento popular ao ser adaptada para o cinema sob o mesmo título em 2016, ganhando um oscar de melhor atriz coadjuvante para a atriz Alicia Vikander.

²⁹ Filme musical de 1965 (lançamento brasileiro) do diretor George Cukor, estrelando a atriz Audrey Hepburn. Conta a história de um esnobe professor de fonética que aposta com seu amigo que pode transformar uma simples vendedora de flores em uma grande dama que passará como tal em um grande baile de alta sociedade sem que ninguém descubra.

Não, eu estava pesquisando daqui, dacolá... foi numa revista que eu vi os médicos que tinham, tinham pós graduação em não sei o quê... na Colômbia, na Colômbia tem muito americano, e que faziam essa cirurgia, não sei o quê, não sei o que lá. E aí então eu fui, né?

(Sophia: Teve medo?)

Se eu tive medo?

(Sophia: Tu pensou muito?)

Não...

(Sophia: Será que eu faço, será que não faço?)

Não, não. Eu tinha certeza que eu queria. Não. Isso aí eu... aliás, eu não via a hora, né? Por que a gente fica naquela ânsia, né? Não, isso não. Mas a... eu sofri, muito, muito, muito. E ele não era o artigo ("**o médico ideal**"), entendeu, e eu não tinha outras pessoas pra perguntar, pra saber... Mas tu vê que a Flávia depois fez de novo, ela fez na Tailândia.[...] Diz que na Tailândia eles tem, eles são, diz que é o melhor lugar. Antigamente era o Marrocos, né? [...] Ah, sofri muito porque era um, era uma coisa muito... como se diz... obsoleta, né? Uma coisa muito antiga. Não é esses métodos que tem agora. Porque inclusive agora isso é uma coisa que se tornou muito comum e que realmente foi desenvolvido outras técnicas, outros modos de fazer que dão melhores resultados, né? [...] Aquelas coisas... Depois, eu sofri, já te contei né... Só de me lembrar eu já me arrepio. Eu... tá, aí quando eu me acordei da anestesia e tudo, eu, dali uns dois ou três dias, o médico tinha viajado, foi pros Estados Unidos. Aí eu estava num hospital, tipo uma clínica, né, era uma clínica, não era um hospital grande. Então eu tinha um, me botaram uma prótese dentro. [...] Mas aí, quando eu me acordei na sala de recuperação, aí, eu senti um frio, um frio, um frio, um frio! E me dá mais coberta, e a mulher me tapava, me tapava, e eu sempre com frio. [...] Apesar de tudo que me aconteceu e que os resultados não foram aqueles que queria que fossem, eu não me arrependi. [...] Sim, porque... é aqui (**aponta a cabeça**) dentro que tu tem que estar bem, né? Não adianta estar funcionando aqui (**aponta para o órgão genital**) e aqui (**aponta pra cabeça**) dentro não estar bem. É preferível que aqui dentro esteja bem do que aqui.

Após a operação, Ângela passou em torno de dois anos entre se recuperar e trabalhar como cabeleireira em outros salões. E, então, ela recebe a proposta de voltar a trabalhar no Salão do Gentil, agora como mulher. E ela volta a trabalhar lá por alguns anos.

(Sophia: E depois daí tu trabalhou com o Gentil, depois que tu voltou, depois da tua operação?)

Depois eu fiquei mais um tempo no Gentil, mas aí eu já estava com a cabeça virada.

(Sophia: O que é a cabeça virada?)

Ah, já tava de operada e...

(Sophia: E tu acha que dá uma virada na cabeça assim, que daí...)

Claro, a gente é outra pessoa, né? Se sente mais poderosa, e agora eu sou, e aquela bobagem.

E então, após alguns anos trabalhando no Gentil oficialmente como Ângela (seus documentos agora dizendo Ângela Maria, sexo feminino), magra, loira e bela, ela começa a ser bastante estimulada pela amiga Flávia D. a sair do país. Ela sonhava em casar, adotar uma criança e ter uma vida familiar, mas resolve fazer algum dinheiro na Europa antes. Com 37 anos, aceita o convite da amiga, deixa a família no Brasil e embarca para Paris, embora seu desejo sempre tenha sido um: Roma.

THE END (a música da orquestra aumenta e chega no seu ápice triunfal).

(Não... na verdade bem longe disso. Parei cada história sobre as divas em momentos cruciais das suas vidas (quando a ditadura começou a pesar na vida de Marcelly, quando Claudia começa sua longa carreira de estrela na Europa, quando Maitê está no auge da vida underground dos anos 80 e quando Ângela vai para a Europa onde se casaria e viveria muitos anos). A ideia era realmente retratar nós afetivos de suas vidas partilhados na relação comigo, através de parte de sua infância, adolescência e feitura como travesti, até um momento impactante de suas vidas. Mas muito mais se sucedeu, e seria necessário muitas e muitas e muitas páginas para tentar registrar tudo. Então, elaborei as matinês a partir desse afeto partilhado e contado na forma de histórias, registrando, também, como elas entraram na minha vida. Os pontos levantados aqui serão, de modos diferentes, retomados nos próximos capítulos, fornecendo uma linha de compreensão do que analiso a seguir. Espero ter, ainda, funcionado como uma amostra de quem são essas mulheres, mesmo em um primeiro capítulo do que seria uma longa biografia. Estas são suas cores. Não são suas vidas inteiras.)

3 “ESPELHO, ESPELHO MEU...EXISTE ALGUÉM MAIS BELÍSSIMA DO QUE EU?”: CORPO, TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS

Quando comecei a conversar com minhas entrevistadas, notei que havia algumas expressões e palavras que eram recorrentes em suas histórias. Algumas, por serem termos específicos e gírias de grupo, como as palavras em pajubá³⁰, que todas as quatro usaram em algum momento das entrevistas. As expressões e frases, obviamente, variam entre cada uma delas e em suas trajetórias. Maitê falava poucos bordões e palavras típicos das travestis, usando expressões mais comuns entre uma classe média intelectualizada de uma certa época. Quando, por exemplo, perguntei se ela tinha feito até a quinta série, ela respondeu que sim, mas “*en passant*, assim”. Marcelly, uma ativista conhecida e que viaja o país em diversos congressos, logicamente usava mais expressões e maneirismos típicos das travestis, inclusive expressões e termos que são usadas pelas travestis das gerações mais atuais que conheço e com quem ela convive também (como “mulher travesti” para designar as travestis). Ângela, que vive uma vida de senhora praticamente incógnita (como ela mesmo diz, sem que ninguém diga que “aquela senhora já foi bicha”) e quase afastada do meio LGBT, usava expressões e, às vezes, inclusive, bordões, que eram das travestis, mas de outra época, como *basfond* e outras expressões. Claudia usava uma linguagem bastante própria entre todas elas, o que imagino ser efeito ou ao menos influência de ter vivido muitos anos na Alemanha. Quando descreveu o falecimento de sua mãe, disse que havia sido uma ocasião que *a deixou crua*. Em outra ocasião, relatou a busca frustrada pelas

³⁰ Pajubá, também conhecido como Bajubá ou bat bat, é uma linguagem própria das travestis brasileiras, que combina a língua portuguesa com gírias e expressões normalmente derivadas da língua africana iorubá-nagô. O objetivo do pajubá é permitir que as travestis se comuniquem sem serem entendidas por aqueles tidos como fora do meio, em especial a polícia e os clientes. É uma linguagem que originalmente foi criada ou influenciada pela vivência das travestis na prostituição e da repressão policial. Atualmente, alguns termos se disseminaram no meio LGBT de forma geral, e inclusive até no meio cis heterossexual. O Pajubá se tornou conhecido de maneira mais geral (e infame) no âmbito nacional em 2018, através de uma série de notícias na mídia e nas redes sociais que noticiavam e reproduziam uma questão da prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) daquele ano, onde o texto falava sobre o Pajubá. Setores conservadores da sociedade brasileira acusaram o Ministério de Educação de doutrinação ideológica por expor uma linguagem que era exclusiva de um grupo LGBT. É importante deixar claro que a questão em si era claramente sobre interpretação de texto, como nos anos anteriores, apenas o texto escolhido para a questão explicava a existência e o que era a linguagem Pajubá (não ensinando e nem cobrando o conhecimento da língua, sendo assim injustas quaisquer acusações sobre ideologia ou desvio de currículo). O pajubá é mencionado em toda a bibliografia acerca das travestis brasileiras apresentada na revisão bibliográfica no capítulo metodológico, como Silva (1993), Benedetti (2005) e Pelúcio (2009).

amizades de infância como a busca de *um referencial falido*. Claudia também usava palavras em alemão e francês em meio as suas histórias em português. Quando contou sobre sua temporada em Paris, nos anos 70, contava todos os diálogos com nativos do país em francês (embora eu houvesse sinalizado de antemão que eu também falava francês e que ela podia se expressar no idioma sem risco de me deixar sem entender).

Algo, porém, me chamou atenção de maneira especial nas conversas de todas: quase sempre, quando começavam a contar uma história sobre outra travesti ou transexual, ou, às vezes, narrando sobre sua época de juventude, iniciavam o assunto utilizando um termo específico: *belíssima*. O momento de falar das companheiras de outras épocas era sempre sinalizado através de: *A fulana era belíssima, eu, belíssima, chegando lá, em X lugar, ela era, assim, belíssima, uma deusa*. Cheguei a comentar ironicamente com a minha orientadora que parecia que não existia nenhuma travesti feia antigamente: todas eram sempre belíssimas! Durante o desenrolar das conversas e, às vezes, através de indagações minhas, elas iam explicitando que existiam várias que não consideravam bonitas, até o oposto disso, então passei a me perguntar: o que significa ser *belíssima* para essas mulheres, ou, ainda, para essa geração de travestis?

“Belíssima” é um termo bastante utilizado por todas, especialmente quando falam de outras travestis do passado, de amigas que partiram, de si mesmas quando jovens, de seus modelos e suas inspirações. No começo, não me parecia nenhuma questão específica para análise, mas apenas uma expressão coloquial, habitual das minhas entrevistadas e, também, um vocábulo do “mundo trans” em geral. Porém, aos poucos, enquanto eu lia e relia as transcrições das entrevistas, o termo sempre surgia e fui reparando que assumia significados diversos, muitas vezes relacionados à “passagem do tempo”. Assim, “belíssima” foi tomando uma posição central em minha pesquisa, mostrando-se como uma importante categoria analítica na compreensão do envelhecimento e das trajetórias de vida das travestis que entrevistei.

Comecei a entender que a expressão não era simplesmente um adjetivo naquelas conversas. Na realidade, servia mais como um fio condutor das narrativas e um sinalizador do tempo. Quando começava a se falar de alguém que era *belíssima*, estava se iniciando ou havia se iniciado uma história sobre “um outro tempo” ou “uma outra geração”. *Belíssima* funcionava como um gatilho que conduzia

as nossas conversas em direção às lembranças e à memória de si mesma e das outras. Tal expressão, na realidade, levava a diversas direções, às vezes quase conflitantes, de onde partiam uma série de sentidos relacionados às suas trajetórias e a sua geração.

Assim, embora todas elas, em algum momento de suas falas, usassem belíssima como ponto de partida, o termo se bifurcava em muitas direções. Era como girar a chave na ignição do carro para poder percorrer as descontínuas e ambíguas estradas da lembrança, ou, talvez mais precisamente, as estradas do lembrar-se.

Entender quais os diversos significados usado por elas quando dizem que alguém era belíssima me revelou questões complexas e que iam muito além de uma simples apreciação ou referência à beleza física. Belíssima é um termo polissêmico e, mesmo quando remete explicitamente ao “físico”, apresenta uma relação bastante particular com uma noção de “natureza” do corpo. Até porque mesmo a beleza física é concebida, principalmente na geração destas travestis, e inclusive ainda hoje entre alguns segmentos desse grupo, como algo que pouco se relaciona com uma natureza intocável, da “loteria genética”: o que é dado ou que se nasce com. Acima de tudo, para elas, a beleza é uma construção, uma ação e um projeto, especialmente quando apresentada na intensidade, e no modelo, de uma “belíssima”. Por isso, de um simples termo típico que, de antemão, parecia indicar só que alguém tinha beleza, tal categoria se tornou central no entendimento dessas mulheres que olham para si mesmas e suas trajetórias enquanto envelhecem, construindo no presente narrativas sobre o passado e que são mediadas, preenchidas e transformadas por relações não lineares e complexas entre seus afetos, suas lembranças, suas saudades, seus valores e a experiência do passar do tempo.

Este capítulo será, então, dedicado a perseguir as ramificações e significados aos quais essa palavra conduz e de que modo perpassa as entrevistas de travestis do Rio de Grande do Sul, visto a sua surpreendente importância como disparadora ou agente em suas narrativas sobre o tempo e as trajetórias que viveram.

3.1 “SÓ ISSO E DEU”: AS BELÍSSIMAS E A NATUREZA

Ela era toda perfeita, né? Ela não tinha muito silicone e tinha o cabelo belíssimo, aqui (indica a própria cintura). Ela só fazia, assim, um coque, né, ela andava sempre com um rolo de papel higiênico no cabelo, ela botava todo o cabelo pra frente, né, enrolava o cabelo e soltava. O cabelo caía em cachos. Aí eu digo: “meu deus, como tu é linda.” Eu achava ela belíssima e era belíssima. Aí, comecei, eu disse, ai, isso que eu quero ser. (Marcelly)

É uma mulher linda, uma senhora também, belíssima. Era uma, aquela, desfilava na mangueira, Rosemary, assim. Bela, que nem tu. E elas tinham um lance que era só hormonal né? E eu ficava assim. Elas botavam só uma camisa, um salto e era isso. (Maitê)

Era muito bonita. Assim, o porte era o teu, a altura, né. [...] É, da tua mesma altura, assim. Mas ela... não tinha silicone, os peitos dela eram de hormônio, bem pequenininho. Ela era parecida sabe com quem? Com a Candice Bergen, aquela atriz, uma ruiva. Ela tinha uns cabelão por aqui, assim. Agora não, agora era curto. Mas antigamente tinha uns cabelão bem comprido, e ruiva. Ela era toda natural, um pouquinho meio sardenta, narizinho pequenininho, empinadinho, muito bonita a Flávia. Belíssima. (Ângela)

O primeiro e mais óbvio significado de “belíssima” é a indicação de que a pessoa assim descrita possuía ou possui grande beleza física. Tal beleza pode ser, como demonstram as falas acima, reconhecida quase como nos mesmos padrões, socialmente aceitos, cisnormativos, marcados por raça, forma corporal e classe: cabelos longos e loiros, corpo magro, alto ou baixo, mas conservando certas características “delicadas” (narizinho, sardas, peito pequeno...).

A ideia de ser “natural” e sem grandes recursos é bastante acionada, mas, quando Maitê diz que elas botavam **só** alguns acessórios (e hormônios), a ideia de natureza para as divas já parece ganhar alguns contornos específicos. Diferencia-se de uma natureza que se propõe pronta, sem artifício, passiva e inata. Quando Marcelly diz que a moça loura era natural, em seguida diz que ela tinha **pouco** silicone. Ou seja: é um corpo com silicone, mas não muito, um natural que não nega aquilo que dentro de uma outra concepção de natureza seria a sua antítese: o artifício. As musas de Maitê e Marcelly e a amiga de Ângela possuem, nesse sentido, belezas naturais, um natural que não exclui os hormônios e alguns recursos... É um natural que é **só isso** e deu! Uma natureza onde a “prótese” já é concebida como sua parte fundamental.

Por mais que as sujeitas desta pesquisa pareçam mais resistentes à ideia de que a natureza de todos os corpos é construída - inclusive porque isso tiraria um pouco do mérito e do esforço das construções que fizeram em seus próprios corpos

-, certamente concordam que o corpo das travestis e transexuais, mesmo quando é “todo natural”, jamais dispensa a tecnologia. O natural é um efeito que significa pouca construção, e fornece condições de um investimento talvez menor monetariamente e diferente, mas não rompe com as interferências técnicas e tecnológicas como uso de hormônios, de maquiagem, de truques, etc.

Donna Haraway (2000), em seu “Manifesto Ciborgue”, propõe que todos/as somos ciborgues pois todos utilizamos a tecnologia, seja através de próteses como ao usar óculos (olhos proteicos sem os quais a pessoa não enxerga muitas vezes), seja através de conhecimentos específicos tecnológicos que alteram fisicamente nossos corpos, como a musculação ou o treinamento esportivo. Assim, nenhum de nós é apenas natural. Somos **só alguma coisa** e deu, no mínimo. A “acoplagem da tecnologia” (HARAWAY, 2000) em nossos corpos, mesmo sem o uso evidente de próteses, parece ser, contudo, naturalizada nas falas das minhas entrevistadas quando falando de uma belíssima que é “toda natural”. A acoplagem não está fora da natureza.

A natureza, na visão das minhas entrevistadas, dialoga portanto com as concepções de ciborgue de Haraway (2000). Ao mesmo tempo, não representa uma possibilidade infinita. Existem algumas regras ou barreiras, embora essas não estejam definidas de antemão. A natureza, assim, é um campo de negociações, um jogo no qual se mede as possibilidades e as impossibilidades em cada pessoa. Claudia, enquanto eu me estirava no sol do final da tarde, em frente a sua casa, após a primeira entrevista, sorriu e me disse que nem todo mundo pode se tornar uma mulher bonita. Como diz o bordão que algumas travestis mais novas usam na internet: “não são closes, são possibilidades!” Tais possibilidades dependem, entre outros elementos, das capacidades tecnológicas e financeiras, das características corporais (como altura e porte, e inclusive raciais). A auto-avaliação dessas características é que norteia as escolhas, mais do que uma natureza inata ou mesmo o simples desejo.

Paul B. Preciado (2001) propõe provocativamente em seu “Manifesto Contrasexual” que a prótese (dildo) é anterior ao natural (pênis) e que inclusive o conceito Freudiano de “inveja feminina do pênis” é na realidade uma inveja pelo falo. O pênis é apenas uma configuração anatômica, e por esse motivo até os homens invejam o falo (a prova disso é a cultura masculina de ficar comparando e julgando o próprio pênis: é a tentativa e o desejo de aproximar um simples pênis do invejado

falo simbólico). O autor expõe que toda natureza engloba e negocia com as próteses, e símbolos e tecnologia. Mas as suas ideias não chocariam as minhas entrevistadas. Talvez elas até o olhassem com uma expressão velada de deboche que diria: “Tá, mas isso não é óbvio, bicha?”. Preciado (2001), falando sobre como o dildo também serve como metáfora do gênero, aponta:

Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais (PRECIADO, 2001, p. 29).

A formulação teórica de Preciado talvez lhes causasse alguma reação, pelos termos herméticos e frases sexualmente provocantes, mas tal noção de natureza já é conhecida das divas faz muitos anos. Marcellly, caso estivesse em uma palestra de Preciado, entenderia o que propõe sobre a negociação entre corpo e prótese de maneira direta, embora talvez se levantasse e dissesse a ele, como, aliás, já me disse muitos anos atrás, que se o assunto da conversa, afinal, é sobre próteses, então que não façamos economia, seja Preciado ou qualquer outro/a. *Que já ponha logo 500ml para ficar deusa!*

O natural acionado pelas minhas sujeitas não se ancora no mesmo conceito socialmente estabelecido como natural, embora elas se refiram a ele com a mesma palavra, talvez entendendo ou intuindo que aquilo que aos olhos da sociedade é natural nunca deixa de ser uma construção. Preciado (2001) elucida sobre essa natureza que também é protéica, parafraseando e ao mesmo tempo complementando uma frase da teórica norte-americana Donna Haraway:

Essa história das tecnologias mostra que "a Natureza Humana" não é senão um efeito de negociação permanente das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina (HARAWAY, 1995), mas também entre órgão e plástico (PRECIADO, 2001, p. 23).

A natureza, como apontado acima, também não é uma questão de “desejar” e de “querer” somente, em uma formulação segundo a qual a cabeça equivaleria ao corpo. A cabeça e o corpo, as dimensões mentais e físicas, não se equivalem, ainda que também não sejam apresentadas como dicotômicas. Acima de tudo, para elas, cabeça, psíquico, e corpo, físico, são unidos numa lógica relacional, se alterando mutuamente, como em uma operação matemática de multiplicação. Corpo não é

igual a cabeça, ou corpo mais cabeça não são iguais a gênero, mas corpo vezes cabeça gera uma série de possibilidades biográficas.

Quando perguntei para Ângela o que ela achava que fazia com que algumas, como ela, realizassem uma cirurgia de redesignação sexual (na linguagem dela, as *operadas*) e outras não, ela me disse que havia diferentes cabeças (além de ter o elemento *coragem*, sua primeira resposta). Segundo ela, havia quem tivesse cabeça, mas não corpo para isso. Havia, também, pessoas que não tinham condições nem físicas e nem mentais para ser uma operada, completa.

Ela, por exemplo, sempre fora bastante pequena e feminina, inclusive referenciada como *muito mulher* por duas outras entrevistadas, e, segundo ela própria, sempre teve o desejo da operação. Mais do que uma categoria fixa, ela vivia bem enquanto *bicha*, por exemplo, mas, como alguém que tinha o desejo (cabeça) e “passava por³¹” mulher (corpo), além de condições de possibilidade para tanto, e vontade de se afastar dos fervos, do meio LGBT, ter documentos femininos e o símbolo da vagina, encaminhou-se, então, para que se tornasse uma operada. Ângela me alertou, no entanto, ter conhecido pessoas que não tinham essas mesmas condições, que eram muito altas e musculosas, por exemplo. *Nem todo mundo pode ser uma linda mulher*, como dito por Claudia. Sua frase também pode ser compreendida como “Nem todo mundo pode ser travesti ou bicha ou operada”. Não é apenas o interior ou o desejo que ditam os corpos, segundo elas, nem só os corpos, mas a união de vários fatores em relação um com outro. Se a pessoa tivesse cabeça mas não corpo, por exemplo, poderia ser melhor colocar mais silicone e ser uma travesti do estilo *deusa* ou tirar as próteses e usar menos maquiagem, depois de se operar, além de, lógico, procurar ser feliz interiormente, aproveitando as possibilidades possíveis da relação entre corpo e cabeça.

Não era como as noções de identidade de gênero que eu já conhecia, corpo e cabeça não eram usados como equivalentes. Ter uma “cabeça de mulher” mas um corpo sem possibilidade de ser feminino, significa, para as divas, a impossibilidade de ser uma operada ou uma travesti. Não existe natureza que não seja disputada, mas também não existe “ser” sem limites e negociações nessa relação entre cabeça

³¹ Apesar do termo ser problemático, mantenho-o pois assim foi dito por Ângela para explicar as condições de uma “operada”. Atualmente, penso que tal termo é inaceitável para as novas gerações e poderia ser substituído por ter passabilidade cisgênera.

e corpo, que leva em consideração diversos fatores corporais (altura, forma do corpo, raça).

Particularmente no que se refere à raça, alguns comentários das entrevistadas brancas sugeriram que era mais difícil para corpos negros serem considerados femininos. Um fator relacionado a essa questão, levantado por autores como Messeder (2009), em sua etnografia com jovens homens negros em Salvador, é que os corpos negros lidos como masculinos são estereotipados socialmente como ultra masculinos por evocarem a imagem do homem negro viril. Alguns trabalhos sobre masculinidades entre homossexuais negros (MUÑOZ, 1999; COLLINS, 2005), também corroboram essa ideia.

Em relação ao outro indicativo de “impossibilidade”, ter corpo mas não ter cabeça, Ângela contou sobre uma belíssima, chamada Lorena, que era muito bonita e, fisicamente, uma das mais femininas que ela conheceu, mas que não desejava se operar. Lorena, na visão de Ângela, tinha o corpo mas não tinha o psicológico, talvez pela ausência de desejo, para ser uma “operada”. Mesmo quando fala de si mesma antes da operação, Ângela se auto-refere como bicha ou travesti³². Inclusive comentou certa vez comigo que ninguém iria olhar para ela e dizer que *aquela senhora tinha sido bicha*. Se Butler falasse português, poderia aprender o lado prático de sua teoria muito facilmente ao se sentar para conversar com essa sorridente senhora de 80 anos.

Mais do que uma categoria identitária fixa ou uma natureza imutável, tanto biológica quanto psicológica, uma belíssima mesmo “toda natural” na realidade é o resultado de uma construção dentro dos limites de possibilidade identitários oferecidos por uma complexa relação entre cabeça e corpo, compostas de características tanto físicas (porte, voz, raça, presença de pelos, etc.) quanto mentais (desejos, sonhos, saúde mental, aspirações, subjetividades). Essas relações nada têm a ver, necessariamente, com usar artifícios ou não na construção

³² Não há uma uniformidade na maneira com que Ângela se identifica. Ela se define como uma “operada”, mas também usa a palavra “travesti” e “bicha” para se referir a si mesma no presente às vezes. Imagino que se questionada a respeito disso, ela evoque uma referência linear (bicha/travesti/operada), mas ela narrativamente se situa como as três coisas. Ela tende a marcar certos momentos da sua trajetória como mais relacionados a uma expressão do que a outra, mas também se contradiz e os mistura. Imagino que ela não ligue muito para estas categorias, e se concentre mais na noção que independente de quando e o quê, ela é sempre ela. Ângela fala de si como se as identidades que ela não usa mais ainda pudesse seguir em algum lugar. A ideia parece ser que independente da identidade que você use hoje, como se fosse uma roupa, as outras identidades ainda seguissem “no armário”. Ângela se sente ligada tanto a roupa atual como as que não servem mais mas seguem guardadas no roupeiro.

do seu corpo, ou se sentir transexual ou travesti da maneira que conhecemos, mas sim com construir a si mesma dentro dos campos de possibilidades que se tem, utilizando os recursos tecnológicos, financeiros e performativos disponíveis.

3.2 “BICHA SEMPRE TEM ARTE”: A PERFORMAÇÃO DE UMA BELÍSSIMA OU QUANDO AS BELÍSSIMAS ENCONTRAM JUDITH BUTLER

Ah, essa foto. Foi o último show que eu fiz. No CCA Teatro. Ah é. Mas novinha né. Aí **(na foto)** eu já tava com quase 40.

(Sophia: Mas não parecia.)

É. Mas eu sempre fui bem trucada³³. (Claudia)

Bicha sempre tem arte, né? Naquela época, como até agora, peruca de cabelo era muito caro. Mas naquela época não existiam esses kanekalon. Não existia kanekalon³⁴. Então elas não tinham peruca. [...] Então sabe o que elas faziam? Elas faziam perucas de corda. De corda! Destrançavam as cordas, aí ficava meio crespa assim, né? Aí elas botavam no óleo quente [risos], fervia as cordas no óleo quente, e, depois, com um pedaço de pau davam-lhe tundas e tundas. "Bicha, o que?", "Ai, tô dando na minha cabeleira", e dava-lhe pau, dava-lhe pau. E tu sabe que ficava bom?

(Sophia: Ai, como eram engenhosas né?)

Bicha... eu conheci bicha na Itália que elas mesmas se operaram. A cara.

(Sophia: Sério?)

A bicha deu uma anestesia assim, e deu um talho aqui, e daí puxou o olho, assim, e começou a costurar, se costurou toda! [risos] Pode ver que os corpos quem inventou foi as bichas... (Ângela)

³³ A expressão “trucada” é um adjetivo que vêm do verbo: “trucar”. Na frase “dar o truque”, ele aparece como substantivo, mostrando a maleabilidade do termo e sua importância. Estas palavras, frases e conceitos são do Pajubá, ou seja, são expressões típicas das travestis. Como linguagem oral, não há consensos ou uniformidades absolutas dos seus termos. Mas geralmente a noção do truque significa tanto iludir ou enganar, como Claudia dizendo que se produzia como bonita e não que era de fato bonita, como significar ter o conhecimento da melhor forma de fazer algo, a melhor sendo a maneira hábil e inteligente de fazer algo. Há uma certa implicação de astúcia no truque. Nesse sentido, o truque, seja como for, denota um conhecimento e uma sabedoria para algo, entre as travestis. A expressão também pode ter um sentido pejorativo de enganação, claro. Um aforismo para explicar a expressão poderia ser: “Quem pode, pode. Quem não pode, dá o truque”.

³⁴ Refere-se à fibra Kanekalon, uma fibra sintética inventada por uma empresa japonesa nos anos 60 que foram e são desde então largamente usadas para fazer perucas sintéticas com certa qualidade e menor custo. Usa-se popularmente para identificar quaisquer perucas sintéticas, normalmente de baixo preço.

A beleza, e o corpo, para mulheres transexuais e travestis, é explícita e pacificamente uma construção. Fazer o corpo, a construção de si, tem sido abordado por quase todos os trabalhos antropológicos que falam das travestis, como Silva (1993), Benedetti (2005), Oliveira (1997) e Pelúcio (2007). Essa construção é central no projeto de ser travesti: construir-se corporalmente. Uma construção ativa, diária, como sugere a concepção de performatividade que veremos mais abaixo, de Judith Butler (2003). Para elas, ser é uma obra de feitura (como dizem nas religiões de matriz africana, onde iniciar-se é tido como “ser feito”), um fazer-se que necessita desejo, conhecimento, dedicação, investimento e até resistência - “a dor da beleza”, como explicam diversas sujeitas na pesquisa de Marcos Benedetti (2005).

Benedetti (2005), em “Toda Feita”, sua etnografia com travestis que se prostituíam em Porto Alegre, fala sobre a categoria e expressão verbal dita por algumas entrevistadas e que dá título ao trabalho: “toda feita”. É uma expressão que evidencia o caráter de (auto) construção de sujeitos travestis através da materialização de um corpo marcado pelo feminino mesmo que tenha sido designado como masculino ao nascer. O autor explica a expressão:

Toda feita, mais do que um elogio, é também uma forma de designar as pessoas que se empenharam nos caminhos da transformação e não pouparam esforços para tanto. Além das próprias aplicações de silicone, pressupõe alguma cirurgia plástica para remodelagem do nariz ou da testa ou de outra parte do corpo, também o uso continuado de hormônios e vários outros recursos de aprimoramento dos traços femininos. Toda feita é a expressão que designa o resultado eficiente de todo o processo de transformação e fabricação do corpo e, portanto, do gênero entre as travestis (BENEDETTI, 2005, p. 163).

Embora esteja evidente que a construção, ou a performatividade, cria o corpo das travestis, como das pessoas trans em geral, a noção de ser “toda feita”, de ser construída, de ser uma cópia da cópia, não define apenas os corpos das pessoas trans. A noção de performatividade da filósofa Judith Butler inaugura um outro conceito, onde as identidades não trans ou cisgêneras, e seus corpos, também são produzidos, ou, como ela diz: performados e não naturais. Para Butler (2003), não são apenas as travestis que são “todas feitas”. Todos/as somos “todos/as feitos/as”. Ninguém simplesmente nasce ou é: todos/as “nos fazemos”, “nos construímos”, em nossos gêneros, identidades e corpos. Judith Butler, em sua obra, especialmente o livro “Problemas de gênero”, de 1999 (traduzido para o português pela primeira vez em 2003), introduz o conceito de performatividade de gênero.

A performatividade de gênero não é a mesma coisa do que falar que o gênero é apenas uma performance. A performance é um ato isolado, uma atuação, como no teatro. A performatividade envolve diversas práticas: algo que é de fato feito e é real enquanto for feito, num processo contínuo maior e mais complexo. Para Butler, o gênero não é algo que se é e também não é algo que só se aparenta ser, mas é algo que se faz. Falar de performatividade de gênero tampouco é negar a materialidade dos corpos, mas focar na maneira como este corpo é articulado e interpelado desde antes do nascimento da pessoa, por práticas e enunciados para ser visto, entendido e produzido como dado.

Tais discursos sobre o que é ser homem ou mulher (e somente esses dois, em modelo binário e antagônico-complementar) e sobre a obrigatoriedade de que, para sermos reais, e termos um gênero real e natural, haja um alinhamento entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, com base numa matriz heteronormativa compulsória, criam, ao mesmo tempo em que simulam, a natureza como imutável e pré-discursiva. Butler escreve, para explicar tal processo:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria inferioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a "integridade" do sujeito. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em aro criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2003, p.194-195).

A performatividade de Butler nos alerta que o gênero não é algo social inscrito sobre um sexo passivo e dado, mas um movimento no qual ambos são feitos em relação a uma concordância discursiva. Neste processo, não há natural e cópias. Todo o gênero (que também é sexo), seja de pessoas trans ou não, é uma cópia da cópia, que se materializa através de um fazer. Não há gêneros originais. O natural é inscrito nos corpos, através de repetições, em atitudes e conformações diárias e constantes, ainda que exiba a si mesmo como causa e não efeito, apagando os símbolos e discursos que possibilitam essa construção para simular uma não-construção ou ideia de uma natureza estática, original e pré-discursiva.

Nas palavras de Butler (2003), a performatividade, resumidamente, é uma “prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz efeitos que nomeia” (p. 152). Nesse sentido, para ela, o sexo não está para a natureza assim como o gênero está para a cultura. O sexo é “uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade” (BUTLER, 2003, p.153).

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. (Butler, 2003, p. 195)

Resumindo e retomando: segundo a perspectiva da performatividade de Butler, não são só as travestis que são “todas feitas”, conforme já dito há vários anos por antropólogos que as pesquisam ou pesquisam com elas, enquanto as outras pessoas apenas “são” e não performam seus gêneros, que são naturais, originais. O que se poderia dizer é que as travestis possuem certa *expertise* nesse processo, e entendem concretamente suas consequências. Afinal, quem está fora da norma é lembrado disso constantemente, e punido. Como Ângela demonstra:

Por exemplo, eu quando era gay, eu andava na rua até 4, 5 horas da manhã, não tinha medo de nada e acabou. Agora... até agora também um pouco pela idade... mas eu não teria coragem, teria medo. Porque, afinal, tu é uma mulher, né?

Por mais que todos os gêneros sejam cópias de cópias, e que todos sejam performativos, os efeitos de verdade apresentados nas expressões de gêneros que performam a “natureza” da diferença sexual são outros. Essas são vistas como legítimas, o que faz com que as pessoas que as performam consigam uma outra interação social, inclusive em questões práticas. Assim elas socialmente e sistematicamente recebem um tratamento diferenciado daqueles gêneros vistos explicitamente como construídos ou performativos.

Quando Ângela diz que quem *inventou os corpos foram as bichas*, ela se refere ao fato de que as travestis foram pioneiras nos processos de modificações corporais, que atualmente são comuns em nossa sociedade. As bichas inventaram os corpos, mas todos nós os utilizamos agora. As cirurgias plásticas, extensões capilares, unhas postiças, contornos de maquiagens, entre outros, são

extremamente populares hoje em dia. A questão não é definir “quem inventou/criou” tais práticas, apontar para as consequências objetivas e a ironia de que práticas inventadas ou testadas primeiramente por travestis, e que são vistas, nelas, como inadequadas ou extremas, para mulheres cisgêneras são tidas como pequenas melhorias cotidianas, ou, inclusive, podem ser incentivadas com certa pressão social para elas, como denunciam alguns posicionamentos feministas relacionados à colocação de próteses de silicone nos seios, por exemplo.

Tal “ironia” tem um efeito bastante prático, entre outros, que acontece quando certas performatividades são consideradas naturais apesar de serem todas cópias: um aumento significativo de preço de serviços estéticos em mulheres transexuais e travestis. Para o aumento dos seios com próteses de silicone, por exemplo, uma mulher cisgênera pode encontrar tal serviço com facilidade de acesso (sem laudos e sem grandes perguntas por parte dos profissionais) e mesmo sem grandes custos, visto que é considerado algo relativamente comum. Agora, muitas travestis e transexuais encontram diversos obstáculos para o mesmo procedimento (como laudos, perguntas e recusas de atendimento) e, inclusive, um aumento de custo com base num discurso de que as próteses para elas necessitam de um “conhecimento específico” devido às suas “anatomias” também supostamente específicas. A maioria dos médicos e clínicas cuja reputação e propaganda é de serem “provedores de serviço para o público trans” (como cirurgiões plásticos que fazem cirurgias faciais e colocação de próteses de silicone), oferecem serviços que eles dizem ser específicos e, por isso, cobram um preço muito maior que os médicos que fazem os mesmos procedimentos em pacientes cisgêneras. Ou seja: por mais que sejamos “todos feitos”, alguns de nós serão vistos como originais e naturais e terão diferentes acessos, inclusive na forma de menores custos, quando acessando os mesmos serviços e processos, que as pessoas vistas como gêneros falsos ou construídos, como é o caso das travestis.

Se é verdade que “as bichas inventaram os corpos”, ou ao menos foram as cobaias nesse processo, hoje em dia todos usufruem desta experiência, embora “as bichas” tenham que pagar maiores preços por estas práticas, tanto simbólica como economicamente.

3.3 “UMA MULHER MAIS PERFEITA QUE UMA MULHER NORMAL”: O FEMININO ALÉM DO FEMININO NAS BELÍSSIMAS

Tinha uma amiga minha e ela sempre me dizia assim: Marcelly, Marcelly naquela época não era Marcelly, ela disse assim, quanto mais tu monta teu circo né, entendeu, mais tu ganha. Porque o homem, vamos supor, chega em casa e vê aquela mulher sem maquiagem, às vezes nem banho tomou, lógico né, e é certo, quer dizer, hoje elas levam a vida digna, naquela época né, uma vida praticamente de escrava, né? Do homem. Elas não trabalhavam, né. Elas não estudavam. Elas não tinham vida própria, elas, entendeu? Era limpar a casa, ter filhos, lavar roupa e fazer comida. Então, o homem, ele via aquelas travestis todas elas num bom salto 15, né, via na esquina, que naquela época a gente não saía de, como é que se diz, sem um bom salto, né? Tinha que ter um bom salto. Isso que chama atenção, né? E eu me lembro que, logo no início, era o jornal, a zero hora... tinha outro nome, a zero hora tinha dois jornais, um de tarde e a zero hora era de manhã, né. Eu me lembro que o Paulo Sant'Ana colocou numa coluna como que um homem pode se transformar de uma maneira que fique mais bela do que a própria, uma própria mulher, ele não falou mulher cis, uma mulher, né. Entendeu? Não se via de dia, se via de noite. E ele botou uma frase, assim, que nunca mais me esqueço: o que acontece na noite, na escuridão, onde se veem homens vestidos de mulher e, muitas vezes, quando você chega perto, você vê uma mulher mais perfeita que uma mulher normal. (Marcelly)

Por mais que uma belíssima possa por vezes ser alguém mais discreta e esse tipo de beleza tenha se tornando o ideal de uma nova geração, conforme veremos, também neste capítulo, existia e ainda existe uma grande valorização pelas travestis e mulheres transexuais de um feminino mais acentuado, mais exagerado e mais *glamouroso*. Os diversos recursos tecnológicos, os artifícios, os truques, o conhecimento, são centrais na conformação deste “belíssima”. Nesse sentido, o “belíssima” é uma indicação de uma beleza específica, bastante singular e ligada às travestis, que é sempre mais abertamente construída, adquirida, investida, “trucada” e também situada geracionalmente.

A tese “Sob o signo do glamour: um estudo sobre homossexualidades, resistências e mudança social”, de Thiago Soliva (2016) é uma excelente referência sobre essa ideia desse feminino “mais feminino” que o das mulheres comuns, o feminino glamouroso das divas que permeia o sentido da “belíssima” como uma performatividade da feminilidade além daquela performada geralmente pelas mulheres cisgêneras. O trabalho de Soliva partiu de entrevistas a alguns LGBTs, em sua maioria diversas senhoras travestis brasileiras, e traça um excelente panorama histórico e político do gênero e da sexualidade na segunda metade do século XX, explicando os contextos histórico da emergência de, entre outras coisas, a

identidade travesti brasileira, através de questões como performance, arte, glamour e se apoiando em diversos materiais de arquivo. Ao falar desse “outro feminino” das travestis mais antigas (que o autor no final da tese inclusive contrasta com o feminino que emerge com o surgimento midiático da modelo Roberta Close³⁵), o relaciona com o modelo *superfêmea*, descrito na tese “Rainhas do rebolado”, de Rafael Bispo, sobre as chacetes. De acordo com Soliva (2016):

Acredito que a espetacularização da *superfêmea* através dos veículos de comunicação da época, também logo depois celebrada nos auditórios da Rádio Nacional (AVANCINI, 1996), foi fundamental para a produção de sensibilidades com as quais se identificariam as “bichas”. Tal performance, ao mesmo tempo que valorizava elementos que impunham sobre as mulheres estereótipos de gênero, revelava a artificialidade das convenções de gênero e evidenciava uma “performance de poder” – poder de sedução, de conquista, de domínio, de glamour. Foi essa “performance de poder” que atraiu a idolatria de tantos indivíduos que cobiçavam a existência para além dos dias de carnaval (SOLIVA, 2016, p. 83).

Essa beleza que descende diretamente dos palcos e dos cinemas, que não busca fundir-se a multidão, mas destacar-se (positivamente), é fruto da concretização de uma idealização: o impossível feito possível, a produção do feminino diferente do feminino cotidiano, o qual é mais hiperbólico e também fantástico (mas sem ser ridículo, conforme será explicado adiante). A própria expressão belíssima, em termos de língua portuguesa, é uma hipérbole, que denota uma intensidade de beleza fora do comum.

³⁵ Roberta Close é o nome artístico da modelo brasileira Roberta Gambine Moreira. Ela é considerada o maior símbolo sexual brasileiros dos anos 80. Atribuída ao gênero masculino no nascimento, ela foi lançada na mídia no início da década de 80 com uma matéria jornalística e uma foto sob a manchete sensacionalista “A mulher mais bonita do Brasil é homem”. Teve uma carreira variada: desfilou como modelo e posou em editoriais de moda, atuou em novelas, participou de inúmeros programas de televisão, foi destaque de escolas de samba e bailes de carnaval, posou nua diversas vezes (tanto antes da operação de redesignação sexual quanto depois), escreveu uma autobiografia com Lúcia Rito (“Muito prazer, Roberta Close”), apresentou um programa de TV, e foi amplamente celebrada e exposta em jornais e revistas de “fococas” de celebridades. Também se tornou a primeira pessoa pública a realizar uma cirurgia de redesignação sexual sob o olhar da mídia, trazendo a palavra “transexual” e “cirurgia de mudança de sexo” para o vocabulário popular. Enfrentou uma longa batalha judicial para ser reconhecida legalmente como do sexo feminino e com o nome feminino, tendo realizado aparições públicas de enfoque educativo para trazer conscientização sobre o tema da transexualidade e sobre os impasses jurídicos para a obtenção de documentos adequados para a população trans (especialmente as mulheres redesignadas sexualmente). Ela reside na Suíça com o marido há muitos anos, aparecendo muito raramente na mídia nos últimos anos.

[...] **(eu)** tava lindíssima, de matar, eu tinha colocado amplan na virilha.

(Sophia: O que é, tipo um hormônio?)

É um hormônio, diretamente na virilha.

(Sophia: Que eles fazem tipo uma incisãozinha e colocam?)

Isso.[...] eu ali, feminíssima, cheia de amplan, não queria nem sentir cheiro de homem. Que o amplan tem isso, não dá nem pra gente sentir cheiro deles, nada. Tinha vontade de vomitar. Mas te deixava a Deusa. (Claudia)

No tempo das minhas entrevistadas, diferentemente dos tempos atuais, seja pela maior dificuldade de aceitação social devido ao momento histórico, ou pelos impedimentos legais da época (muitas vezes em relação a troca de nome e gênero nos documentos), parecia que não ser designada como mulher ao nascer significava nunca o sê-lo. Ou nunca ser aceita como tal. Não apenas isso: podemos pensar na ausência de um discurso que autorizasse ou tornasse inteligível a existência de uma mulheridade trans. Afinal, não existia o termo “ciscgênero”: eram mulheres biológicas ou reais em contraste com mulheres irreais ou “homens biológicos” com “alma” ou “cabeça” de mulher. A seguinte fala expressa muito bem o quanto aquilo que hoje é ainda tabu, antes era uma “verdadeira loucura”, e como era bastante raro para elas andarem durante o dia como mulheres:

E, principalmente... antigamente... que é o meu caso, não é o teu, o meu caso é bem antigo. Então, aquela época tu não ouvia falar essas coisas, né? Era uma verdadeira loucura, né? Eu andava de tarde, ia no cinema vestida de mulher, as bichas "ai, mas que coragem que tu tem". Mas eu passava por todo mundo tranquila. Ia no cinema, falava com as pessoas, nunca ninguém dizia nada. (Ângela)

Então, estudar e viver publicamente o seu gênero, durante o dia, eram coisas quase impossíveis. Lugar de travesti era nos palcos, fossem esse montados nas boates e teatros, ou, como dito por Marcelly, nas esquinas. Evidente que ainda hoje a esfera pública é extremamente difícil para pessoas trans que não tenham documentos retificados, não tenham “passabilidade ciscgênera” (que sejam visualmente identificados pelos outros como trans em função da aparência), e/ou que falem publicamente de sua trajetória de gênero. Há algumas décadas atrás, porém, era ainda mais difícil viver como uma mulher “normal”, que frequentasse diurna e cotidianamente os ambientes sociais, de educação ou trabalho frequentados por uma maioria ciscgênera. O normal era o impossível. Isso significava,

então, que elas viveriam como “anormais”? Já no exemplo acima, de Ângela, nota-se que ela usava a beleza e a feminilidade para passar despercebida na rua e no cinema, uma transgressão. Havia, então, possibilidade de resistência, sem se tornar socialmente vistas como anormais e evitando sofrer possíveis perseguições. Ser belíssima (e, para algumas, ser artista) era uma forma de resistência.

Já que não se podia ser normal, então, para que não fossem anormais, elas precisavam se tornar extraordinárias. O extraordinário não é o anormal, o defeituoso, mas tampouco se reivindica como normal. Elas não podiam ser equiparadas com as “mulheres reais”, então elas precisavam se construir de maneira a se situarem acima do real: *montar um belo circo*, mesmo que de cima de um salto 15. Não belas, mas *belíssimas*.

É por isso que Soliva (2016), na evolução histórica descrita em sua tese, situa como um marco importante o aparecimento na mídia de Roberta Close, como uma articulação social que inaugura, entre outras coisas, a emergência de uma nova forma de performatividade de gênero entre as travestis e transexuais, dessa vez sem o glamour e o exagero das divas, e aludindo à ideia de naturalidade, o que inaugurou, também, a possibilidade de uma inserção social dos corpos trans no cotidiano normativo e fora do contexto dos “palcos”. Ele descreve tal processo do seguinte modo:

O que mais chamava a atenção sobre Roberta Close era a naturalidade de seu corpo e performance. Ela “passava por uma garota comum”. A imagem da “mulher fatal” não se aplicava à sua performance nesta primeira aparição pública. Diferente das “travestis” da geração de Divina Valéria, ela não tinha relação com o mundo do show business, o que a encaixava ainda mais em uma iconografia da normalidade (SOLIVA, 2016, p. 178).

Diferentes gerações têm diferentes modelos de corpos e subjetividades. O padrão das mulheres cis dos anos 50 era diferente dos padrões corporais e de beleza das próximas duas décadas, por exemplo. Isso também é verdade quando consideramos as travestis. As condições políticas das novas gerações é bastante diferente das anteriores e novas possibilidades são inauguradas com novos momentos políticos e o surgimento ou popularização de novas tecnologias corporais. O projeto de ser uma belíssima, uma das deusas, das travestis do *glamour*, era uma subjetividade que emergia em um tempo e contexto sócio-político específico, como dito anteriormente. Talvez isso explique por que belíssima também remeterá a uma época vivida, onde era mais difícil ocupar determinados lugares na sociedade por

diversos fatores, fazendo com que, se não podiam ser mulheres (normais), que fossem então deusas (extraordinárias) e não monstros (anormais).

É necessário lembrar que ainda muitas travestis atualmente sonham em ser belíssimas, inclusive buscando abertamente um feminino hiperbólico, assim como também foram referidas diversas mulheres pelas minhas entrevistadas, da mesma geração que elas e que eram conhecidas por suas belezas “naturais” e discretas, como é o caso de Flávia, descrita por Ângela, no começo do capítulo. Não é uma divisão absoluta visto que a inauguração de novos modelos e subjetividades jamais apagam em absoluto os modelos e subjetividades anteriores (apenas por vezes os localizam mais em um contexto ou época).

Apesar de a expressão *belíssima* ainda ser usada atualmente pelas travestis mais novas, ela o é em contextos diferentes. Quando uma travesti jovem diz que alguém é *belíssima*, normalmente quer dizer uma pessoa que é muito bela. Entre as minhas sujeitas, uma travesti mais jovem que era muito bonita era chamada de *muito bela*, entre outros adjetivos, sem o mesmo enfoque e entonação de um *belíssima*. Para as travestis que entrevistei, dizer que alguém era *belíssima* era também falar de uma beleza particular. Esse *belíssima*, performatividade de hiperfeminilidade construída com base na noção de extraordinário e glamour, também evidencia outra coisa entre as minhas entrevistadas: uma diferença geracional que se apresenta nos modelos de beleza, como exemplificado acima com o sucesso de Roberta Close em relação a travestis como Divina Valéria.

Larissa Pelúcio, em seu trabalho “Desejo e Abjeção”, dedica o segundo capítulo do livro à análise das categorias êmicas das travestis de São Carlos que se prostituem, mencionando, inclusive, a categoria *belíssima*, como um indicador de beleza (especialmente a beleza hiperbólica das travestis) e a ligação do termo com outras categorias de prestígio para suas entrevistadas, como uma *top* ou *diva*. Pelúcio também contrasta as construções corporais e modelos de beleza das travestis mais antigas, que foram para a Europa nos anos 80. Segundo ela, as novas gerações de travestis, através do uso de hormônios precocemente e um acesso maior a possibilidades de transições corporais e legais, atualiza as noções de beleza do grupo (ao menos entre o segmento das mais jovens, vistas pelas mais velhas normalmente como “abusadas”).

Essas novas travestis, atualizando a performatividade de Roberta Close, valem-se de performar uma certa norma corporal, baseada nas vantagens físicas de

não ter passado pela puberdade masculina e iniciado uma transição ainda bastante jovens, procurando uma feminilidade não hiperbólica, mais análoga à feminilidade performativizada pelas mulheres cisgêneros. O modelo atual, afirma Pelúcio, é o da *ninfetinha*, onde se busca um corpo magro e com poucas curvas, a pele lisa, pouca maquiagem, vestimentas mais discretas (quando não no ambiente de prostituição), performando um feminino mais próximo ao das “patricinhas” (garotas brancas de classe média e alta), ao estilo das personagens da novela adolescente “Malhação”.

O exagero, outrora belíssimo e motivo de orgulho, presente em certos modelos de corpos e performatividades de gênero, como o principal modelo entre as travestis que foram para a Europa nos anos 80, “corpo Paris”, segundo Pelúcio, é o exemplo do que deve ser evitado para essas jovens. Elas o rejeitam e ancoram sua performatividade de gênero em uma ideia de naturalidade e de “passar batido” (ser tomada por uma garota cis comum). Algumas se referem ao sucesso desse modelo com a expressão “**(ser, estar)** bem bucetinha”, que alude à ideia de uma performance de feminilidade tão cisgênera que remete diretamente ao órgão genital, símbolo social do sexo feminino incontestável e biológico.

Se existem performatividades distintas, uma que almeja o símbolo da normalidade, e outra que almeja o símbolo da estrela, existem pessoas que não conseguem obter nenhum desses. São travestis que são tidas como aquelas que simplesmente não conseguem ter sucesso nesses padrões geracionais. Não se tornam nem “deusas da beleza”, “nem meninas comuns”, e sim corpos que evidenciam a ausência de coerência entre gênero atribuído e gênero presente. São corpos em relação de exterioridade com a norma, e, por isso, tidos como monstruosos. Tais corpos aparecem como contraponto narrativo quando se fala das belíssimas. São, conforme a noção de monstros em contos infantis, criaturas assustadoras que servem para ensinar os limites do aceitável socialmente: um aviso, uma lição sobre aquilo que não se deve ser ou fazer.

É... porque também tem, tem, tem, determinadas bichas que são verdadeiros homens e que são ridículas. Não têm senso de como se vestir, se vestem escandalosamente, essa... em Roma mesmo, tinha uma bicha que eu conhecia lá, ela primeiro ela trabalhava de salva-vidas no Rio de Janeiro, era carioca. Aqueles braços musculosos, e aí tinha sereia desenhada, tubarão, e tigre, tudo que é coisa. E ela, um dia nós ia pra Porta Portese, que é um, te contei isso também, que é um mercado muito grande que tem lá, assim, feira né? E a bicha me bota duas... ela tinha muita veia, varizes nas pernas, e botou muito silicone, ficou toda torta, era uma coisa! E aí ela botava aquelas meias elástica que as mulheres botam quando estão

grávidas. [...] Ela botava duas daquelas, marrom, assim, uma encima da outra, pra apertar tudo, assim. Aí, depois, me enfiou o pé, com aquelas meias, dentro de um tamancão de acrílico, com uma rosa na frente. Dez horas da manhã. "Bicha, tu vai assim pra Porta Portese? Vai tomar baile! Vão te atirar tomate, batata, tudo que tiver vão te atirar em tí". Pintada! Ela tinha a pele toda marcada de acne, né, aqueles furinhos, assim, mas passava uma massa corrida e depois passava a segunda, e passava a terceira, e risco daqui e risco de lá. E ela era um homem grande, forte, com as costas largas. E eu "bicha, tu me desculpe, mas...", estava eu e a Roberta. Eu disse "Roberta, eu não vou junto com a moninha desse jeito aí, que nós vamos tomar baile do início ao fim". "Não, eu também não vou, mas vamos dar uma desculpa, vamos deixar ela sozinha lá", ela estava de carro, "vamos deixar ela sozinha na Porta e nós vamos voar embora". Não dava pra enfrentar. Ai, eu disse "bicha, tu tá te pintando demais, está um terror de tanta pintura na cara!". Cílios em cima e cílios embaixo, que ela acha que assim ela ia ficar mulher. "Ai, imagina! Mais do que a Gina Lollobrigida se pinta, por que eu não posso?". Ela era operada. "Por que eu não posso?". Ai, que comparação, a Gina Lollobrigida, uma mulher maravilhosa, desse tamanhinho. Uma deusa de beleza, o que é que tem a ver com aquele putinho? Quer dizer... é esses, falta desse senso de... está entendendo? (Ângela)

Na fala acima vemos que, embora o exagero e a feminilidade "intensa" possam ser valorizados em certos corpos, há construções de feminilidade possíveis para alguns corpos e que não são possíveis em outros. A beleza exagerada das deusas é um dos caminhos de sucesso e de legitimação de uma performatividade de gênero em uma época de pouca aceitação social e de transição tardia, mas, o que as divas pontuam com muita sagacidade, é que, às vezes, nem isso era possível.

Nem todas as expressões de gênero são permitidas a todos os sujeitos. Se pensamos novamente na noção de performatividade de Butler (2003), entendemos que, embora a mulher relatada por Ângela empregasse os mesmos recursos que a atriz italiana Gina Lollobrigida, o fato de ela ser alta e ter o corpo musculoso, signos mais tipicamente associados ao masculino, fazem com que o exagero, que se torne *glamour* em Gina, a torne ilegítima, ameaçadora e acima de tudo: risível aos olhos dos outros.

O exagero dessa transexual não lhe torna uma Deusa, pois chama atenção para as discontinuidades entre sexo, gênero e corpo, performando um gênero ininteligível na matriz cisheteronormativa que orienta e regula os gêneros socialmente aceitos como legítimos, naturais e/ou reais. Um gênero que ultrapassa estes limites não é considerado verdadeiro ou adequado, sendo fonte de, entre outras coisas, perigos para quem o performa (ou quem com ele se relaciona, como revela o medo de *levar baile* de Ângela e Roberta no mercado italiano). O exagero

de Gina a faz belíssima, o exagero da moça referida na história a faz *um puto sem bom senso*.

Como indicado, a ausência de sucesso com tal performatividade de gênero também expõe a pessoa ao perigo: estar visivelmente em desacordo com a norma é uma posição de grande vulnerabilidade. Mais do que apenas o ridículo, a norma se mantém também pelo regime de violência física contra aqueles que a desafiam. A mulher da história de Ângela corre perigo, pode ser agredida com diferentes ferramentas, desde tomates até o ataque corporal (*levar baile*). Por isso, Ângela e sua amiga se recusam a sair com ela, já que temem possíveis violências. Não é simplesmente uma condenação que fazem em relação a seu estilo, mas à sua falta de bom senso em relação a proteger a si mesma e as outras. Como pessoas que de alguma forma estão nessa mesma posicionalidade em relação à norma, sabem o preço e o perigo de ser visivelmente “pegas”.

As divas são, assim, especialistas em sobreviver e, por isso, evitam tais perigos, sabem se cuidar, têm *bom senso*. Entre colocar-se em risco juntamente com a mulher da história, Ângela e sua amiga preferem simplesmente deixá-la sozinha ou não ir com ela, pois, assim, elas se preservam de possíveis represálias que estão reservadas à figura. Não é somente um julgamento moral ou preconceito, é também uma estratégia de sobrevivência.

O erro de performatividade em certos gêneros, particularmente através do que é chamado exagero, também aparece na etnografia de Larissa Pelúcio (2009), onde são referenciados como categoria própria: o “traveção”. O “traveção” é utilizado, não somente como falha de performatividade de gênero, mas, conforme dito anteriormente, como modelo a ser evitado pelas novas gerações, as “ninfetinhas”. As novas gerações, ao rejeitarem o padrão belíssima antigo, evitam os elementos da feminilidade hiperbólica estilo “superfêmea”, justamente por acreditarem que tal performatividade oferece maiores chances de perda da inteligibilidade social na matriz cisheteronormativa³⁶ do gênero. Ou, como resume mais coloquialmente uma das entrevistadas de Pelúcio da nova geração, ao dizer que “um traveção jamais passará por mulher”.

³⁶ Ver nota de rodapé nº 3 da Introdução.

3.4 BELÍSSIMA É SUCESSO: EUROPÉIAS, BENS, DIREITOS E ASCENSÃO SOCIAL

[...] então eu falei bom, se os outros acham que é vender imagem, então vamos vender. Morando na França, com tudo na mão que eu queria, deu. Fui no Dr. Rabinot, ele era dos maiores artistas, eu fiz toda minha front, novinha, nunca mexi aqui, eles que mexiam, e, aí, fui me produzindo e deu. (Claudia)

Como dito anteriormente, a natureza até pode ajudar mas, acima de tudo, e ainda quando se quer construir certos corpos, é preciso investir e investir. Essa construção precisa de arte, como salientado por Ângela, e de truque como disse Cláudia. Eu me atreveria dizer que arte e truque são mais ou menos a mesma coisa em suas apreensões. Por outro lado, a construção também exige um investimento financeiro concreto, bastante elevado, há que ser dito.

Por mais dinheiro que uma belíssima faça por ser bonita, ela paradoxalmente também precisará investir muito para manter essa beleza. Nesse sentido, ser belíssima é um bem, produto e produtor do sucesso da travesti, fazendo parte de um conjunto mais amplo de bens, que são ganhos e, ao mesmo tempo, qualidades. Isso aponta para mais um dos sentidos da polissemia do ser belíssima: é também um efeito ou consequência de ser “uma travesti de sucesso”.

Ser uma travesti de sucesso é, acima de tudo, apresentar um patrimônio que se compõe, entre bolsas, carros e imóveis, também em um investimento corporal e na manutenção de si mesma. Ser belíssima, nesse sentido, significa, não nascer bonita, mas se tornar uma travesti de sucesso, aquelas cujos ganhos são solidificados em bens, incluindo “bens corporais”. Muitas travestis vão para a Europa justamente atrás de condições financeiras para a aquisição desses bens. Pelúcio explica a categoria “europeia” em seu campo, que engloba travestis que foram se prostituir na Europa, e esta categoria também foi encontrada na minha pesquisa, embora eu trocava a definição de prostituição internacional por trabalho internacional, visto que minha entrevistada Claudia é uma europeia, mas que estabeleceu seu sucesso internacional na função de artista. Sobre as europeias, Pelúcio (2009) escreve:

Ali, afirma um de meus informantes, “ficam as mais bonitas, as mais transformadas”. [...] Muitas europeias também estão por ali. São travestis que já tiveram sua experiência com a prostituição internacional e que, via de regra, amealharam algum dinheiro, construindo não só um patrimônio materializado em carros e/ou apartamentos, como também investindo largamente na construção de um corpo feminino. Tops e europeias são vistas muitas vezes como “divas” [...] (PELÚCIO, 2009, p.55).

Pelúcio também explica, em seu trabalho, por que o dinheiro não é um ganho apenas financeiro, mas simbólico e social, pois garante às travestis de sucesso acesso a direitos humanos e ao resgate familiar:

O fato de ir para a Europa não tira a maioria das ruas nem proporciona altos ganhos por tempo prolongado. Muitas investirão em si, mas também ajudarão suas famílias, uma vez que essa é a forma que têm de resgatar o carinho ou conseguir a aceitação dos seus. As experiências diferem, guardando em comum o fato de alimentarem o sonho de ascensão que, para muitas, está associado à possibilidade de serem tratadas com menos preconceito. Essa possibilidade, por sua vez, está relacionada com a ideia de que no Brasil o dinheiro compra cidadania, isto é, respeito (PELÚCIO, 2005, p. 246).

Na época das minhas entrevistadas, quer fossem artistas ou profissionais do sexo, trabalhar na Europa era considerado como um passo essencial na jornada de ser uma travesti de sucesso. Apenas Maitê, que nunca se importou em ser uma travesti de sucesso em moldes tradicionais, não expressou nenhuma admiração pela ideia de viver na Europa. Mas disse que a única coisa da qual se arrependeu em toda sua vida foi não ter ido viver um tempo em Nova Iorque quando um amigo seu lhe ofereceu a oportunidade. Ela não aceitou porque ficou com medo de deixar sua família e viver longe deles, mas que outro amigo foi em seu lugar e que ele se casou, ficou lá e *é rico*.

Ângela, por exemplo, contou que, com 30 anos, e trabalhando formalmente como cabeleireira num salão de prestígio, já tendo atingido seu sonho de realizar a operação de redesignação sexual e com documentos femininos, adiou os planos de adotar uma criança e formar uma família, pois resolveu aproveitar o período e a idade para ir para a Europa reunir dinheiro, como suas amigas. Parece que a questão financeira e, acima de tudo, a noção de que toda travesti de sucesso vivia algum período de tempo na Europa, foram mais importantes que propriamente a necessidade financeira urgente dela. Ela comenta que as amigas da época estavam todas indo e voltando da Europa, e que faziam muito dinheiro, vivendo de maneira supostamente glamourosa, e que todas lhe diziam que, como ela era muito bonita,

era burra de não ir *fazer dinheiro na Europa*. Apesar de explicar que elas não viviam, de fato, com tanto glamour e facilidade conforme diziam, realmente era muito fácil ganhar dinheiro naquela época, inclusive fazendo tarefas fora da prostituição (como Ângela, que costurava e fazia marmitas para as travestis na rua). Acima de tudo, parece que cruzar as fronteiras geográficas entre Brasil e Europa era passar para um outro nível do ser travesti.

Claudia sorri com uma alegria emocionada e vejo em seus olhos esverdeados a lembrança de uma verdadeira paixão quando fala dos tempos na Alemanha. Apesar das saudades da mãe, para quem ligava duas vezes por dia, todos os dias, ela viveu na Alemanha por mais de 20 anos. O amor pelo país não vem apenas de ser descendente de alemães (ela possui um sobrenome indiscutivelmente germânico) e do seu desejo de *voltar a sua base*, mas também da consciência de períodos difíceis vividos tanto no Brasil como na França. Para ela, a Alemanha foi o país onde finalmente se sentiu valorizada. Lá, lembra de ter sido tratada com respeito, embora com certa indiferença também (coisa que diz ser do povo alemão e que já conhecia pelo exemplo dos avós), e ter tido oportunidades que nunca lhe foram oferecidas em outra parte. Lá, fez sua carreira de sucesso como estrela de *cabarets* e a maior parte de seu patrimônio.

Eu, pra mim, a Alemanha é um país maravilhoso. Se tu me disser, assim, “dá”, eu dou minha costela, meu couro pela Alemanha, porque é da Alemanha que eu tenho as minhas coisas, a Alemanha que me deu valor.
(Claudia)

Claudia vive no Brasil, mas com uma pensão do governo alemão, pois se foi o país onde se aposentou. Segundo ela, foi também onde aprendeu verdadeiramente valores culturais, algo que a situa como as europeias belíssimas sobre as quais Pelúcio (2009) também comenta em relação à vida na Europa. Segundo a autora, para suas entrevistadas, o contato com a Europa traz uma série de aprimoramentos pessoais e culturais para as travestis que fazem essa mudança geográfica. Garante, ainda, o restabelecimento de laços familiares que haviam sido rompidos, tema explorado lindamente no livro de Adriana Piscitelli “Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo”, lançado em 2013, com base em uma etnografia com trabalhadoras sexuais brasileiras que migram para a Europa. Obviamente, contudo, que tais laços podem ser novamente desfeitos, conforme exemplifica outra fala de Claudia:

Aí tu sabes que a gente vai vendo que valores, não está no que os outros, está em ti. E agora, nessas condições minhas, travesti, já com uma idade, e se eu não tivesse condições? Da minha manutenção? Ninguém. Eles oferecem um mês, uma semana, depois eles falam: “ai, viado, você sai daqui.” Não vou te dizer que dentro da minha família eu iria ter isso. Mas a gente...a coisa é muito. Não mudou. Isso é hereditário dessa cultura nossa. (Claudia)

Novamente, agora na velhice, elas podem ser novamente abandonadas. Se não forem mais provedoras, ao menos que não se tornem dependentes. Caso não existam tais condições financeiras, o peso da condição de travesti agora ainda somado a condição de idosa, poderia mais uma vez causar a ruptura familiar para algumas dessas mulheres. Ou seja, ser belíssima, e europeia, dá a possibilidade de conseguir patrimônios, relações e direitos únicos, mas que devem ser cuidadosamente mantidos, especialmente para possibilitar que se tenha um envelhecimento digno...: um envelhecimento “belíssimo”, ainda que Marcelly Malta, que viveu alguns anos na Itália, onde trabalhou como prostituta e fez bastante dinheiro, não considere que a “terceira idade” (como, segundo ela, aparece referenciada nos congressos de direitos humanos que frequenta), possa ser belíssima, ou, ainda, que seja “a melhor idade”. *É o contrário da melhor idade*, ela sempre diz.

3.5 A ÉPOCA DAS BELÍSSIMAS: “NÃO SE FAZEM MAIS BELÍSSIMAS COMO ANTIGAMENTE”. BELÍSSIMAS COMO FORMA DE MARCAR A PASSAGEM DO TEMPO

Belíssima, como dito, encara um outro projeto e condição de possibilidade de ser travesti. Portanto, é ligado diretamente a um contexto histórico. Isso se torna mais evidente no discurso das minhas sujeitas, como quando observo que o termo é bastante ligado às companheiras e a elas no passado. Então, dizer que alguém é “belíssima”, normalmente, é dizer que alguém “era belíssima”, o que compõe uma marcação do tempo, uma expressão que demonstra a própria passagem do mesmo, a passagem do tempo das “belíssimas”, onde outros eram os projetos e as condições de ser enquanto travesti. Indica, acima de tudo, uma qualidade decorrente de ter vivido uma série de experiências, que constituíram uma época. Nesse sentido, raramente vejo elas falando de alguma travesti ou transexual contemporânea como

belíssima (fora alguma menção eventual de algumas sujeitas a mim, mas sempre como forma de ilustrar alguém, como em frases do estilo *ela era belíssima como tu*).

Normalmente, belíssima é um adjetivo reservado a quem viveu a mesma época que elas. Quase sempre, belíssima é o adjetivo principal dirigido às mulheres que conheceram em sua trajetória, e, é necessário dizer: a grande maioria já falecida. Não se fazem mais belíssimas como antigamente.

Aí essa minha amiga, a Sara Jane, ela já tinha carro né. Entendeu? Era uma travesti belíssima. Linda, linda, linda. Vou ter que achar a foto, um dia, pra te mostrar. (Marcelly)

Ficava encantado, assim, na minha infância né. Com uns 14 anos. E aí via elas no Carnaval, e elas montadas, aquilo ali, me matava assim, da beleza assim. (Maitê)

A Rosinha essa, pequena, que eu te falo, de Gravataí, era lindíssimaaaa, muita feminilidade. São feministas. São tudo. Tem uma classe. Nunca vi ela se estourar. Nunca vi ela mandar alguém à merda. É outro nível. (Claudia)

[...]

A Vera... a Vera Lucia tu não conheceu, claro... A Vera Lucia era uma mulata que fechava o tempo! Linda, linda, linda, de cara, de corpo, de tudo. E fresca, assim. Dançava imitando a Marilyn Monroe. Tu te atirava no chão. (Ângela)

Ser belíssima, para as mulheres que entrevistei, é fruto de outra época. É como elas olham para o tempo e para si através, também, de um olhar para as suas amigas e companheiras de trajetória. É, ao mesmo tempo, um elogio e um “eulogio” para aquelas que passaram. E, sobretudo, uma maneira de entender a passagem do tempo, das gerações de mulheres como elas. Quando Ângela conta de sua vida antes da operação, sua vida de *bichinha muito louca*, como ela define sua juventude, descreve como cada nova amiga era sempre *uma linda, maravilhosa*.

Mas, assim, vivia muito bem, era uma bichinha muito louca. Gostava dos feros, dos Carnavais e junção. Quando mais apresentavam pra gente, "ai, mais uma, linda, maravilhosa, outra amiga!", aquelas coisas. (Ângela)

O passado, ao menos no momento da lembrança presente, é uma época de maravilha para todas. Falar de pessoas do seu passado, é falar também de pessoas que se fundem a essa qualidade do passado lembrado, que são parte dessa maravilha, dessa beleza. São, portanto, belíssimas porque ancoram essa passagem do tempo e personalizam a lembrança do que passou: o passado. Do mesmo modo que Ângela, lembrando como na juventude tudo era belo e maravilhoso, todas

falam de seus passados e de suas amigas e companheiras (até de algumas rivais) como “belíssimas” ou muito bonitas, lindas, lindíssimas, maravilhosas.

Tudo era maravilhoso porque tu era jovem! Tinha 17 anos, pra 18, entendeu? Então tudo era maravilhoso. "Ai, eu sou maravilhosa, eu sou linda!" Nem era, mas eu me achava, e acabou-se! (Ângela)

Belíssimas é uma expressão central no entendimento da passagem de tempo entre estas mulheres. É uma expressão que denota a consciência de si e do tempo presente em relação ao tempo passado, explicitando as relações entre suas trajetórias e seu presente, entre seus afetos e saudades, e de como elas se ligam a ideia de uma juventude que não existe mais, onde tudo era maravilhoso, revestindo desta maravilha àquelas pessoas que viveram esta trajetória junto a elas (nesse sentido, um passado que, ao mesmo tempo, não mais existe mas resiste e persiste). Desse modo, a expressão remonta também a uma certa memória coletiva de todas elas.

Tentando unir os diversos significados da expressão: chamar alguém de belíssima é localizá-la e essa localização é revestida de nostalgia, um marcador de ter vivido uma certa época. É indicar um pertencimento não apenas cronológico, mas, principalmente, de vivência de um contexto específico onde as condições de possibilidade e produção de si eram diferentes, pautadas por uma expressão de feminilidade articulada ao ser extraordinária, fantástica. Essa expressão, essa feminilidade de “Deusa”, do exagero, do espetáculo, do fascínio, é resultado de um processo de construção intensa, de muito artifício, truque, e acima de tudo, de diversos investimentos em si, normalmente também financeiros. Tais investimentos em tecnologias corporais para a produção do corpo são vistos até hoje como importantes e fazem desse corpo um verdadeiro patrimônio. As travestis ainda enxergam o corpo como um bem a ser investido e que é parte de uma rede de patrimônios como imóveis, carros, direitos, menos preconceito e um resgate do afeto da família. Isso faz com que dizer que alguém era “belíssima” é também dizer que tinha um certo sucesso profissional, e era uma travesti de sucesso, que tem dinheiro, que possui bens, que viveu ou viveu fora do país, como uma “europeia”. Embora possam haver dissidências, como Maitê, que têm outros estilos de vida e usam outras referências de sucesso, como viver em Nova Iorque.

Belíssima pode ser beleza física, beleza construída, geração, sucesso e a possibilidade de viver de maneira digna, sofrendo menos preconceito e também resgate ou fortalecimento das relações afetivas com a família. E isso tudo por vezes opera ao mesmo tempo. Contudo, o que gostaria de destacar, é que belíssima, para as divas desta dissertação, é um termo que expressa a saudade de um tempo passado e das companheiras (a maioria perdida) desse tempo.

4 PIONEIRAS, ATÉ NA HORA DE ENVELHECER: ENVELHECIMENTOS E TRAVESTILIDADES

Este capítulo trata, mais especificamente, da relação das divas com os processos do envelhecimento. Se a memória e passagem do tempo são marcadas e acionadas por expressões como *belíssima*, conforme desenvolvido no capítulo anterior, também podemos entender a passagem do tempo para elas através de suas narrativas em torno do “envelhecer”. Ao abordar o envelhecimento como um marcador na vida dessas sujeitas, buscamos entender como elas lidam com ele, desenvolvem seus modelos, estratégias e experiências de velhice, articulados às experiências de gênero, raça e classe.

Não existem muitos trabalhos sobre o envelhecimento trans, conforme já anteriormente citado. Isso também é uma questão própria do envelhecimento para elas: é difícil chegar lá. Se as expectativas de velhice da população trans não são altas, é necessário analisar o contexto histórico em que estavam/estão inseridas para entender porque não há um grande número de casos como os de Marcellly, Maitê, Ângela e Claudia. A violência transfóbica, a epidemia de HIV-AIDS e a ditadura militar são alguns dos fatores envolvidos nessa escassez de senhoras travestis, em particular, quando tomamos tais corpos enquanto marcados por experiências de classe e raça, que tornam a travestilidade mais repleta de desafios, especialmente para sobreviver até a velhice.

Em variados aspectos, o envelhecimento dessas mulheres que entrevistei se assemelha ao de outras mulheres (cis): a troca geracional, o contraste entre a “velhice jovem” da terceira idade e a “velhice velha” das “avós”, a solidão. Em outros, a velhice das divas é única: o apreço à posição de senhora por parte de uma entrevistada, a ausência de uma estrutura familiar que tenha “obrigação moral” de cuidar delas, o medo de um novo abandono da família de origem e a necessidade (e eterna habilidade) de negociação com a norma, e, finalmente, a resistência à transfobia.

O envelhecimento delas é, ao mesmo tempo único e familiar. Elas são como qualquer idosa e como nenhuma, podendo se deslocar da posição de doces senhoras à sabedoria da *trucagem* em segundos. Ainda assim, as travestis envelhecem, se sentem solitárias, falam do “seu tempo” para novas gerações e

observam a passagem desse tempo, mesmo que de maneira particular. Para elas, amadurecimento é uma coisa, envelhecimento é outra. Amadurecem mais lentamente, embora envelheçam rapidamente. Há algumas que juram não ter a idade que a certidão de nascimento indica, e seguem fervendo. Outras, preferem a calma, a contemplação e o descanso.

Não há uma só velhice, nem mesmo entre as travestis.

4.1 “SÓ EU QUE FIQUEI PRA CONTAR A HISTÓRIA”: ENVELHECER É SOBREVIVER

É começo da tarde de uma terça-feira e estou na sede da Igualdade, no centro da cidade, conversando com Marcellly, Clô e Joice (Clô e Joice são outras integrantes da ONG). Marcellly comenta que ouviu uma frase “bastante verdadeira” no dia anterior. Ela então se vira na minha direção, quase ritualisticamente, e pergunta:

Tu sabe qual o segredo pra não envelhecer?

(Sophia: Hm...qual?)

Morrer jovem. Só morrendo jovem pra não envelhecer.

Quando Marcellly fala da própria trajetória, refere-se constantemente a outras pessoas. Sempre explica as próprias escolhas no passado inserindo-as num contexto maior, de grupo, que a identifica como parte de uma categoria específica: as travestis de sua geração. Existe um orgulho, uma certa consciência social, visto que Marcellly é ativista e utiliza o recurso de justificar um presente através da ideia de um passado. Em dado momento em que fala das dificuldades de viver como travesti na ditadura, e das escolhas que fez para sobreviver, ela faz questão de dizer que isso não se refere só a ela, mas a todas as travestis da sua geração. É como se usasse as próprias atitudes para refletir sobre o que era ser uma travesti naquela época, e como era difícil sobreviver. É também como se, por essa via, compreendesse alguns incidentes da própria vida, *era isso que nós fazíamos*, analisando o seu momento presente, indiretamente, através de “olhar para o passado”. Quando ela para a sua vida, ela também reflete retroativamente sobre o seu presente. É comum, quando se refere as travestis da sua época, frisar que a maioria morreu. Só o fato de estar viva já parece legitimar suas escolhas de vida. Não é uma condenação das amigas: ela fez as escolhas que, na maioria, todas fizeram. Mas, seja por sorte, seja por algum

outro elemento inesperado (no caso de Marcelly, por exemplo, ter tido também um emprego legal durante o dia), ela sobreviveu.

Talvez isso explique também porque Marcelly se posiciona como uma travesti idosa às vezes, além da vontade de contar as histórias pelas colegas que não podem mais contar as próprias histórias. É também uma contextualização de suas escolhas, que podem parecer menores perante uma nova geração que tem muito mais acesso a hormonoterapia, educação formal, aceitação familiar e uma vida fora “do armário”. Tal contextualização funciona ainda como uma reflexão sobre as diferentes gerações: eu sobrevivi aos tempos duros, e você, teria sobrevivido? Assim, como as minhas outras entrevistadas, ela ressignifica a velhice. A velhice não é simplesmente estar “velha”, mas é ter conseguido sobreviver.

A juventude é para todas, a velhice é para poucas. Como disse Marcelly no diálogo que abre este capítulo: quem morre cedo, não consegue envelhecer. Ao ancorar sua trajetória como parte de uma geração, onde a maioria não sobreviveu, ela ressignifica sua velhice como algo exclusivo, que denota, entre outras coisas, sorte. Frente à morte prematura da maioria das companheiras, a velhice é um prêmio. É algo que ela conseguiu que eu talvez não consiga. Está dado o recado: todas aquelas que hoje são jovens e belas, como eu, saibam que isso passa, e só fica velha quem conseguir sobreviver. Nesse sentido, a velhice não é caracterizada pela perda da beleza e juventude, mas pela manutenção da vida, mesmo depois de anos e anos de violência.

A sociedade atual é bastante centrada na valorização da juventude, do corpo, da beleza conforme Debert (1999). Isso não é diferente no meio LGBT, especialmente entre as travestis, para as quais a juventude e a beleza são valores de excelência, por uma questão de sobrevivência e de trabalho sexual. Uma travesti bela é uma travesti que pode ascender socialmente. O estigma da velhice, conforme apontado na revisão bibliográfica, é bem grande, e o estigma da velhice trans é extremamente pesado. Mesmo entre as travestis, não somente uma pessoa é considerada velha quando atinge mais de 30 anos, como há uma série de imagens depreciativas a ela associadas: de que a travesti velha não consegue mais ganhar dinheiro, que explora as mais novas como cafetinas, ou financia viagens para Europa, ou faz serviços para as “novinhas”, caso não tenha construído um patrimônio.

Marcelly, ao contrário, olha para sua história pessoal de maneira a produzir uma valorização de sua geração, sobretudo de sua vida, como alguém que teve a sorte de envelhecer num tempo que todas morriam jovens. Sua velhice não é algo para ser ridicularizado, mas invejado. Como já dito, a morte prematura ainda é muito comum entre as travestis. Apesar da beleza, da juventude, de acesso mais fácil à aceitação familiar, trabalho formal, mudança de documentos, campanhas de conscientização, muitas ainda morrem assassinadas. Lembro que Marcelly comentou, certa vez, de uma jovem que morreu durante uma sessão de bombaço, de injeção de silicone industrial nas nádegas. Ela salientou que, além de jovem e bela, ela já havia se bombado uma vez, e que o corpo estava tão bonito que tinha saído em um desfile LGBT semi-nua, sob olhares de admiração. Ou seja, a tal jovem tinha todas as características que as travestis almejam e idolatram, mas, como analisa Marcelly, não foi o suficiente. Teve azar, e não sobreviveu.

A vida é um teste, como a chamada “dor da beleza³⁷”, e muitas são reprovadas. Esse contraste com a trajetória de Marcelly, re-significa a idade como algo positivo. Ela certamente ouviu opiniões negativas sobre sua idade e beleza por parte de algumas travestis mais jovens, mas, ao colocar-se como uma sobrevivente, uma *belíssima*, afinal, ela transforma a velhice em um algo de valor. Ela tem algo que a geração atual pode não chegar a ter, apesar das muitas vantagens de ter nascido em outro momento histórico e cultural, inclusive ter conquistado símbolos de sucesso entre as travestis (como beleza, dinheiro, respeito, apoio familiar, etc.).

Suas lembranças são constantemente localizadas e inseridas no grupo, tanto em contrastes quanto semelhanças. Contrastes, seja entre as travestis da nova e da velha geração, seja entre as que sobreviveram e as que não. Ao falar sobre as velhas e as jovens, Marcelly marca a passagem do tempo para ela, chamando a atenção não só para as mudanças que a sociedade sofreu e para a gama de novas possibilidades que se abriram para as travestis, mas também para o modo como ela é olhada atualmente. Nesse processo, muda o foco de ser “uma travesti velha, maricona” para ser, como já mencionado, uma travesti sobrevivente, uma guardiã da memória coletiva, alguém que soube resistir, enfim, uma diva.

³⁷ Expressão usada tradicionalmente pelas travestis ao se referirem à dor física resultante do processo de injeção de silicone, ou bombaço, no corpo (geralmente nos quadris e/ou glúteos). A menção a ela é encontrada na obra de Benedetti (2005) e em outras obras sobre travestilidades, assim como neste trabalho.

Um dos maiores processos pelos quais as travestis analisam a passagem do tempo é pela possibilidade da velhice, o que não supõe chegar a uma idade ultra avançada, mas simplesmente chegar a uma idade avançada (o que pode significar, em termos práticos, mais do que 35 anos). Sobreviver, ou seja, viver enquanto a maioria de sua geração não sobrevive, é o que denota a passagem do tempo e a entrada em uma categoria de velhice.

Ter sido da geração das divas é ter vivido experiências de marcos históricos importantes, como a ditadura no Brasil e o surgimento do HIV-AIDS, e outras, tidas por elas como fundamentais: ter vivido a noite, ter usado silicone ou hormônios, ter frequentado a era de ouro do Carnaval ou da Europa. Mas, como contam, parte significativa de suas amigas viveram isso e depois morreram, fizeram parte, portanto, de sua geração, mas não se inserem na categoria da velhice. A noção de ter sobrevivido articula a experiência geracional com a experiência do tempo e transporta aquela mulher até os dias de hoje, em que ela é uma senhora, uma daquelas que ainda está aí *para contar a história*, uma das que *sobrou*. Nesse sentido, para todas as travestis que entrevistei, envelhecer é sentido como perdurar, resistir, sobreviver, estar aí enquanto a maioria de sua geração já não está.

Na casa de Ângela, ela disse que me mostraria algumas fotos de sua juventude um dia, com suas amigas travestis, e comentou que todas já morreram, que *só ela sobrou*. Vejo muitos e muitos rostos sorridentes e jovens capturados na superfície do papel fotográfico. Cheios de vida e juventude, a maioria das expressões quase ingênuas. Jovens, felizes e empolgadas. Pelo menos uns 20 rostos diferentes, e em poucas fotos. Me dou conta que essas são as pessoas com quem Ângela amadureceu, dividiu sua vida, partilhou seu crescimento. São sua rede de sociabilidade, uma rede até grande de amigas e companheiras de época. E todas, praticamente, se foram. Percebi que não se tratava de perder algumas amigas, mas uma rede de amizades e de referências inteira. Uma geração inteira, prematuramente. Quando Ângela cita algum nome em suas histórias, normalmente não diz nada sobre onde estaria a pessoa na atualidade, porque está subentendido que ela já morreu. Quando a pessoa não morreu, o que é raro, então ela comenta algo como *daí veio a fulana-que-ainda-tá-viva*. O que necessita ser verbalizado, assim, é a sobrevivência, pois a morte é presumida de antemão.

Em uma conversa por telefone, Ângela me comentou, muito feliz, que havia encontrado com Maitê quando resolvia negócios no centro de Porto Alegre. Após

comentar um pouco do encontro, disse que as duas tinham uma turma de amigas em comum, mas que só as duas *estavam por aí*. Mais de que uma turma, ela falava de uma categoria, de uma geração que havia ido, e, com ela, experiências e vivências únicas. Maite e Ângela, de fato, me contaram algumas histórias sobre quem foram essas travestis. As duas eram as que sobraram *pra contar a história*. Eram senhoras, sobreviveram ao tempo.

A expectativa de vida das pessoas trans atualmente ainda é muito baixa. A média atual, segundo a ONG Redtrans, cujos dados foram reportados e validados pelo levantamento mundial da ONG europeia *Transgender Europe*, é de 35 anos. O Brasil é atualmente o país com o maior número de assassinatos de pessoas trans reportados por crime de ódio no mundo. Ou seja, ainda hoje, após a epidemia da AIDS dos anos 80 e sem ditadura militar, a expectativa da população trans é morrer jovem. A velhice ainda será um privilégio de poucas, embora quiçá muito mais que no tempo das minhas entrevistadas.

4.1.1 Marcos temporais da geração: HIV/AIDS e ditadura

O marcador temporal do HIV-AIDS é bastante importante para a comunidade LGBT, especialmente se pensando em relação a memória coletiva e trajetória de vida de idosos do grupo. Igualmente, aqui, a epidemia de AIDS em meados dos anos 80 configurou um evento importante, pois foi quando muitas companheiras das entrevistadas morreram. Não só não havia informação sobre prevenção e tratamento, o que afetava as relações afetivas e sexuais de todos, mas havia ainda menos abertura do mercado de trabalho além da prostituição para a população trans (embora, a exemplo de Ângela e de Claudia, houvesse empregos fora do mercado do sexo, e quem sabe até demandas pontuais por travestis, especialmente na área artística).

Na prostituição, sem prevenção, as chances de infecção eram muito altas, o que fez com que milhares de travestis morressem, ainda mais com a ausência de informações sobre tratamento, ou mesmo com falta de medicamentos. Marcelly, como profissional do sexo e ativista, lembra especialmente dessa época. Em uma de nossas entrevistas, disse-me, com uma expressão bastante séria, como, na fase aguda da epidemia (entre os anos 80 e 85), chegou a enterrar quase 10 travestis mortas por semana em decorrência da AIDS.

Contudo, não foi só a epidemia que afetou as travestis. A precariedade social, o preconceito, a violência e o ódio também fazem parte desse cenário. Muitas sofreram pela repressão da ditadura militar, especialmente aquelas que trabalhavam com a prostituição. Faço tal observação porque, quando fui conversar com as divas, achei que todas me contariam da ditadura como uma época de grande repressão e violência. Fui bastante certa disso, e, como a maioria dos pesquisadores que inicia o campo com um grande certeza, fui surpreendida em não encontrar grande ênfase em histórias de repressão na maioria das minhas entrevistadas. Em certa medida, talvez isso até explique porque elas ainda estão aqui, o que deveria ser melhor investigado.

Sobre o período da ditadura no Brasil, uma delas me disse que chegou a ser levada à delegacia e questionada, mas liberada, com bastante respeito, explicando-me que quem se envolvia com política é que era um alvo, especialmente artistas. Outra delas expressou que a época da ditadura era até bastante boa, pois havia segurança em se andar na rua, e que o problema era quem se prostituía na rua e/ou usava documentos falsificados.

Na genial obra “Devir puta : políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes”, José Miguel Olivar (2013) relata que as prostitutas cisgêneros passavam por violências durante a ditadura³⁸. O fato de só uma das minhas sujeitas ter declarado ter sido prostituta, tendo sido quem mais denunciou abusos por parte da polícia militar, indica que mais do que a repressão de “qualquer travesti”, o foco de higienização do regime militar se concentrava, ou incidia mais violentamente, nas profissionais do sexo. Assim, talvez a ausência de relatos de abuso, fora os de Cláudia, que tinha visibilidade de artista, e os de Marcelly, que era profissional do sexo, aponte exatamente que as identidades que interseccionavam com a prostituição e as artes eram o foco maior da violência militar, o que corrobora com os relatos das mulheres de Olivar (2013).

Vale pontuar que, talvez, as travestis que estivessem na rua eram aquelas mais visíveis enquanto travestis, e, por isso, eram mais fáceis de serem achadas. Como grande parte das pessoas não consegue dissociar mulheres trans e travestis da prostituição, pode-se supor que eliminar travestis e prostitutas fosse quase

³⁸ José Miguel Olivar entrevistou quatro prostitutas militantes: Soila, Dete, Nilce e Janete. O contato com elas se deu através do movimento organizado de prostitutas. Elas relatam as suas experiências na prostituição feminina de rua dos anos 80 até 2010. As entrevistas e a etnografia realizadas constituíram a tese de doutorado do autor, e posteriormente o livro.

redundante para a época, ou que o “habitat natural” para se achar travestis fosse sempre as zonas de prostituição. Assim, a ausência de relatos de agressão durante a ditadura no país por parte das minhas divas talvez tenha a ver com o fato de serem idosas: ou seja, representam aquelas de sua geração que sobreviveram e não a grande maioria. Quem sabe aquelas, que tinham essas outras histórias para contar, não *ficaram por aí* para isso ou, quem sabe até, POR isso?

4.1.2 Que corpos podem envelhecer? Negritude e travestilidade

Uma análise dos marcadores identitários das quatro entrevistadas revela que, delas, três são brancas e são as mesmas que viveram períodos na Europa. Onde estão as travestis negras e que nunca saíram do país? Apesar da ausência de experiências pessoais negativas com a ditadura, talvez Maitê seja um ponto fora da curva em relação às suas companheiras negras.

Os marcadores de classe e raça, associados à travestilidade, produzem uma experiência distinta. Afinal, o preconceito e a violência no Brasil são bastante racializados, conforme atestado por diversos estudos (NASCIMENTO, 1977, 1989; HASENBALG, 1979, 1998; HENRIQUES, 2001; VARGAS, 2005, entre outros). O feminismo interseccional (CRENSHAW, 2002) articula, conforme explicado no primeiro capítulo desta dissertação, que os marcadores de gênero e raça, se articulam, influenciando-se mutuamente, de maneira única, formando uma experiência de gênero racializada e uma experiência racial generificada. Por um lado, Maitê foi aparentemente a mais bem aceita socialmente de todas as minhas sujeitas e a única que não teve que sair de casa. Ela, cuja mãe era do Batuque (religião de matriz africana gaúcha), foi aceita ainda na infância, e vive até hoje em uma casa ao lado da mãe e dos irmãos, apesar de a avó que a acolheu, e que lhe dava roupas femininas desde a infância, ser de origem indígena e ter tido preconceito com o fato do pai de Maitê ser negro. Por outro lado, o pertencimento racial e a ligação da família com o catolicismo e as religiões de matriz africana parecem ter desempenhado um importante papel em relação ao apoio incondicional desde a infância e durante toda a vida que Maite refere ter tido. A diferença produzida pelos marcadores, como nos adverte Brah (2006), não é sempre inferiorizante.

Ao mesmo tempo, em uma sociedade cisheteronormativa e que confere privilégios à branquitude, ser travesti e negra significa estar duplamente em uma relação de exterioridade com a norma, o que gera também opressão. O Brasil, infelizmente, é conhecido por ser um dos países onde o genocídio da população negra é realidade, o que é inclusive tido como uma política não-oficial de estado conforme indicam diversos estudos, destaco os de Flauzina (2006, 2014) e Alves (2011). O mito do Brasil como uma democracia racial, extremamente prevalecente na época em Maitê cresceu e foi adolescente, vem sendo fortemente rebatido³⁹. O movimento negro nos ensina sobre o racismo institucional e mortal presente desde sempre em nosso país. Dados do “Atlas da violência de 2017⁴⁰”, feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostram que, entre 2005 e 2015, a taxa de homicídios entre brancos caiu 12,2%, enquanto entre os negros cresceu 18,2%.

Então talvez haja um motivo pelo qual alguém como Maitê, negra, de uma família de classe média-baixa, quilombola, seja uma entre quatro das poucas sobreviventes de uma geração inteira de travestis. As experiências de quem viveu na Europa, branca, descendente de europeus, parecem possibilitar uma velhice, mesmo que em pequenos números, mas, ainda assim, maior que um corpo com outros marcadores, como a negritude. Todas as minhas entrevistadas relataram que existia um grande número de travestis negras. Por que elas não sobreviveram? A intersecção entre classe, raça e gênero possa indicar caminhos para responder a essa pergunta.

Os efeitos nocivos da intersecção entre raça e gênero surgiram explicitamente em pelo menos uma história, contada por Marcelly. Quando ela foi para Itália, país onde morou um tempo, viajou com uma amiga, também travesti, mas negra. Chegando lá, foram paradas pelos guardas da fronteira, nos anos 90. Marcelly acabou sendo aceita e entrando na Itália. Já a amiga, cujo único diferencial, segundo comenta Marcelly, era ser negra, teve sua entrada negada para a Itália, tendo sido imediatamente deportada de volta ao Brasil.

³⁹ A militância negra vem denunciando o racismo estrutural e a falácia do Brasil como país de tolerância, crítica que tem repercutido em certos cursos das universidades federais do país, nos diferentes movimentos sociais, como no feminismo (o feminismo interseccional é um efeito dessas problematizações). O fim do mito da democracia racial no meio acadêmico aparece nas obras de Nascimento (1989), Silva & Hasenbalg (1992), Guimarães (1999) e D'Adesky (2001). Ainda existem, infelizmente, muitos grupos e espaços que se recusam a considerar o marcador racial e as evidências sobre a negritude no Brasil.

⁴⁰ Dados disponíveis em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acesso em 17 mar. 2019.

Marcelly e Claudia, que sofreram violência durante a ditadura, eram brancas, enquanto Maitê, que era negra, não sofreu. Isso indica que não era necessário ser negra para sofrer preconceito, e que haviam travestis que também eram negras e que não referem a vivência de violências distintas durante a ditadura. Ainda assim, a ausência de idosas travestis negras talvez seja um dado em si e a violência, de maneira diferente mas generalizada, acontecia com as travestis dessa geração.

Algumas dessas violências eram assassinatos pela mão de homens, fossem clientes ou namorados. Marcelly, certa vez, em uma das conversas mais sérias que já tivemos, me contou sobre a morte de sua amiga Sara Jane. Ela recebeu a visita de um policial que pediu que o acompanhasse até o apartamento da amiga, sem dizer muitas informações e nem demonstrar qualquer sensibilidade em relação ao que ela veria. Eles chegaram e Marcelly foi imediatamente levada para identificar o corpo de Sara Jane, que havia sido esfaqueada um número inacreditável de vezes e colocada dentro da própria geladeira no apartamento. Uma visão chocante que marcou Marcelly pra sempre. Pelo que se sabia na época, foi um namorado de Sara que a assassinou. Ninguém foi preso.

A boca que beija também é aquela que escarra⁴¹. A mão que acaricia as travestis pode ser também a que esfaqueia.

Pontuo também que quando Marcelly me contou sobre o dia que viu o corpo da amiga Sara Jane dentro da própria geladeira, que ela ficou tão marcada com a situação que até hoje ela lembra detalhes sobre o que estava vestindo quando foi atender a porta quando a Polícia foi lhe contar da morte e pedir que ela viesse com eles. Seus olhos se tornaram um pouco úmidos, suas palavras são revestidas de uma qualidade dura, opaca, que denota o quão difícil foi a situação e a perda para ela. Mas após contar a história, ela muda abruptamente o tom, como se fechasse uma porta imediatamente, e começa a falar em tom bastante animado, quase forçado, sobre o quanto Sara Jane era “belíssima”.

O assunto se torna sua beleza, comparando-a a atriz americana *Rachel Welch*, em uma teia de expressões centradas na beleza avassaladora da amiga, sem sombra de qualquer tristeza. É como se ela tivesse ido do luto ao *frisson* imediatamente, sem transição. Como se luzes de um palco fossem ligadas para que a coxia do teatro se torne escura, tão escura que imediatamente desaparece diante

⁴¹ Escrevo esta frase inspirada no poema “Versos íntimos” de Augusto dos Anjos.

do centro do palco iluminado e brilhante. Nesse sentido, conforme já pontuado no final do capítulo passado, belíssima é uma expressão que aciona lembranças, nesse caso específico uma bastante dolorosa, sobre a constante violência e morte prematura de travestis. A violência iminente nas vidas das sujeitas, inegável, se torna fonte de sonho e fantasia. Ou quem sabe o glamour nas vidas e nos show nos palcos (sejam dos teatros ou esquinas) de diversas gerações de travestis sejam uma estratégia inconsciente e efetiva para combater violência e adversidade.

4.2 VELHICE, ÉPOCA DE DESCANSO? REFERÊNCIAS DE VELHICE PARA AS TRAVESTIS

Marcelly é ativista e viaja pelo país inteiro dando palestras e fazendo falas em diversas conferências e eventos sobre saúde pública e direitos humanos. O trabalho que fez e faz para o movimento trans no estado do Rio Grande do Sul é histórico. Houve uma ocasião em que ouvi comentários um pouco negativos comparando a sua ONG a uma verdadeira monarquia absolutista devido a centralização total do ativismo na figura de Marcelly. De certa forma, a crítica não está errada, mas há que se dizer que se existe um trono, não há dúvidas que esse é dela por direito.

Ela foi uma voz central e incansável no desenvolvimento de diversas políticas e ações para a população trans em épocas em que a maioria das organizações LGBT do estado colocava o T por último em sua sigla tanto quanto em suas ações e prioridades. Isso quando não o apagavam completamente de ambas. Marcelly lutou para que isso mudasse até que de fato aconteceu. Ela também se dedicou especialmente a segmentos da população trans que, até hoje, são talvez os mais esquecidos e marginalizados, como a população trans privada de liberdade. Foi Marcelly quem conseguiu a criação da segunda ala específica para travestis, gays e seus companheiros no sistema prisional brasileiro. Sem ela, nada disso teria acontecido. Por causa de sua trajetória e rotina diária como ativista, é ela que, de todas as minhas divas, atualmente vive um estilo de vida que eu consideraria mais próximo ao de uma diva: sempre saindo ou entrando de aviões, parando em hotéis, viajando pelo país inteiro, dando entrevistas em jornais e outros veículos de mídia, ocupando palcos e dando shows em palestras. Ela ferve!

A época de descansar, de ficar em casa, de ser senhora, não chegou para Marcelly. Talvez nunca chegue. Para ela, a “velhice” é época de brilhar, lutar pelos

direitos dos outros e, quem sabe, até ferver mais um pouquinho como merecidamente uma diva do ativismo. Marcelly comentou, em uma das nossas conversas, sobre certas travestis que a conheciam, mas a esnobaram quando foram para a Europa, ou em função do sucesso e beleza que tinham, o que me fez deduzir que talvez ela não fosse uma grande diva desde sempre. Contudo, ela comenta com gosto, que, agora, muitos anos depois, as mesmas divas “europeias” e finas que viraram a cara para ela, hoje a procuram para conversar, ligam, mantém contato. Por isso, interpretei que, para ela, o trabalho social e político e a terceira idade representaram uma grande ascensão, na qual aquelas que, antes, se achavam melhor que ela agora lhe dirigem respeito, estima e reconhecimento. Ela inclusive me garantiu que, hoje em dia, não há uma travesti em Porto Alegre que ela não conheça.

Quando eu e Claudia nos dirigimos a sua casa para nossa primeira entrevista, em uma viagem de carro inesquecível, houve alguma discussão entre ela e um motorista que dirigia agressivamente e que disparou-lhe alguma ofensa. Não ouvi o que ele falou, mas ouvi a resposta dela: *Velha é a tua avó!*. Lembrei-me imediatamente de Debert (1997, p. 45) quando diz que “o velho é sempre o outro”. A autora relata a ideia de um “velho velho” e um “velho jovem”, e dos idosos que enxergam o velho sempre como o outro, quando o idoso reconhece a existência da velhice mas não como qualidade de si mesmo. Velho é ele, ela, não eu. Claudia respondeu à ofensa, provavelmente em relação a sua idade, com uma frase bastante comum, que é muito usada por pessoas que são consideradas pelos outros como velhos, mas que não gostam disso ou que, a exemplo do arquétipo da “velha jovem” do estudo de Debert, considera que “o tempo passa para todo mundo, mas envelhecer é uma escolha”.

Não há, para Marcelly, uma conformidade em relação a noção da velhice como uma época boa, de maturidade e espiritualidade, como para Claudia. Ela definitivamente não compartilha muito desta visão mais positiva. Apesar de considerar que todo mundo envelhece e que ela tem sorte por ter chegado até aqui, isso não torna esta nova “estrada” agradável. Nas poucas vezes em que Marcelly falou sobre a velhice como algo que de fato acontece com ela, me disse que essa não era “a melhor idade” mas a pior idade. Nessa mesma situação, explicou que costumava andar de salto alto todos os dias, até que o corpo começou a doer, exibindo para mim os pés em uma confortável alpargata de lona sem salto

(extremamente descolada e facilmente usada por meninas jovens atualmente). Apesar de eu achar que a escolha do modelo foi extremamente jovial e adequada, a expressão de Marcelly era uma de “fazer o que né?”. Ela achava lindo usar salto e havia abandonado o hábito simplesmente pela tal “idade”.

Claudia não quer se ver como “velha”, mas reconhece que está uma idade onde pode cuidar de novos aspectos positivos associados a representações positivas da velhice, como época de contemplação e sabedoria. Ela quer se mudar para uma pequena fazenda que possui, viver perto mais de animais do que pessoas, e poder viver em paz, tomando banho de rio e cuidando de seus bois, cavalos e cachorros. E isso, para ela, é chegar na idade que ela chegou: a libertação que as senhoras de Motta (1999) sentem ao não precisarem mais viver em função da família ou do marido. O trecho a seguir ilustra a libertação da velhice feminina cis:

[...] é uma estranha liberdade, a de todas elas. Estranha, pela dupla valência: como liberdade de gênero, assinala-se positivamente - mulheres que podem circular, viver conforme sua vontade; mas como liberdade geracional e, sobretudo existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair porque já não importam tanto; já não serão bonitas (velho = gasto, feio), não irão atrair os homens - nem os da sua idade; já não reproduzem, não há muito que preservar (MOTTA, 1999, p. 212-213).

A diferença principalmente parece ser que Claudia, que não teve filhos, se preocupava em gerar renda. A obrigação com a família permanece, mas ela se sentia responsável por cuidar da família de origem, em especial da mãe. Não só ela cuidava da família, que morava em sua casa, mas me contou que sua maior felicidade foi quando conseguiu dar o primeiro apartamento para a mãe, que esse era o seu grande sonho. Ela cuidou da mãe, dando tudo de melhor possível financeiramente, e falando com ela todos os dias por telefone (da Alemanha).

Quando ela contou do choque do falecimento de sua mãe, diz que ela só se encontra adulta de fato agora devido a um atraso que ela atribui à sua “carência de criança”. Como se devido ao que deduzo ser a rejeição familiar em idade infantil, ela não pôde amadurecer “normalmente”. Emocionalmente, só agora ela deixou de ser criança ou adolescente, na medida em que questões relacionadas a sua transexualidade lhe tiraram o foco e as experiências que considera serem formadoras de uma maturidade mais geral, trazendo um atraso em relação aos demais irmãos, por exemplo, embora ela tenha atingido maior independência financeira que qualquer um deles.

É interessante observar que a ideia de tempo de maturação único apresentada por Claudia, inicialmente parece contrastar com a noção das sujeitas de Oliveira (2017), que expressam que as travestis envelheceriam muito mais cedo, ao sair de casa na pré-adolescência e serem obrigadas a enfrentar uma realidade adulta de sobrevivência. Segundo a autora, elas começam a envelhecer aos 12, 13 anos. Se tornam adultas mais cedo, e, portanto, aos 30 anos já são consideradas “idosas”.

Todas as minhas sujeitas concordam que a maturação de uma travesti é distinta de uma pessoa cisgênera no geral. Certamente Claudia entende essa vivência, visto que saiu de casa antes dos 12 anos e conquistou sua independência. Não acho que ela discordaria que teve que amadurecer e envelhecer mais cedo em certos aspectos pela necessidade de sobreviver, mas, em nossas conversas, é bastante evidente que ela enxerga esse amadurecimento precoce como um falso amadurecimento, pois, embora a independência financeira exista, tal trajetória não permite uma maturação emocional de fato.

Elas envelhecem, mas não amadurecem.

Diferente de Claudia, Marcelly caracteriza a velhice apenas pela associação com a decadência física, mental e social, conforme também descrito por Debert (1997) e Motta (1999), sobre a afirmação de que o velho é sempre o outro, justamente articula que a identificação com a velhice é difícil por isso: se a pessoa velha leva uma vida agitada e faz parte do cotidiano comum, ela não se reconhece como velho, por não se enquadrar na ideia de decadência associada a palavra. Existiria uma dicotomia, nesse sentido, entre aquelas pessoas que não se identificam como velhos, e aquelas que se identificam. Na maior parte do tempo, Marcelly não se reconhece como velha justamente porque é ativa, viaja muito, é ativista, trabalha, namora, paquera, sai com amigas, enfim, vive uma vida agitada e incongruente com a ideia passiva e patética que ilustra, para ela, o conceito da velha

Quando Marcelly reconhece que não pode usar saltos como antigamente, nesse momento assume que há uma decaída em sua capacidade física em relação ao passado, e reage desgostosa quanto a isso, associando tal coisa à velhice. É um raro momento em que ela se reconhece velha. Se, por um lado, envelhecer é sobreviver e resistir, a velhice é decadência, é não poder mais fazer o que se fazia, como usar saltos. No resto do tempo, ela não é velha, pois ainda faz as coisas que

costumava fazer, e com gosto, ou seja: ela ferve horrores! Há uma interessante diferença, aqui, entre ser velha e testemunhar a passagem do tempo.

Essa é uma noção comum entre mulheres cisgêneros, então não surpreende que também o seja entre algumas de minhas sujeitas. Claudia tem associações positivas com a velhice, e enxerga a passagem do tempo como algo que tem as suas vantagens, através de conceitos comuns em mulheres da idade dela: autoconhecimento, sabedoria, amadurecimento emocional e uma liberdade maior em relação ao que “os outros pensam”.

Enquanto Marcelly e Maitê ferveram, e ainda fervem, e não se veem majoritariamente como senhoras nem como velhas, Claudia e Ângela com gosto ferveram, mas, agora, não fervem mais. Não falam isso com uma expressão triste, como se tivessem decaído. Elas mudaram, amadureceram, pararam de gostar de ferver. Ângela inclusive me disse, quando perguntei se ela ferveu na vida, que ferveu “o mocotó com a pata e tudo”. Mas esse tempo passou. Hoje em dia, com 80 anos, não gosta mais de fervos. Claudia prefere viver na natureza, desligada do mundo físico, enquanto Ângela deixa os fervos para ser... *apenas uma senhora*. Sempre arrumada, mas sem decotes ou pele à mostra, de cabelos pintados, unhas feitas, normalmente na sua casa, com sua televisão, e uma vida calma. E ela adora!

4.2.1 Uma doce senhora: o ser senhora e a velhice “normal”

*Aqui a maioria das pessoas não sabe que eu sou operada. A maioria. Só um que outro sabe. **É o meu comportamento, né, que diz o que eu sou.** Eu sou uma senhora. Cinco, cinco e meia da tarde eu já tô fechada aqui dentro de casa, tô quietinha na minha cama, tô vendo a minha televisão, e depois eu vou dormir.*

(Sophia: É, ninguém, olhando pra ti, poderia pensar diferente.)

É, como eu visto, como eu falo, me comporto...”

(Ângela, grifo meu)

Ângela se integra à norma e escapa da vulnerabilidade e da violência, o que configura, para ela, uma velhice tranquila. Parece que, ao ouvir suas histórias, entendo que a passagem do tempo se dá como se fosse uma transição de gênero: ela comenta que, quando era bem jovem, fervia, ia em todos os bailes de Carnaval, e andava pela noite. Hoje em dia, não vê graça nenhuma no carnaval, não anda na rua de noite, é casada. Tal estilo de vida, mais tranquilo, combina melhor com a idade, segundo ela. Não que tenha feito essas escolhas estritamente por segurança,

mas é como se ela tivesse a consciência de que não teria mais fôlego para aguentar a vida de bicha. Nessa altura da vida, envelhecer como senhora é um pouco de sossego e garantia numa vida que tinha o seu gozo, mas tinha também seus perigos.

Popularmente, existe uma noção em Porto Alegre, e ao menos também no Rio Grande do Sul (talvez no Brasil inteiro), de que chamar uma mulher de meia-idade ou idosa de senhora possa ser ofensivo, porque seria um eufemismo educado para chamá-las de velhas. Já ouvi de algumas senhoras, quando lhes chamei assim, que não o fizesse, pois isso fazia com que elas se sentissem velhas (o equivalente masculino é quando se chama um homem de senhor e ele responde que “o senhor está no céu” ou que “senhor é o fulano/meu pai/meu avô”). Há diversas pessoas, no entanto, que gostam de ser tratadas por “senhora”, como é o caso de Ângela, e das entrevistadas de dissertação de Siqueira (2004), para as quais senhora é visto sob uma ótica muito positiva.

A dissertação de mestrado de Siqueira se chama inclusive “Sou senhora”. Ao também entrevistar travestis mais velhas, a autora mostra como “senhora” é sinônimo de que a pessoa obteve sucesso socialmente com duas identidades que são geralmente vistas de forma negativa: ser velha e ser travesti. Não que toda a pessoa que olhe para as entrevistadas de Siqueira, se dê conta que alguma delas é travesti (fora aquelas famosas cuja travestilidade é conhecida). Certamente, ninguém imagina que Ângela, entrevistada de minha pesquisa, seja uma “operada”. Mas ser uma senhora representa para ela e para as divas de Siqueira (2004) ter sucesso em sua performatividade de gênero feminino (pelos padrões cisnormativos vigentes socialmente), bem como ter sucesso em relação a sua performatividade de idosa, pois senhora é um termo de extremo respeito. É ser vista e aceita como uma mulher, e que é velha, de maneira digna, respeitada e importante.

Pelo fato da performatividade de gênero feminina das mulheres cisgêneros ser vista, como dito anteriormente, como legítima e natural, e, conseqüentemente, ser tratada com respeito, pode ser que isso torne “ser senhora” diferente para elas. Pode soar como “velha” para muitas mulheres com esse privilégio desde sempre. No entanto, para quem não tem esse privilégio em relação a sua identidade de gênero, e, portanto, nem sempre foi vista com tanta aceitação e respeito, “senhora” ganha outros contornos. Para algumas de minhas entrevistadas, senhora é explicitamente uma nomeação associada com obter respeito e aceitação de gênero, portanto, um

termo positivo. As mulheres cisgêneros podem enxergar ser senhora como deixar de ser moça, e virar velha. Para as travestis, é melhor ser uma velha dama que um moço jovem, ou pior... uma bicha velha.

Apesar da expressão usada por Ângela, que ninguém iria *chamá-la de senhora*, porque ela não era uma mulher cisgênera, hoje, aos 80 anos, ela é chamada de senhora diariamente por todos que a conhecem. Aqui é necessário destacar que Ângela é branca, veste-se com uma elegância identificada com uma classe social de maior poder aquisitivo, além de ter documentos retificados (com seu nome e sexo já atualizados), e aparenta ser cisgênera (e vive sem que saibam do seu passado).

Embora a velhice possa conferir certo respeito, nem sempre ele é suficiente para ser chamada de senhora ou respeitada como mulher. Marcelly, por exemplo, me contou em uma de nossas conversas na Igualdade, que, quando foi em uma loja de eletrodomésticos em Porto Alegre e apresentou seu cartão com o nome atual, pediram que mostrasse um documento. Ela, uma pessoa idosa, apresentou documentos retificados como os de Ângela. O pessoal da loja questionou como ela havia obtido tais documentos, simplesmente porque a identificaram como uma travesti. Ser uma pessoa de idade e ter documentos retificados não é o suficiente para ter o status de senhora: a passabilidade cisgênera também ocupa um lugar central. O respeito pela idade pode facilmente ser expresso através da palavra “senhor”, dita em um tom respeitoso, em desrespeitoso ato passivo-agressivo em relação ao gênero.

Se ser uma senhora é ficar invisível enquanto travesti (o que garantiria certa segurança), para aquelas pessoas cuja performatividade de gênero denota visivelmente sua dissidência em relação às normas de gênero, há o risco de ser eliminada ou sofrer represálias por isso. É a bicha que vai *tomar baile* da vida, ainda na velhice. Mesmo sob a condição de idosas, sendo visivelmente travestis, o risco de serem humilhadas ou sofrerem violências permanece. Talvez por isso o termo senhora seja tão querido por elas: é como uma saudação que anuncia que a travesti está segura. Apesar das desvantagens da velhice, existe uma forma de envelhecer que é considerada digna e merecedora de respeito, mesmo às vezes considerada até um pouco boba ou conservadora, incompatível com a ideia de subversão das normas de gênero e sexualidade. Ser senhora é chegar a um porto mais tranquilo na relação com a norma, onde pode se correr menor risco de violências. É também uma

forma de validação da identidade de gênero das sujeitas, a chance para uma renovação para uma vida mais segura do que como uma aberração ou corpo abjeto.

Assim, quem consegue ser chamada de senhora, tem melhores chances de sobreviver. Ser senhora é, antes de tudo, ser equipada de condições de seguir a sê-lo por muitos anos desde que a sua saúde permita. Ângela me disse, quando tomávamos café com torta durante uma entrevista em sua casa, com um sorriso espontâneo e largo, que ela quer seguir vivendo, quer viver muito e se tornar bem, bem, bem velhinha. A única coisa que ela pede à Deus, é que tenha boa saúde. Sendo assim, ela quer viver muitos anos ainda, e que ama a vida. apesar de, às vezes, sentir-se um pouco sozinha.

4.3 “NO MEU TEMPO”: ENVELHECIMENTO E GERACIONALIDADE

Lembrança e memória são dispositivos que conectam e criam pontes entre as gerações, como observado nos estudos de memória (BOSI, 1994; LINS DE BARRO, 2006). O contraste entre as gerações, algo típico da narrativa de pessoas envelhecendo e percebendo a passagem do tempo de praticamente qualquer tipo e lugar, aparecia constantemente na fala das sujeitas desta pesquisa.

Da mesma maneira que acontece com pessoas cisgêneras e/ou heterossexuais, a troca geracional, a mediação entre valores, é feita no ato da lembrança, do “passar experiência” ao falar de si mesma. Não se fala apenas de si, mas também de sua geração, de seu tempo em frases como “naquela época”, ou “na minha época”, “naquele tempo”. Afinal, o tempo segue o mesmo, e só se torna outro quando sua passagem é marcada por eventos, que separam o tempo passado do tempo atual, do tempo vivido para o tempo que estamos vivendo, do tempo delas para o “meu tempo”.

“As coisas agora são mais fáceis, melhores”, parece ser um consenso entre todas as pessoas idosas, do mundo inteiro. Isso também aconteceu com as minhas sujeitas, mas de maneira alguma em tom de amargura. O tom da voz sempre me dava a impressão de denotar singularidade: hoje em dia não era nada como ontem, não há comparações possíveis. Nesse aspecto, em relação às diferenças geracionais no que se refere a oportunidades e escolhas, as divas tem uma visão unanimemente modernista, desde a apreensão de Bruno Latour (1994).

Latour, no livro “Nunca fomos modernos”, aborda os paradigmas da temporalidade dos modernos, anti-modernos e pós modernos. Nos modernos, o tempo é fatiado e separado discursivamente, entre uma época de trevas e ignorância, passado, e uma época de conhecimento e iluminação, o presente. Dizer que as coisas são diferentes, é dizer que antes era mais difícil e conseqüentemente hoje é mais fácil, ou seja, houve uma evolução. Latour descreve a ideia de temporalidade moderna:

O passado era a confusão entre as coisas e os homens; O futuro, aquilo que não os confundirá mais. A modernização consiste em sair sempre de uma idade de trevas que misturava as necessidades da sociedade com a verdade científica para entrar em uma nova idade que irá, finalmente, distinguir de forma clara entre aquilo que pertence a natureza intemporal e aquilo que vem dos humanos. O tempo moderno provém de uma superposição entre o passado e o futuro com esta outra mais importante, entre a mediação e a purificação (LATOURE, 1994, p. 70-71).

Contudo, as divas não expressam completamente uma noção de progresso nas suas falas, como referido no capítulo sobre o termo “Belíssimas”, onde notamos que há uma valorização daquela geração frente à atual. As meninas hoje são belas, mas antigamente eram belíssimas. Não há propriamente uma vontade que o passado volte, uma noção anti-modernista, onde o progresso é tomado como decadência, mesmo que em parte. As divas não desejam a volta dos valores do passado, mas sentem saudades de seus tempos de juventude. Elas valorizam a própria trajetória e sua geração, mas sem achar que é necessário que se resgatem tais valores. Elas apenas revestem o tempo passado de um brilho único, de uma época de dureza, mas também de glamour, de coragem, de carnavais e shows que saíram de moda. E embora adorem me contar como eram esses belos tempos e me alertar que elas viveram muito e sobreviveram para contar, algo que talvez eu não faça, elas não expressam querer uma volta dos valores do passado.

Todas, sem exceção, salientaram que minha vida é repleta de privilégios e escolhas que eram bem diferentes do tempo delas, que eu tinha “tudo”, quase me colocando em uma categoria completamente diferente. E expressaram alegria ao falarem comigo para um trabalho de cunho acadêmico, não por algum respeito ou apreço pela academia, mas um apreço pela ideia de uma jovem que é como elas e que esteja estudando em nível superior. Elas eram bastante veementes ao afirmarem que o conselho mais importante que poderiam me dar era que eu me

concentrasse em estudar e que devia fazer uma carreira, viver fora das margens e me preparar, de antemão, com isso, para o futuro, para envelhecer com dignidade.

A nossa interação não era limitada a eventuais perguntas e interesses meus sobre as vidas delas, elas tinham bastante interesse na minha vida e nas minhas escolhas. Havia algumas coisas que elas sabiam, e outras que elas notavam: sabiam que eu havia feito uma transição de gênero, que estava fazendo mestrado, que tinha aceitação familiar incondicional, um namorado da minha idade. Também é impossível apagar o peso da minha branquitude, linguagem e maneira de vestir, todos trazendo signos de uma pessoa branca com educação formal e de classe média-alta.

Não ouvi apenas comentários delas em relação a minha beleza e feminilidade, mas também a minha maneira de vestir “apropriada para uma moça da minha idade” e, inclusive, um ou outro comentário sobre eu me encaixar no estereótipo da “moça de família”. O fato de ter recebido carona de meu pai em alguma ocasião, que fez questão de descer do carro, cumprimentar uma delas com uma educação bastante clássica, chamando de senhora, e sendo coerente com a maneira com que ele trata qualquer mulher daquela idade, reforçou ainda mais a noção de que eu era aceita, não somente pela minha família, mas no modelo burguês heteronormativo tradicional.

Isso fez com que a passagem do tempo, que se dá no contraste narrativo das gerações, se desse também de maneira explícita no encontro que tive com essas mulheres. Elas não precisavam me comentar de como eram as coisas na nova geração: eu era a nova geração, batendo na porta delas e sentando na mesa. Falávamos da vida delas, mas as perguntas também vinham das sujeitas, em relação à minha vida. A própria prática etnográfica era um encontro de gerações: ousaria dizer que foi, em si, um testemunho das diferenças de oportunidades das gerações de pessoas trans.

Ao falar comigo, também investigavam uma geração distante de pessoas trans, com recortes de raça e classe particulares. Elas também queriam fazer perguntas e ouvir histórias da minha vida, exclamando reações de fascínio e surpresa, e, em geral, de aprovação. Ângela inclusive chegou a ter a oportunidade de falar com a avó do meu namorado, por questões de ligações sociais entre suas famílias, e me contou que colocou *minha bola lá para cima com ela*. Eu era analisada, e de uma maneira geral aprovada, e, comigo, entrava em pauta uma

outra concepção de tempo e possibilidades. Eu me relacionava diferentemente com a norma, de modo em que a segurança era mais acessível e o futuro mais garantido. Eu buscava, sempre, frisar, contudo, que quem abriu as portas para isso, em minha vida e na de outras, foram elas.

Da mesma maneira que mulheres cis usam o exemplo das filhas e netas para explicar suas narrativas, contrastando as possibilidades geracionais e escolhas delas com as descendentes, minhas sujeitas comparam suas experiências de vida com a minha constantemente. É diferente de dizer: “ah, eu fui expulsa de casa, isso acontece com a maioria das pessoas trans, imagine na minha época, uma pessoa assim ou assado.” Não, comigo era: “eu fui expulsa de casa, na minha época era assim, contigo já foi diferente, tu tem essa sorte, hoje já é assim.” Relatar suas vidas para mim é impossível de ser feito sem que o recorte geracional esteja constantemente sendo situado, e ancore também o ato de lembrar, como uma filha ou neta que pergunta para sua mãe ou avó. Será que notar a passagem do tempo através da comparação geracional teria aparecido tanto nas suas falas, caso houvessem sido entrevistadas sem saber do meu passado ou por outra pessoa que elas achassem ser cis? Afinal, em termos da direção da comunidade trans, eu sou o futuro delas e elas são meu passado e, em termos cronológicos, eu sou o passado delas e elas são o meu futuro.

Jamais saberei com certeza. Uma coisa é certa: todo pesquisador ou pesquisadora sempre leva para campo uma coisa: o próprio corpo. Pode não se ter um diário de campo, mas jamais pode-se ir ao campo fisicamente sem um corpo e viver suas consequências. Muitos pesquisadores, com corpos menos marcados pela diferença, presumem que isso não acontece com eles, mas todo o pesquisar etnográfico não virtual é um pesquisar corporificado. Pesquisamos com o corpo. Que isso se torne consciente para todos nós: com que corpo nós pesquisamos? No meu caso, ainda havia os conhecimentos sobre a minha história através de nossas conhecidas em comum. Era uma etnografia fadada a ser um encontro de gerações a partir do momento em que as divas se encontram com uma mulher de experiência trans e universitária para uma dissertação de mestrado, pois eu pesquiso a partir do meu corpo e suas identificações sociais.

Da mesma maneira que, ao falar do passado, todas justificam suas escolhas baseadas no olhar de quem hoje enfrenta as consequências das mesmas, localizando as causas de suas escolhas nas características de sua geração e

salientando que tais ações influenciaram com que elas pudessem viver enquanto a maioria não conseguiu, elas analisam as suas escolhas de vida em relação a uma geração que contrasta com a geração atual. Elas tiveram escolhas que as novas gerações não tiveram, e não tiveram privilégios e outras escolhas que as novas gerações hoje têm. Ao olhar para a nova geração, elas são levadas a olhar para a própria geração, bem como para as decisões modos de viver que estavam disponíveis. Quando a nova geração é a pesquisadora que pergunta sobre suas trajetórias, é impossível não realizar uma constante comparação, localizando uma vida individual num panorama coletivo que a sustenta.

4.3.1 "Direitos iguais, e dores iguais: a solidão na velhice entre travestis"

Não há de quem esperar o dever do cuidado, dos almoços de família, dos passeios de fim de semana, das ligações eventuais. Nem todas elas, é claro, desejam ter tido uma família. Mas a expectativa social é que, na velhice, as pessoas sejam preferencialmente cuidadas pela família. O envelhecimento de mulheres que não tiveram filhos, e de gays e lésbicas costuma ser entendido como "naturalmente" mais solitário. Quem ligará para essas pessoas, se não os filhos? O abandono da mãe de família é universalmente visto como triste, moralmente condenável, errado. Apesar de ser extremamente comum, é considerado errado. É uma surpresa amarga para as mães e avós, além de uma situação de preocupação social para a sociedade "de pessoas do bem", sendo vista com muita tristeza.

Enquanto o abandono familiar na velhice cisgênera é um fato que as surpreende, a solidão na velhice trans não vem com nenhuma surpresa. As mulheres que não tem filhos, são vistas como figuras trágicas fadadas a "morrer sozinhas". Ainda mais quando não são vistas como mulheres desde sempre, como as travestis, onde tal afastamento familiar é tudo menos moralmente condenável. Alguns diriam que é uma resposta Darwiniana a uma vida de imoralidade. Não há choque para a travesti na terceira idade, em se ver sozinha. Ela não é uma mãe surpresa, magoada, amparada por uma rede de valores que concordam com a monstruosidade do abandono familiar. Ela é uma pessoa sozinha, moralmente condenada muitas vezes, que pode não ter tido filhos e que já foi abandonada pela família no começo da adolescência. Elas recebem essa solidão como uma velha

amiga, alguém que já conhecem de longa data e que, no fundo, sabiam que iria voltar.

Para a sociedade, não há nada de condenável nisso: é o mérito da vida que viveram. Se a mulher cis e a mulher trans são ambas, muitas vezes, abandonadas na terceira idade, uma é vítima de uma tragédia de ingratidão e de choque, a outra é vítima de sua própria natureza e recebe sem surpresas o destino de rejeição familiar que ela já havia sofrido outras vezes na vida. Apesar de muitas travestis terem voltado ao seio familiar e terem sido filhas e tias exemplares, inclusive ajudando financeiramente todos os seus familiares, o que lhe garantiria também um certo sentimento de serem vítimas da ingratidão frente a um novo abandono familiar, elas não se surpreendem: parece que o afeto familiar sempre levantou certas suspeitas. Não é como se tais laços fossem inquebráveis: eles haviam, afinal, sido re-atados, diferente de nunca terem sido quebrados, como se fossem santificados. Inclusive, além do amor e da vontade de voltar ao seio familiar, muitas vezes o apoio financeiro à família é uma técnica de resistência, um certo investimento (mesmo sem garantias) para evitar um futuro e uma velhice desamparadas.

Resistência, afinal, é com elas mesmo.

As menções à solidão, infelizmente, foram bastante comuns nas entrevistas, as quais normalmente aparecem em dois momentos: na solidão de crescer sendo diferente, se pensando única no mundo, sendo rejeitada pela família, inclusive; e na solidão de envelhecer e ainda ser travesti. Mesmo quando falamos de família, como no caso de irmãos e sobrinhos, o possível abandono familiar não é uma realidade surpreendente. A família já rejeitou e abandonou em uma (ou mais) fase(s) da vida, por que seria chocante fazê-lo de novo? A desconfiança de que isso aconteça parece ser prevalente na fala da maioria delas.

Existe também medo da solidão. Ângela me diz que a solidão é muito difícil de lidar, especialmente em momentos em que ela não tem mais a presença constante do marido, que viaja demais, e depois do falecimento de seu animal de estimação. A ideia de morrer abandonada e também de não ser enterrada de maneira adequada, com o corpo em estado íntegro, lhe assusta e preocupa muito. Talvez o medo de tal situação seja em si comum em pessoas velhas, embora as chances de tal coisa acontecer com ela parecem aos seus olhos mais altas devido ao seu relativo isolamento social.

As divas inclusive criam algumas táticas para driblar tal abandono, mesmo se esse não tiver acontecido de fato. Uma entrevistada me relatou que se dava bem com parte da família, mas havia dado imóveis a certos parentes seus, pois sabia que, assim, eles iriam lhe cuidar se ficasse doente ou sem condições físicas de se cuidar. Foi um presente para sua família, mas também uma espécie de investimento para reforçar ou poder cobrar uma segurança em um momento de amparo na velhice. O que se destaca, na vivência de quase todas as entrevistadas é que não confiam cegamente no amor, por mais que acreditem que ele de fato exista, mas acharam melhor reforçar os laços familiares com algo a mais para não correr riscos. Os imóveis eram uma tática, para maior garantia de que o afeto durasse. Afinal de contas, se a aceitação familiar pode ser obtida, porque ela não poderia também ser novamente perdida? A maior exceção foi Maitê, que sempre teve aceitação incondicional de seus avós, mãe e irmãos, e que vive até hoje com sua família, cuidando das sobrinhas e da mãe, com uma irmã em estado vegetativo há muitos anos, todas elas morando lado a lado.

Ainda assim, junto com essa não surpresa em relação a um possível novo abandono, elas não falam disso em tom queixoso. Apenas me alertam, para que eu estude e corra atrás da minha independência financeira. Elas também não iriam se consumir em tristeza, com as dificuldades na velhice e a falta de ajuda, inclusive com um eventual abandono familiar. As táticas de resistência que adquiriram são bastante prevalentes, em todas as fases da vida e seguem na velhice. Quando uma das minhas sujeitas teve uma pensão cancelada e entrou em necessidade, não teve apoio nenhum da família, com quem tem relações cortadas quase inteiramente. Mesmo com uma idade bem avançada, e tomando diversos remédios, penhorou alguns bens, comprou material de construção e contratou alguns obreiros do bairro, para construir duas peças no fundo de sua casa, para poder alugar e complementar a renda.

Fiquei absolutamente preocupada, e quase em pânico, de saber que ela enfrentava tamanha dificuldade sozinha. Acostumada a sobreviver, ela montou esse plano e o realizou apesar da idade, mesmo com dificuldade. Ela não ia ficar abandonada, surpresa e horrorizada de ser forçada a sobreviver numa época da vida onde ela deveria viver tranquila. Não há tempo pra sofrer: é necessário sobreviver antes. Essa não é uma novidade para as *belíssimas*.

Ela sabia que seu envelhecimento não seguiria os moldes tradicionais e, como sempre, estava disposta a correr atrás e dar um jeito. E deu o seu jeito. A solidão machuca, mas não as paralisa: elas a recebem com naturalidade, quase de imediato tentando criar meios de lidar com ela novamente, como afinal fizeram já muitas vezes. Não há surpresa ou luto, em relação ao abandono e à falta de estrutura familiar, como as senhoras cis que viveram a vida inteira dentro de uma aceitação familiar e social. Não é o choque de dizer: “Mas meus filhos, depois de tudo que eu fiz?”, e sim aquele sorriso amargo seguido de um “Ah, eu sabia que, no fundo, vocês nunca mudaram”.

Mesmo quando vivendo vidas bastante convencionais e seguindo as normas de gênero e da sexualidade, existe a consciência de que voltar à abjeção é sempre possível. Elas são os corpos que não importam⁴², como disse Butler, e, nesse momento da vida, ainda afetados pelas questões do envelhecimento. O estigma do velho, como dito por Debert (1999). Há, assim, que se tentar arrumar garantias de que isso não aconteça e também planos para sobreviver caso aconteça. As margens nunca estão tão longe assim do centro da página, especialmente na vida delas.

Além do mais, as vidas que se encontram nas margens da norma precisam constantemente negociar com ela para sobreviverem. As travestis da época das minhas sujeitas são pessoas que cotidianamente negociaram suas vidas e seus corpos com a sociedade. Com os familiares, os amores, os maridos, os clientes, os médicos, os policiais, os militares, as rivais. Todas as relações são constantemente negociáveis e mutáveis, inclusive sendo passíveis de monetarização mesmo quando pessoais. A negociação, na vida delas pode ter o sentido mais prático e óbvio, como também aquele maior e mais metafórico. Sem esse processo de mediação e negociação constante, elas jamais poderiam ter sobrevivido sendo quem são. Para poderem existir, foram obrigadas a explicitamente negociar na casa, na cama, na rua, no palco, em transições, e sem garantias nas transações com a moral, a norma, o desvio, a natureza, a lei, o corpo, a cabeça, o espelho, a violência, a morte.

A habilidade em negociar “de olhos fechados” depois de uma vida inteira de transações, lhes torna capazes de reagir e aptas a fazer negócio, se esse negócio for a sobrevivência e a perseverança. Existir, viver, para elas, foi sempre assim. A

⁴² Butler escreveu “Bodies that don’t matter” em 1993, tendo sido o título traduzido como “Corpos que não importam”. O texto se apoia na matriz heteronormativa já apresentada quando falando da performatividade de gênero, e expande os conceitos sobre corpos que não se conformam a matriz heteronormativa, tornando-se ininteligíveis e abjetos, corpos que não importam a sociedade.

vida, para sobreviver fora dos padrões, é um eterno *Quid pro quo*. E, embora muitas o digam, não acredito que elas sobreviveram por sorte. Existe um ditado no meio das travestis que diz: “Bicha burra nasce homem”. Há que se ter cabeça e, acima de tudo, usá-la muito bem. As divas tem anos de prática, isso faz parte de sua maneira de viver, um eterno senso de sobrevivência. E uma eterna fonte de criatividade.

A solidão, as pensões, as por vezes complicadas relações familiares, os limites físicos do corpo em envelhecimento, não parecem ser encaradas com a perspectiva de “desistir de tudo, de estar cansada demais”. O que o contato com as divas me ensinou é que elas não chegaram até aqui, se pensassem assim. Elas arrumaram um jeito, afinal *bicha sempre tem arte*. Elas podem escolher a tranquilidade, mas jamais se tornam despreparadas para a luta.

Nenhuma delas está disposta a deixar que o capítulo de hoje seja o final do livro. Elas são especialistas em inaugurar novos parágrafos e desfechos (im)possíveis. Afinal, elas são travestis idosas, e, para envelhecer, tem que ter conseguido não morrer cedo, o que no caso delas foi uma façanha e tanto. E ninguém sobrevive só com sorte ou beleza. Nem as *belíssimas*. Há que se ter talento. E, mesmo na terceira idade, elas ainda esbanjam talento, inteligência e fome de vida.

Talvez por isso se costume dizer que uma diva não envelhece: as minhas sujeitas envelheceram sim, elas mesmas o dizem, mudaram com o tempo, mas jamais esmoreceram. Não podem se dar “ao **luxo**” de tanto: suas vidas nunca existiram sem risco, e, por mais que o risco possa estar em todas as vidas, de algum modo, e que as negociações componham a vida de todos/as, habitar a margem produz uma visão muito privilegiada de que nunca se está completamente seguro. As divas não podem evitar cultivar alguma desconfiança. Mas é esse brilho, essa faísca de quem brigou a vida inteira, que as torna quem são.

E ser uma diva, ironicamente, é um **luxo** para poucas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EXISTE UMA PRIMEIRA DE NÓS?

Se ainda não é fácil viver como uma pessoa trans atualmente, quando existem uma série de facilidades se comparado com outros tempos, como imaginar que houve pessoas que viveram essa experiência em tempos mais antigos, de repressão militar, escassez de informação e tecnologia, ausência completa de políticas públicas e ações afirmativas? Mas elas existiram e seguem existindo, mesmo que infelizmente a maioria não tenha conseguido chegar até aqui. As que estão, contudo, não são apenas sobreviventes: elas estão vivas! E nenhuma delas define a juventude como tempo de dificuldade: elas aproveitaram muito. Foram épocas de mais glamour, de shows, carnavais, fervos, contracultura, amores e amigas...bé-li-ssí-mas! Talvez o passado seja sempre bonito quando visto do ângulo da velhice, pois a ideia de passado é habitada pela lembrança da juventude como época maravilhosa: cheia de possibilidades, sonhos e prazeres. Ainda assim, a escassez de idosas trans é indicativo de como a vida delas não foi um caminho muito fácil. Elas foram pioneiras em ocupar espaços, testar novas (bio)tecnologias corporais, resistir e outras tantas coisas.

As vidas de Marcelly, Maitê, Ângela e Claudia foram intensas e marcadas pela necessidade de sobrevivência em meio à auto-descoberta e ao desenvolvimento de si mesmas frente a uma sociedade na qual qualquer corpo fora dos padrões cisheteronormativos precisava ser re-enquadrado na norma, ou, ao contrário, estar preparado para enfrentar as consequências. O preconceito, a violência e a repressão militar foram algumas das formas como a sociedade tentava eliminar aqueles considerados anormais. Tais opressões ainda eram articuladas às questões de classe e cor, que interseccionam com o gênero e produzem diferenças e opressões específicas. E se não fosse suficiente, no meio da década de 80, surge a epidemia de HIV-AIDS. Uma época com pouca informação sobre a nova doença e quase nenhuma prevenção, onde muitas pessoas morreram, de todas as camadas da população e grupos (mas ainda assim a doença foi chamada de “peste gay” na mídia) e a população LGBT sofreu graves consequências, especialmente as travestis que se prostituíam.

Quando se costuma falar com travestis idosas, logo alguém diz ter sido a primeira. A primeira a fazer isso, a primeira a fazer aquilo. Até já ouvi a frase: “A primeira travesti de todas”, como se existisse o espécime 0 das travestis. Adão,

Eva... e Tiffany Tornado! Mas a verdade é que por mais que talvez não exista de fato uma primeira de todas, ou que seja extremamente difícil saber quem foi de fato a primeira a fazer isso ou aquilo, o que parece é que existe uma constante narrativa sobre memória coletiva, sobre um pioneirismo compartilhado da experiência. Disso, advém a importância dessa memória para todo o grupo: porque ela fez, todas hoje fazem ou podem fazer. Se hoje alguém toma hormônio, quem começou com os hormônios foi “fulana”. O que se evidencia nessa narrativa genealógica é que as travestis, como outros grupos minoritários, pensam coletivamente sobre suas memórias: o que alguém fez nos anos 70 é diretamente ligado ao que alguém faz hoje. Ao se falar da primeira travesti, expõe-se a ideia de comunidade, e de que quando alguém trans faz algo, o que ela faz se conecta com o que as outras farão. Como pessoas trans, somos parte de uma linhagem, de uma ancestralidade, somos parte de um nós mais do que simplesmente um eu.

Não é de se estranhar que as falas das minhas divas gaúchas, começam como trajetórias individuais, mas se tornam como trens, onde mais mulheres como elas e pessoas especiais vão entrando, tomando seus lugares, acenando pela janela do vagão, debruçando seus corpos nesta narrativa-locomotiva, e permitindo que se vejam seus rostos sorridentes nas janelas, seus cabelos ao vento, belíssimas. E aos poucos, através da história de quatro pessoas, eu sou apresentada a tantas outras travestis, a maioria já falecida, mas que, no momento em que uma das divas toca em seu nome, jamais esquecida. Ainda capaz de se tornar conhecida por uma pessoa nova, com quem ela nunca cruzou em vida. Na narrativa dessas travestis, tantas viajaram conosco, cruzando diversas linhas, seja dos limites entre os gêneros, quanto os limites entre os países e continentes, e, talvez o mais importante: cruzando os limites do tempo e inclusive da morte.

Busquei, ainda, abordar nesta dissertação muitas questões importantes sobre o cotidiano das entrevistadas, sobre como é, para cada uma delas, envelhecer, em um mundo onde os velhos são constantemente desvalorizados e invisibilizados, e em algumas esferas associados à decadência. Já acostumadas com serem associadas socialmente a imagens negativas, todas criam suas diferentes maneiras de lidar com a velhice. Marcelly segue fervendo como ativista, recusando-se a se ver no lugar da velha. Claudia se dedica ao seu espírito, sentindo que finalmente está desenvolvendo auto-conhecimento e escolhendo uma vida mais tranquila. Maitê não se vê como idosa, ainda frequenta alguns bares com os amigos e segue desfilando

todos os anos no carnaval de Porto Alegre. Ângela vive uma vida de senhora, tentando aproveitar a época de descanso e sua rotina diária em casa. Em comum, todas permanecem capazes de lidar com possíveis adversidades e abandonos, negociando sempre com a cisheteronorma, se virando, sobrevivendo, como fizeram suas vidas inteiras. Elas sabem ser doces velhinhas, mas também sabem ser ácida resistência.

Apesar de maneira geral, de todas terem se reaproximado a suas famílias, especialmente após se tornarem travestis de sucesso e prestígio na Europa, e terem relações boas com vários membros da família, há uma certa lembrança eterna dos tempos em que isso não foi assim. Por isso, ser uma travesti de sucesso era importante: para resgatar afetos e também ter o seu patrimônio. Com a exceção de Maitê, tia, irmã e filha muito amada desde a primeira infância e ininterruptamente, infelizmente a maioria delas sofreu com alguma exclusão familiar em alguma época da vida.

Numa sociedade centrada na ideia de uma família nuclear, o que acontece com as travestis, que em sua maioria não adotou crianças na geração das minhas sujeitas e, por tanto que não são avós e nem mães de ninguém? A sociedade espera de alguma forma que os filhos cuidem dos pais, mas as travestis não são inseridas nem na lógica familiar tradicional nem nas figuras sociais que merecem cuidado por parte de ninguém. Algumas se tornam mães de outras travestis, tias queridas dos sobrinhos, e outras tentam resgatar o contato com a alguém da família de origem (quando é o caso do contato familiar ter sido interrompido e não resgatado antes). Infelizmente existe uma grande prevalência de solidão entre elas. Se a velhice heteronormativa já é bastante invisível, a velhice LGBT é invisível e tabu. Os desafios do envelhecimento das travestis parece ser visto de forma bastante cínica por parte da chamada “tradicional família brasileira”. Envelhecer não é fácil em nossa sociedade de maneira geral, mas envelhecer como travesti é normalmente ainda mais difícil.

Há que se ser uma diva.

Para minha surpresa, a expressão *belíssima*, certamente algo que eu não esperava que fosse mais que um bordão, tomou uma centralidade na dissertação, revelando-se uma palavra quase evocatória, que me conduziu a diversos aspectos da vida e da memória de todas sujeitas. Belíssimas, além de uma forma de evidenciar uma construção de si mesma, que é cheia de artifícios, mesmo quando

tenta dar a ideia de natural, e representa também o sucesso completo do ser travesti, é uma forma com qual as minhas sujeitas marcam o tempo, revelando diferenças geracionais importantes, tanto em relação aos padrões de cada época, como para construir uma narrativa sobre a memória coletiva, trazendo o retrato de sua geração e também o afeto pelas companheiras que em sua maioria já se foram. Belíssima atua como uma palavra “um tanto mágica”, que ao ser dita, borra temporalidades, remete ao presente e ao passado, sem distinções claras e ordem, nos posicionando entre a maneira como estas travestis vivem e se pensam atualmente e as lembranças baseadas em como elas viveram e pensaram.

Como esta dissertação é sobre como travestis idosas do Rio Grande do Sul envelhecem e marcam a passagem do tempo e a narrativa da memória coletiva, não poderia deixar de contar, então, uma história sobre um passado recente. Durante a produção desta dissertação, em 2018, recebi o telefonema de minha orientadora me avisando que havia alguém que queria muito me conhecer e falar da minha pesquisa. Este alguém era ninguém menos que João W. Nery, considerado “o primeiro homem trans do Brasil”. João foi um dos primeiros homens trans que passou por modificações corporais cirúrgicas no país, vivendo anos incógnito (mas, em 1984, escreveu sob pseudônimo o livro “Erro de pessoa: Joana ou João?”), até escrever sua autobiografia em 2012: “Viagem Solitária: memórias de um transexual 30 anos depois”.

João foi um grande ativista e ajudou milhares de pessoas com a sua história e inteligência. Fiquei atordoada, até nervosa, com a expectativa de conhecer uma lenda, e extremamente confusa: o que ele queria comigo? Quando cheguei na casa da Paula, ele estava lá, sorridente, cansado, sentado no sofá, com algumas dores, mas com o tradicional chapéu panamá branco na cabeça. João contou que estava escrevendo um livro sobre as velhices trans, e, de passagem pela cidade para discursar sobre os direitos da população trans em evento do Conselho Regional de Psicologia, ficou interessado em me conhecer por ter conversado com minha orientadora, Paula, que lhe falou muito da minha pesquisa. Conversamos sobre o que eu estava estudando e sobre muitas das questões relacionadas ao envelhecimento trans que estão nesta dissertação, sem violar a privacidade das minhas sujeitas, por uma ou duas horas. Ele fumava sem parar e eu lhe pedi um cigarro. João, com um jeito inconscientemente meio sedutor, me ofereceu o cigarro e perguntou da minha vida.

Trocamos algumas histórias, ele recitou algumas frases russas (por causa do meu sobrenome), e tivemos um momento de troca intelectual inesquecível. No final, ele perguntou se eu não lhe mandaria minhas análises. Ele também me incentivou para que terminasse a dissertação. Envergonhada, expliquei que elas ainda não tinham sido revisadas, estando confusas e cobertas de erros ortográficos, que poderia mandar depois de arrumá-las um pouco. João sorriu, comentou que estava com um problema de saúde grave e terminou dizendo: “Por isso, manda com erros mesmo. Não me importo. Só manda assim que chegar em casa. É que como lhe comentei, eu não tenho tempo a perder”. A frase foi dita sem vitimismo ou chantagem, mas atingiu como uma pedrada. Enviei a dissertação para ele quando cheguei em casa, ainda impactada com sua franqueza e calma. Trocamos um ou dois e-mails a respeito, e não nos falamos mais.

Em Outubro de 2018, João se foi, deixando seus escritos, e, entre muitas coisas, essa memória. Escrevi esta dissertação com muito afeto e admiração por Claudia, Marcelly, Ângela, Maitê, e, também, por João. Que cruzou o meu caminho, mas também, agora, entrou em nossa narrativa-locomotiva, de chapéu panamá branco mas sem bengala, piscando o olho faceiro e acenando da janela, como um verdadeiro Divo.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200010>. Acesso em: 20 jul. 2017.

ALVES, J. A. Topografias da violência: necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 22, p. 108-134, 2011.

AMARAL, M., S.; CRUZ, K. O.; SILVA, T. C.; TONELLI, M. J. F. Do travestismo às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 301-311. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000200007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 jul. 2017.

ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?**. 2010. 268 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. **Travestis envelhecem?**. São Paulo: Annablume, 2013.

BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BAUMAN, R. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitário**. V Congresso Nacional de Educação, I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Curitiba. Anais do V Congresso [...], p. 329-341, 2011.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERTAUX, D. **L'enquête et ses méthodes**: le récit de vie. 2. ed. Paris: Nathan Armand Colin, 2005.

BONASSI, B. C. **Cisnorma**: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2017.

BUTLER, J. **Bodies that matter**. New York: Roudedge, 1993.

_____. **Excitable speech**: a politics of the performatives. New York: Routledge, 1997a.

_____. **The psychic life of power**: theories in subjection. Stanford: Stanford University Press, 1997b.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 jul. 2017.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil, Rio de Janeiro, Pallas. 2001.

DEBERT, G. G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, 1997.

_____. **A reinvenção da velhice**: socialização e reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (FAPESP), 1999.

DUARTE, G. de O. **O 'Bloco das Irenes'**: articulações entre amizade, homossexualidade(s), e o processo de envelhecimento. 2013. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ECKERT, C. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. **Revista Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, Porto Alegre, 1994-1997.

_____. A saudade em festa e a ética da lembrança. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 182-192, jan. 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12570/11739>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. In: KOURY, M. G. P. (Org.). **Imagem e memória**: estudos em antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

FLAUZINA, A. L. P. **O corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro. 2006. 146f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

_____. As fronteiras raciais do genocídio. **Revista de Direito da Universidade de Brasília**, Brasília, v. 01, n. 01, p. 119-146, jan./jun. 2014.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: 34. 1999.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HENNING, C. E. **As diferenças na diferença**: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos idosos LGBT. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 283-323, jan.-abr. 2017.

_____. Is old age always already heterosexual and cisgender? LGBT Gerontology and the formation of the LGBT elders. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 132-154, 2016.

_____. **Paizões, tiozões, tias e cacuras**: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. 2014. 422 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2014.

HARAWAY, D. J. “**Manifesto ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KERRY DOS SANTOS, D. **Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC**. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/99367>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

LACOMBE, A. **Ler[se] nas entrelinhas**: sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LANGDON, E. J. A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999.

_____. A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença. **Etnográfica**, Lisboa, v. V, n. 2, pp. 241-260, 2001.

LATOURET, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LIMA, T. G. **Tornar-se velho**: o olhar da mulher homossexual. 2006. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LINS DE BARRO, M. M. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

MALUF, S. W. Gênero, poder feminino e narrativas de bruxaria. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Entre a Virtude e o Pecado**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p. 191-212.

_____. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 69-82, 1999.

MORAES, A. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200010>. Acesso em: 21 jul. 2017.

MOTA, M. P. da. Homossexualidade e envelhecimento: Algumas reflexões no campo da experiência. **SINAIS**, Vitória, v. 1, n. 6, p. 26-51, dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/sinais/article/download/2752/2220>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

MOUNTIAN, I. Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 31-44, 2015. Disponível em: <<http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-mountian/1286-pdf-pt>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

MOUNTIAN, I.; MONTEIRO, I.; VASCONCELOS, R.; COSTA, N.; SANDER, V.; CARNEIRO, J. **Travestilidade e transsexualidade e o acesso à saúde**. Relatório para o Ministério da Saúde. Documento não publicado, 2012.

NEMAN DO NASCIMENTO, M. "Old sertaneja song": narrating a backcountry life story about aging process in homosexuality. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 155-171, 2013.

OLIVAR, J. M. N. **Devir puta**: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 358p.

OLIVEIRA, L. H. de. "**Travesti envelhece, não vira purpurina!**": um olhar interseccional sobre a(s) velhice(s) na experiência de travestis em Belo Horizonte. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, M. J. **O lugar do travesti em Desterro**. 1997. 205 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

PAIVA, C. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Revista Bagoas**, Natal, v. 3, n. 4, p. 191-208, jan./jun. 2009.

PASSAMANI, G. **(Contra) pontos**. Ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações. Campo Grande/MS: UFMS, 2013.

PELÚCIO, L. M. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo da AIDS. 2007. 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

_____. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2009.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/4295>> . Acesso em 21 jul. 2017.

POCAHY, F. A. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PRECIADO, B. Paul. Manifesto contrasexual. Barcelona: Anagrama, 2011a

RICOUER, P. **Tempo e narrativa (tomo I)**. São Paulo: Papirus, 1994.

_____, P. **Tempo e narrativa (tomo II)**. São Paulo: Papirus, 1995.

_____, P. **Tempo e narrativa (tomo III)**. São Paulo: Papirus, 1997.

ROSALDO, R. Ilongot hunting as story and experience. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (Org.). **The Anthropology of experience**. Decatur/USA: University of Illinois, 1986. p. 97-138.

SAGGESE, G. S. R. **Entre perdas e ganhos**: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, H. R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Iser, 1993.

SIMÕES, J. A. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. **Revista A Terceira Idade**, São Paulo, v. 22, n. 51, jun. 2011.

SIQUEIRA, M. S. **Sou Senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

_____. **Arrasando horrores:** uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas. 2009. 530 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOLIVA, T. B. **Sob o símbolo do glamour:** um estudo sobre homossexualidades, resistência e mudança social. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TURNER, V.; BRUNER, E. Social dramas and stories about them. In: MITCHELL, W. J. T. (Org.). **On narrative**. Chicago/USA: University of Chicago Press, 1981. p. 137-164.

_____. **The Antropology of experience**. Decatur/USA: University of Illinois, 1986.

VARGAS, J. H. C. Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 75-131, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2019.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.